

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CAMPUS DE MARÍLIA

EMERSON CORREIA DA SILVA

AS APROPRIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE ÉDOUARD CLAPARÈDE
NO BRASIL (1928-1973)

MARÍLIA/SP

2013

EMERSON CORREIA DA SILVA

AS APROPRIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE ÉDOUARD CLAPARÈDE
NO BRASIL (1928-1973)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC/UNESP, campus de Marília/SP.
Área de concentração: Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira.
Linha de pesquisa: Filosofia e História da Educação no Brasil.

Bolsa: CNPq e CAPES.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery.

MARÍLIA/SP

2013

Silva, Emerson Correia da
S586a As apropriações e representações de Édouard Claparède
no Brasil (1928-1973) / Emerson Correia da Silva. –
Marília, 2013.
185 f. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de
Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2013.
Bibliografia: f. 172-177
Orientador: Ana Clara Bortoleto Nery.

1. Claparède, Édouard (1873-1940). 2. Educação. 3.
Psicologia infantil. I. Autor. II. Título.

CDD 370.15

EMERSON CORREIA DA SILVA

AS APROPRIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE ÉDOUARD CLAPARÈDE
NO BRASIL (1928-1973)

Texto para Defesa de Tese de Doutorado em Educação

Banca examinadora

PROFA. DRA. ANA CLARA BORTOLETO NERY – Orientadora
Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília – UNESP

DR. JOAQUIM ANTÓNIO DE SOUSA PINTASSILGO
Universidade de Lisboa – UL

PROFA. DRA. DENICE BARBARA CATANI
Universidade de São Paulo – USP

DRA. MARIA RITA DE ALMEIDA TOLEDO
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

DRA. IRAIDE MARQUES DE FREITAS BARREIRO
Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP

Para Magali, Danielly e Rafaela.

AGRADECIMENTOS

São muitos os agradecimentos para aqueles que apoiaram a realização deste trabalho.

Às agências de fomento CNPq e CAPES que financiaram este trabalho.

À UNESP, aos seus professores, funcionários e alunos, responsáveis por minha formação como acadêmico.

Aos funcionários responsáveis pelos acervos da Escola Estadual Sud Mennucci de Piracicaba, da UNESP/FFC, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e Universidade de Genebra.

Aos familiares, tio Carlos, meus pais, irmãos e amigos que me receberam em suas casas em viagens de pesquisa e estadias, algumas não tão curtas como desejado. Em especial para Leandro, Rogério, Sônia, Tainara e Débora, Fátima, Mariana Galluzzi, Daniela Francisco. De Genebra aos professores Sylvia Parrat Dayan, Marcelo Carneiro e ao amigo Vitor Fonseca.

Aos professores que me enviaram textos e livros, especialmente ao professor Carlos Monarcha.

Aos amigos Fabiano, Silvana, Edna, Jorcelina, Marcelo e Laura.

À Danila e Juliana Frainer pela leitura cuidadosa.

Betina, Flávio e Doroceli, pelo apoio.

À Danielly por todo amor, confiança e apoio incondicional.

Ao coorientador desta tese em na Universidade de Lisboa, período de rica convivência intelectual e aprendizado que tanto contribuíram para este texto, professor Joaquim Pintassilgo e também à professora Maria João Mogarro, meu muito obrigado.

Às participantes da banca professoras Denice Barbara Catani, Maria Rita de Almeida Toledo e professora Iraide Marques de Freitas Barreiro, meus agradecimentos por suas considerações inestimáveis e colaboração.

À orientadora desta tese, professora Ana Clara B. Nery, minha formadora, meus sinceros e eternos agradecimentos.

Agradeço também a tantos outros que apoiaram e ajudaram neste empreendimento.

RESUMO

A presente tese de doutorado objetiva analisar as apropriações e representações do médico e psicólogo suíço Édouard Claparède no Brasil a partir dos seus livros publicados entre os anos de 1928 a 1973. Dividindo este em objetivos específicos, buscamos compreender a circulação de suas obras promovidas por diferentes editoras e grupos em seus Estados; e analisar as inclusões – principalmente as modificações editoriais – feitas por brasileiros. Para alcançar tais objetivos analisamos as obras do autor suíço, entremeadas por cartas, textos, documentos, etc., com fins ao entendimento dos modos como Claparède foi, nos termos de Certeau, apropriado pelos editores e brasileiros, os modos como ele foi absorvido e como optaram por colocarem seus textos no mercado. Partindo de uma perspectiva da circulação de saberes no campo da educação, tomamos, inicialmente, Claparède a partir da ideia de estrangeiro indígena e das ritualizações editoriais para a tradução e publicação de seus textos. Seus tradutores realizaram um processo de naturalização do autor estrangeiro. Assim está posta nossa tese: A constituição da imagem de Claparède é a mediada por diferentes amalgamações de rituais feitos por Lourenço Filho, Damasco Penna e Helena Antipoff. Como resultado deste trabalho elencamos aspectos materiais de cada livro do autor publicado no país, cartas e contratos com editoras, e mesmo procedemos o cálculo das inserções de cada editor nas obras.

Palavras-chave: Édouard Claparède. Circulação de saberes. Apropriação. Representação. Ritual.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the appropriations and representations of Swiss psychologist and medical Édouard Claparede in Brazil, observed from their books published between the years 1928-1973. Our specific objectives put focus on the circulation of their works promoted by different publishers or groups and analyze the inclusions - mainly editorial changes - made by Brazilians. To achieve these goals we analyze the works of Swiss author, his books, letters, articles, documents, to understand the ways Claparede was (in terms of Certeau) consumed by the Brazilians editors and readers, the ways in which he was absorbed and how they put their texts on the market. From the perspective of the circulation of knowledge in the field of education, we understand Claparede from the idea of *indigenous foreigner* and editorial rituals for the translation and publication of his texts. Their translators performed a process of naturalization of the foreign author. In this way, our thesis is placed: The formation of the image of Claparede in Brazil is mediated by different amalgamations of rituals performed by Lourenço Filho, Helena Antipoff and Damasco Penna. As a result we selected material aspects of each book published in Brazil by Edouard Claparede, which are considered his letters and contracts with publishers, and even proceeded to calculate the inserts of each editor in the works.

Keywords: Édouard Claparede. Circulation of knowledge. Appropriation. Representation. Ritual.

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à analyser les appropriations et les représentations du psychologue et médicaux suisse Édouard Claparède au Brésil à partir de leurs livres publiés entre les années 1928-1973. Comme objectifs spécifiques, nous cherchons à comprendre la circulation de leurs œuvres promues par différents éditeurs ou de groupes et d'analyser les inclusions - principalement des changements éditoriaux - faites par les Brésiliens. Pour atteindre ces objectifs, nous analysons les œuvres de l'écrivain suisse, ses lettres, textes, documents, articles, pour comprendre comment l'auteur a été appropriée par les éditeurs et les lecteurs Brésiliens, et comment les éditeurs ont choisi de mettre leurs textes sur le marché. À partir du point de vue de la circulation des savoir dans le domaine de l'éducation, nous étudions l'auteur Claparède observant le concept de « étranger indigène» et éditoriale rituel pour la traduction et la publication de ses textes. Leurs traducteurs ont tenu un processus de naturalisation de l'auteur étranger. Comme on le verra, notre thèse est défini: La formation de l'image de Claparède est médiée par les différents regroupements de rituels éditoriale exécutés par Lourenço Filho, Helena Antipoff et Damasco Penna. Les résultats de ce travail, nous présentons les aspects matériels de chaque livre du auteur publiés dans le pays, des lettres et des contrats avec les éditeurs, et même procédé à calculer les inserts de chaque éditeur dans les travaux.

Mots-clés: Edouard Claparède. Circulation des savoirs. Appropriation. Représentation. Rituel.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Foto de Claparède em A escola e a psychologia experimental.....	55
Figura 2 – capa de A escola e a psychologia experimental	58
Figura 3 – Capa de A educação funccional (1933)	96
Figura 4 – Claparède em sua casa	148
Figura 5 – Divisa do IJJR	153
Figura 6 – Ilustração do edifício que abrigou o IJJR de 1912-1923	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Publicações de Claparède – Brasil (1928-1973)	33
Tabela 2 – Livros de Édouard Claparède publicados no Brasil - síntese	35
Tabela 3 – Relação de cartas e documentos do acervo pessoal de Claparède.....	36
Tabela 4 – A escola e a psychologia experimental (1928). Número de citações, por autor	69
Tabela 5 – Livro A escola e a psychologia experimental (1928). Autores citados - todos	70
Tabela 6 – Livro A escola e a psychologia experimental (1928). Menções - autor - Claparède.....	71
Tabela 7 – Menções - tradutor - Lourenço Filho.....	72
Tabela 8 – Menções - Editora	73
Tabela 9 – Verba do Laboratório de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Genebra	86
Tabela 10 – A educação funcional (1933): número de citações por autor.....	103
Tabela 11 – A educação funcional (1933): menções todos.....	104
Tabela 12 – A educação funcional (1933): menções - autor - Claparède.....	106
Tabela 13 – A educação funcional (1933): menções - tradutor - Grabois	107
Tabela 14 – A educação funcional (1933): menções - Editora	108
Tabela 15 – A educação funcional (1950): número de citações por autor	119
Tabela 16 – A educação funcional (1950): menções todos.....	120
Tabela 17 – A educação funcional (1950): menções - Claparède.....	121
Tabela 18 – A educação funcional (1950): menções - Damasco Penna.....	122
Tabela 19 – A educação funcional (1950): menções - Grabois, Jayme	123

Tabela 20 – A educação funcional (1950): menções editora	124
--	-----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	19
FONTES	32
METODOLOGIA	37
PERIODIZAÇÃO.....	46
PARTE I: LOURENÇO FILHO	51
CAPÍTULO 1: ESCOLA E A PSYCHOLOGIA EXPERIMENTAL	52
1.1 REPRESENTAÇÃO DE UMA VIDA – “UM GRANDE GUERREIRO”.....	62
CAPÍTULO 2: MANUSCRITOS QUE PERMEIAM AS IMAGENS IMPRESSAS	75
2.1 CARTAS SELECIONADAS.....	78
2.2 CONTATOS EDITORIAIS.....	79
2.2.1 Lourenço Filho: primeira edição de um livro de Claparède.....	79
2.2.2 A segunda edição de <i>A Educação Funcional</i> : Damasco Penna.....	81
2.2.3 Convite para Claparède da Faculdade de Ciências da Educação no Rio de Janeiro	82
2.2.4 Financiamento e custos científicos da época.....	85
2.2.5 Circulação de pessoas e saberes	88
PARTE II: J. B. DAMASCO PENNA	92
CAPÍTULO 3: EDUCAÇÃO FUNCIONAL	93
3.1 A EDUCAÇÃO FUNCIONAL DE JAYME GRABOIS (1933)	94
3.2 EDUCAÇÃO FUNCIONAL DE DAMASCO PENNA.....	108
3.2.1 A educação funcional, edição de 1950	111

PARTE III: ANTIPOFF: apropriações autorizadas e mitificação	126
CAPÍTULO 4: ESCOLA SOB MEDIDA.....	127
CAPÍTULO 5: PSICOLOGIA DA CRIANÇA E INVENÇÃO DIRIGIDA	160
5.1 PSICOLOGIA DA CRIANÇA E PEDAGOGIA EXPERIMENTAL	160
5.2 INVENÇÃO DIRIGIDA	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS.....	172
APÊNDICE A – LIVRO: A ESCOLA E A PSYCHOLOGIA EXPERIMENTAL. 1928:	
TODOS OS AUTORES	178
APÊNDICE B – LIVRO: A ESCOLA E A PSYCHOLOGIA EXPERIMENTAL, 1928:	
CITADOS POR CLAPARÈDE	181
APÊNDICE C – RELAÇÃO DAS CARTAS	183

APRESENTAÇÃO

O médico e psicólogo suíço Édouard Claparède (1873-1940) teve uma trajetória acadêmica produtiva e efervescente. Foi professor na Universidade de Genebra, um dos fundadores do Instituto Jean-Jacques Rousseau, ocupou cargos de direção nos congressos internacionais de psicologia, da Liga Internacional pela Educação Nova, da revista *Archives de Psychologie*. Conviveu com grandes pesquisadores de seu tempo, Binet, Flournoy, Ferrière, entre outros. Envolvido em embates pela definição da educação nova, da entrada da Psicologia como disciplina integrante do campo da educação, pelo uso de testes nas escolas, passa a ter suas obras replicadas pelo mundo, a ser convidado a falar sobre seus estudos e a ensinar os modelos educativos experimentados pelo Instituto Jean-Jacques Rousseau e *Maison des Petits*.

A presente tese de doutorado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília e em estágio de doutorado pela Universidade de Lisboa, objetiva analisar as apropriações e representações de Édouard Claparède no Brasil a partir dos seus livros publicados no país entre os anos de 1928 a 1973. Dividindo este em objetivos específicos, buscamos compreender a circulação de suas obras promovidas por diferentes editoras e grupos em seus Estados; e analisar as inclusões – principalmente as modificações editoriais – feitas por brasileiros.

Para alcançar tais objetivos apresentamos as análises das obras do autor suíço, entremeadas por cartas, textos, documentos, com fins ao entendimento dos modos como Claparède foi apropriado pelos editores e brasileiros, os modos como ele foi absorvido e como optaram por colocarem seus textos no mercado.

Partindo de uma perspectiva da circulação de saberes no campo da educação, tomamos, inicialmente, Claparède a partir da ideia de *estrangeiro indígena*. Nessa partida, defendemos que Claparède foi oferecido no Brasil como um autor estrangeiro portador de soluções para os problemas brasileiros, mesmo que ele vivesse a milhares de quilômetros de distância do Brasil e pouco conhecesse do país. Entendemos seus tradutores realizaram um processo de naturalização do autor estrangeiro.

Deste início, estabelecemos um ponto a ser problematizado: as operações que envolvem a constituição do estrangeiro em nativo. Entendemos que o que permite e modula essas apropriações foram os diferentes rituais empreendidos para mediar a recepção de Claparède.

Na trajetória de pesquisa nos debruçamos sobre a *ritualística editorial* empreendida nos diferentes livros e, ao final, entendemos que nessa suposta naturalização opera-se a imagem brasileira de Claparède oferecida ao público, nesse ritual de apropriação encontra-se a imagem de Claparède reconstituída.

Assim está posta nossa tese: A constituição da imagem de Claparède é a mediada por diferentes amalgamações de rituais feitos por Lourenço Filho, Damasco Penna e Helena Antipoff.

O ritual media a relação entre público e autor e permite a identificação do leitor. Como metáfora, nos reportamos aos rituais antropofágicos dos tupinambás¹ e a forma como os *Modernistas* da *Semana de 1922* no Brasil artisticamente repensaram essa relação.

¹ Comer a carne do oponente dependia de alguns requisitos: o oponente ser forte e respeitado; passar pelo ritual, ser enfeitado, bem alimentado, bem tratado, ele era vestido como um local. Sem esses requisitos o guerreiro estrangeiro não poderia ser comido, pois não haveria interesse. Claparède passou por um processo de apropriação e representação no Brasil, por meio de mediações editoriais feitas pelos grupos Brasileiros. Em outras palavras, Claparède foi recebido no Brasil por que foi ritualizado pelos brasileiros.

Autores como Lourenço Filho, Damasco Penna e Antipoff, entre outros que o estudaram, não evidenciavam esse tipo de apropriação. Pelo contrário, nas suas edições estava pressuposta a tradução mais fiel possível, promovia-se o texto de Claparède em estado puro. Nas diferentes edições ao longo do tempo apresentava-se um autor suíço, renomado internacionalmente em diferentes campos da ciência, dotado de repostas para os problemas nacionais.

Para nossa tese, mudamos escopo do conceito de *estrangeiro indígena* manejado por Popkewitz (2008). Entendemos que há um ponto importante a ser explorado: a ritualização feita pelo editor/tradutor local. Defendemos que das diferentes formas possíveis de se rastrear uma apropriação o olhar atento para o *ritual editorial* demonstra os interesses dos editores/tradutores, as suas estratégias, e parte de seus planos. São pontos fundamentais da leitura que se apresenta ao público. Não negamos o conteúdo, nem mesmo as nuances de cada tradução, mas para esta tese optamos por focar neste caminho, os modos como as apropriações e representações se constituem.

Percorreremos, principalmente, os livros publicados pelo autor no Brasil, 5 em pelo menos 12 reedições, e cartas trocadas entre o autor e educadores brasileiros. O texto está organizado em três unidades principais em que se destacam editores/tradutores e apropriações constituídas a cada tempo. São eles Lourenço Filho, Damasco Penna e Helena Antipoff. Nos diferentes momentos há outros autores envolvidos nessas questões, os três foram escolhidos pela proximidade com o autor em estudo, por terem trocado cartas e mesmo convivido com ele. Do mesmo modo, por serem autores que causaram maior impacto sob a imagem do autor no país.

Em dois momentos iniciais trazemos análises intensivas quantitativas dos livros mais emblemáticos do autor nas décadas de 1920 a 1950. Concluímos com as representações biográficas constituídas após 1960 até os dias atuais.

Textos e estudos mais recentes sobre o autor não foram incluídos nas análises, embora apontados aqui, são trabalhos da área da Pedagogia e Psicologia, alguns historiográficos, em que os autores debruçam-se sobre a Psicologia de Claparède, sobre seus conceitos, ou forma de entender o mundo.

Os resultados atestam a importância ritualística feita por caciques da educação brasileira, a saber, Lourenço Filho, Damasco Penna e mais tarde Helena Antipoff. Também fica registrada a trajetória acadêmica de Claparède pelo Brasil, e as formas que ele operava.

Entendemos que os motivos que são próprios dos tradutores, editores e público, tem um peso fundamental no sucesso de suas traduções em cada país. O autor estrangeiro não tem a solução pensada para todos os lugares, cada lugar tem seus problemas e dinâmicas particulares. Procuraremos entender como os brasileiros fizeram valer suas necessidades via o pensador estrangeiro Claparède.

Mostraremos, via ritual editorial, que na materialidade da obra constituída, nas mudanças elaboradas pelos editores e tradutores em cada livro, ficam marcadas as autorias de cada um.

INTRODUÇÃO

Na dissertação de mestrado defendida em 2009 – na Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências, campus de Marília/SP – intitulada *A constituição do campo de formação de professores: o caso da Escola Normal de São Carlos (1911-1920)*², assim como no período em que desenvolvemos pesquisa de iniciação científica, durante o curso de graduação em Pedagogia (2003-2006), na mesma Universidade, tivemos como foco de trabalho os periódicos *Excelsior!* (1911-1916) e *Revista da Escola Normal de São Carlos* (1916-1923). Ambos circularam por Escolas Normais de São Paulo, publicados por alunos e professores, respectivamente. Dessas experiências destacamos dois pontos fundamentais para a consecução dessa pesquisa: o estudo das operatórias editoriais pautadas pelas contribuições de Roger Chartier (2002); e o crescente aparecimento de citações a autores, artigos e livros ligados à psicologia, prescritos para alunas e alunos das Escolas Normais, entre eles o médico e psicólogo suíço Édouard Claparède (1873-1940), objeto desta pesquisa.

Primeiramente, entre os anos de 2005 e 2006, no projeto *Escritos de alunos: a revista Excelsior!*³ desenvolvemos pesquisa de iniciação científica que se pautou pela digitalização e disponibilização de *Excelsior!*, periódico que circulou entre 1911 a 1916 na Escola Normal de São Carlos e outras normais do estado, além de estudo de seu ciclo de vida. Dessa pesquisa resultou o trabalho de conclusão de curso intitulado *O professor ideal em Excelsior! (1911-1916): a revista dos alunos da Escola Normal de São Carlos*⁴. Construído em torno do tema

2 Bolsa FAPESP-MS-2.

3 Bolsa FAPESP-IC.

4 Publicado em 2007 pela editora Rima.

associativismo estudantil/grêmio normalista, temática pouco explorada na historiografia contemporânea, tomamos como objetivo a análise do ciclo de vida e de aspectos da materialidade dessa revista, norteado pelos estudos de Chartier, para compreender a perspectiva de ideal de formação de professores por parte da comunidade escolar, assim como o modo pelo qual esse periódico pretendeu firmar-se como divulgador de um ideário literário e pedagógico.

Como resultado apontamos os indícios de uma forma específica de organização da associação estudantil e sua revista, fundamentada na dependência estrutural em relação aos professores da escola e à Inspeção Geral da Instrução Pública. Do recorte proposto, com delimitação centrada no ideal de professor divulgado por meio de *Excelsior!*, observamos a caracterização de tal ideal a partir da perspectiva da produção do periódico e das concepções em torno do Método Intuitivo, resultando em um periódico que atendia à função normatizadora da Escola, selecionando, premiando e divulgando as representações de bons alunos e futuros professores comprometidos com a instrução, além de atender à função de suporte material das práticas escolares, com a divulgação de exercícios de aula, indicação de livros, autores e notícias educacionais.

Durante os anos de 2007 e 2008, no desenvolvimento do projeto de mestrado retomamos a pesquisa iniciada na graduação, buscando uma análise mais aprofundada, dessa vez a partir da *noção de campo e habitus* de Pierre Bourdieu (1983), considerando o espaço em que *Excelsior!* foi produzida. Nessa pesquisa analisamos outro periódico a *Revista da Escola Normal de São Carlos* (1911-1923), produzida pelos professores da referida escola, buscando um contraponto entre a ação do professor em *Excelsior!*, observando seus modos de educar e agir e as explicações e diferenciações dadas na *Revista da Escola Normal de São Carlos*,

espaço privilegiado do professorado são-carlense, focando o tema *habitus professoral*. Na dissertação, buscamos compreender o modo pelo qual esses periódicos levaram adiante a função de configurar um *habitus* específico, projetando uma imagem de professor idealizado, a imagem do novo mestre, do mestre republicano, nacionalista, progressista, engajado e abnegado. Um mecanismo pedagógico por excelência, o periódico estudantil exercitava e publicizava o *habitus discente e docente*, modelos a serem apreendidos e representados.

Os periódicos mostraram-se ricos instrumentos para estudo do campo educacional paulista. As diferenças entre os materiais de leitura do professor e do aluno revelavam o que era ser professor e o que era ser aluno. Assim, não podemos deixar de pensar as diferentes formas de tentativa de controle sobre a leitura e a escrita presentes desde a concepção dos periódicos, ao tipo de leituras oferecidas, sendo *Excelsior!* uma revista propriamente literária, nacionalista e ufanista, diferentemente da revista dos professores em que estes eram únicos responsáveis pelo que escreviam e tinham preferência pelos temas considerados de maior importância da educação.

Verificamos ainda a organização dos periódicos a partir de sua produção, primeiramente *Excelsior!* motivada por personalidades de peso no campo educacional paulista da época como Oscar Thompson, João Chrysostomo, João Lourenço Rodrigues, João de Toledo entre outros, configurando-se como um *metaperiódico*, que tentava firmar-se e explicar-se, a seu modo, para seu público.

Já a *Revista da Escola Normal de São Carlos*, era dirigida para um público mais seletivo e acostumado com a leitura, um periódico que possuía recursos editoriais mais simples, pois consideravam que não fossem necessárias técnicas gráficas que fossem chamativas, como fotografias e ornamentos em bordas. Os

professores priorizaram as discussões educacionais e políticas de emergência do momento criando um periódico com maior número de páginas e, conseqüentemente, de espaço para o professor discutir os assuntos que lhe interessavam. Na *Revista dos professores* destacamos por sua posição os professores Carlos da Silveira e João de Toledo.

Tais revistas expõe parte do cotidiano da Normal de São Carlos e do que acontecia em suas aulas. Chamou atenção o fato de já em meados dos anos de 1910 Claparède ter seu nome divulgado entre os alunos, no periódico dos alunos, revista esta de perfil moderno e conservador. Nesse caso específico, a revista passava por um período, de aproximadamente três anos, em que se voltou para trabalhos desenvolvidos em aula pelo professor da cadeira de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica, João Augusto de Toledo, principal apoiador da revista no momento. Os trabalhos publicados na revista centravam-se principalmente em Alfred Binet (1857-1911), William James (1842-1910), Ugo Pizzoli (1863-1934), os dois primeiros foram referência na formação de Claparède (1873-1940).

Um exemplo interessante é a transcrição do discurso de paraninfo da turma de professorandos da Escola Normal Primária da Capital publicado em *Excelsior!* pelo professor Roldão Lopes de Barros, outro ícone da educação paulista. Trata do *interesse* e seu papel como fator educativo, e por conseqüência da Psicologia, assunto considerado, pelo autor, como de vital alcance no ensino. No preâmbulo do discurso é chamada a atenção ao fato de o professor Roldão Lopes de Barros ter sido escolhido como paraninfo, devido ao um grande interesse na nova disciplina por ele ministrada, a de Pedagogia. Entre os autores citados por Barros,

estão Johann Friedrich Herbart (1776-1841), Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), Jules-Gabriel Compayré (1843-1913) e Claparède.

No período inicial da República brasileira, não podemos deixar de lembrar a importância crescente dos gabinetes de psicologia experimental nas escolas normais, do aumento de publicações na área de Psicologia, das visitas de autores internacionais renomados da área, como Pizzoli, por exemplo, pontos que demonstram a atenção que a educação começava a dispensar à psicologia educacional.

Assim pudemos compreender via materialidade e representações veiculadas nos impressos, as concepções de educação e de mundo que circulavam naquele espaço, assim como os projetos da Instrução Pública Paulista para com a educação republicana e a importância estratégica do alunado como mudança de paradigma educativo que se realizava.

Neste estudo de mestrado mapeamos as fontes dos impressos e foi possível perceber que na década de 1910 a circulação de conhecimentos relativos ao que na década de 1930 ficou conhecida como Escola Nova. Não foi surpresa para este trabalho encontrar uma matriz comum entre Claparède, os autores difundidos por Lourenço Filho e os autores veiculados em *Excelsior!* A base que nos referimos é a de autores que hoje também são estudados nos cursos de considerados clássicos do conhecimento pedagógico, a saber, Rousseau, Herbart, Binet, Rabelais, etc.

O que muda nesses nomes é a forma de abordar, o olhar mais atento para questões específicas de interesse pessoal, rastreáveis tanto nos textos como nos paratextos, como capas da revista onde se destacavam mobiliário moderno de

laboratório, ou nas inserções feitas pelos professores onde se dava destaque a determinados autores da Psicologia.

Na década de 1910, em São Carlos/SP, Piracicaba/SP, etc., Binet era a última das novidades, os laboratórios seriam o futuro para a educação. Lourenço Filho atentava-se aos testes (também divulgados pelos alunos, mas com maior viés antropométrico), e vivificava um olhar sociológico (este pouco difundido em *Excelsior!*). Para Claparède Rousseau era o mais importante entre todos, Herbart ponto de debate.

Do estudo intenso do período entendemos que devíamos nos estender ao período posterior à década de 1910 de forma a captar as nuances dessas mudanças que vinham acontecendo. Desse modo, Claparède surgiu-nos como uma personalidade interessante, principalmente por haverem poucos estudos sobre ele no Brasil até então. Interessante também foi o fato de ter sido um estudioso tão destacado e encontrar-se praticamente esquecido. A trajetória acadêmica dele nos chamou atenção. E do mesmo modo, como notamos em alguns artigos e em conversas com a orientadora e a colega de grupo Dra. Áurea Esteves Serra, o fato de haverem poucos estudos sobre a relação desse autor e brasileiros.

A abordagem que escolhemos permite uma continuidade de nosso aprimoramento, e reforça o modo de trabalho que vínhamos constituindo, mesmo entrando em períodos e campos diferentes. Essa forma de trabalhar, mais interdisciplinar, já se impusera anteriormente. Podemos dizer que, de certo modo, as fontes nos trouxeram até aqui. Na sua redação tentamos deixá-lo, na medida do possível, descrito e aberto aos demais pesquisadores interessados no tema.

A importância deste trabalho contribui ainda, para o entendimento das questões que envolvem as disputas em torno do pensamento escolanovista no

Brasil. Ora centrado no pensamento norte-americano, ora no pensamento Francês. Trazemos dados que demonstram que tal disputa se deu por diversos grupos e em modos distintos. Entre estes estavam pesquisadores suíços, como o caso de Claparède, portugueses, sulamericanos, como também autores brasileiros. Cada qual com suas necessidades e problemáticas.

É bom ressaltar que os autores brasileiros atuavam de forma ativa neste movimento, talvez não com uma grande repercussão internacional, agiam de forma a dar contorno ao espaço que se constituía, de forma propositiva. Veremos isso adiante nas análises das cartas entre Claparède, Lourenço Filho e Damasco Penna.

Talvez pelas peculiaridades regionais, pela distância dos grandes centros, estes autores/editores acabam imbuídos de uma iniciativa exemplar.

A definição do que seria uma educação moderna e renovada, a sublimação de grupos rivais, a entrada do pensamento psicológico e sociológico nas escolas, o destaque em congressos e entidades nacionais e internacionais, a penetração nos diferentes espaços públicos de difusão da educação, o oferecimento de materiais didáticos e científicos calcados em interesses específicos, são alguns dos temas que perpassam este texto e tangenciam a proposta apresentada, que objetiva analisar as apropriações e representações do médico e psicólogo suíço Édouard Claparède no Brasil a partir dos seus livros.

Tal objetivo abarca primeiramente a entrada de suas obras no Brasil, obras que não tiveram necessariamente sua circulação definida pelo autor, mas por opções de editores, tradutores, professores, estudiosos, políticos, etc. Para alcançar esse objetivo tratamos de dois polos que tem contornos difíceis de serem definidos: as representações constituídas pelo autor e depois as apropriações que são feitas dessas representações por seus tradutores e editores.

Portanto, para entender como as obras de Claparède são apropriadas entre os brasileiros – “ninguém come um fraco” –, devemos ter a clareza que o autor se constituía uma figura importante do campo educacional europeu a ponto de ele próprio tornar-se objeto de disputas. Claparède foi um acadêmico que se distinguiu, publicou textos internacionalmente e teve sua imagem disputada por diferentes grupos. Está pressuposto o autor como dono de um lugar de destaque em um determinado *campo*, um lugar de prestígio e que lhe permitia diferentes estratégias.

Referenciado em vários trabalhos tanto na área da Psicologia, Psicologia Educacional e História da Educação o nome de Claparède e de suas obras está situado ao lado de autores clássicos da educação como Rousseau (1712-1778), Pestalozzi (1746-1827), Herbart (1776-1841), Fröebel (1782-1852) e Decroly (1871-1932). Em nossas pesquisas anteriores, como afirmamos, também notamos seu nome presente em apropriações feitas por professores e alunos normalistas do Estado de São Paulo, nos anos de 1910 e 1920, em prescrições de leitura, indicações em periódicos, comentários sobre livros e manuais. Informações que são fáceis de serem encontradas, como também nas cartas e documentos de Helena Antipoff, que em alguns momentos dispensava ao seu ex-professor tratamento de celebridade.

Essa imagem tende a se firmar cada vez mais, a de um grande nome escolanovista com as coleções da Companhia Melhoramentos de São Paulo e da Companhia Editora Nacional e as coletâneas como a *Grandes educadores* (1949). Tal prestígio atinge seu ápice nos anos que se sucedem à sua morte (1940) até entrar em um período de esquecimento.

Após a morte de Claparède, Jean Piaget já era o novo nome do Instituto Jean-Jacques Rousseau e da Universidade de Genebra. Ele muda o perfil da

Revista Archives de Psychologie, para um perfil mais acadêmico, estrito à Psicologia, e destituído de aspectos políticos. Claparède na direção da revista como em suas publicações era interessado por assuntos variados “tudo que é humano me interessa”, disse (CLAPARÈDE, 1959). De nome principal o *ancien patron* passa a coadjuvante até nas suas capas: Piaget está destacado na capa de *A Escola sob medida*: incluindo um estudo da autoria de Piaget. Esta foi a última obra de Claparède reeditada no Brasil em 1973, sua autobiografia.

Essas apropriações poderiam exprimir significações convenientes às aspirações de Claparède e suas lutas pela Europa como poderiam seguir por rumos opostos. Um exemplo simples seria a apropriação de seus textos por grupos nacionalistas brasileiros, enquanto Claparède afirmava-se como “internacionalista fervoroso”. Ou o texto da coleção *Grandes educadores* (1949) em que o protestante Claparède aparece ao lado do padre Dom Bosco. Ressaltamos que estamos tratando de um autor muito preocupado com sua imagem, que tomou para si a responsabilidade de zelar por arquivos e escrever a biografia de outros autores, como Rousseau, Binet, entre outros, além de escrever a sua biografia.

No decorrer trabalho, serão analisadas essas nuances, teremos como base de comparação os textos originais⁵, principalmente os textos publicados nos *Archives de Psychologie*⁶. Na última parte analisaremos as diferentes apropriações da autobiografia do autor.

⁵ Manuscritos dos acervos da Biblioteca Municipal de Genebra. Na revista *Archives de Psychologie* Claparède era o editor responsável por seus próprios textos.

⁶ Editados pelo próprio Claparède, com pouquíssimas intervenções editoriais. Em geral a revista tinha capa sempre igual, sem imagens, sem orelhas. Contava com sumário e referências. Ao final uma parte com propagandas e notícias redigidas por Claparède e outra, interessante, com resenhas dos livros e artigos que recebia. É notório que Claparède teve boa parte de seu tempo de carreira devotados a esta revista e às resenhas que fazia ao final. Esta parte também foi suprimida com a assunção de Piaget.

É bom estar atento ao fato de haver distanciamentos entre o que é escrito pelo autor e aquilo que seus leitores ou tradutores interpretam. Para Chartier (1990) “[...] a obra só adquire sentido através da diversidade de interpretações que constróem as suas significações. A do autor é uma entre outras, que não encerra em si a «verdade» suposta como única e permanente da obra”.

Observar essa diversidade e os fatores implicados nessas interpretações se faz importante. Segundo Chartier, das estratégias que compõe a significação de uma obra,

umas são explícitas, recorrendo ao discurso (nos prefácios, advertências, glossas e notas), e outras implícitas, fazendo uso de uma maquinaria que, necessariamente, deve impor uma justa compreensão. Orientado ou colocado numa armadilha, o leitor encontra-se sempre, inscrito no texto, mas, por seu turno, este inscreve-se diversamente nos seus leitores. Daí a necessidade de reunir duas perspectivas, frequentemente separadas: o estudo da maneira como os textos, e os impressos que lhe servem de suporte, organizam a leitura que deles deve ser feita e, por outro lado, a recolha das leituras efectivas, captadas nas confissões individuais ou reconstruídas à escala das comunidades de leitores (CHARTIER, 1990, p.123).

Aqui nos atentamos ao primeiro aspecto, *o estudo da maneira como os textos, e os impressos que lhe servem de suporte, organizam a leitura que deles deve ser feita*. Nosso foco (onde está implicado nosso tempo, posição, etc.), gradativamente, vai se fechando na ritualização editorial promovida pelos *apropriadores*.

Embora Claparède seja cientista renomado internacionalmente, no Brasil há uma carência de trabalhos sobre o autor, principalmente na abordagem historiográfica com vistas ao entendimento da difusão das obras do autor em nosso país, como propusemos aqui. Façamos uma ressalva aos trabalhos na área da Psicologia, em que Claparède aparece em estudos com mais frequência, até o

momento em que começamos esta pesquisa havia pouquíssimos trabalhos que abordassem as obras de Claparède no âmbito da educação. Arce (2002) apontou essa lacuna, acusando a falta de trabalhos sobre autores contemporâneos de Claparède no Brasil.

Talvez por este lembrete da autora, nos últimos anos houve um crescimento nas produções sobre o autor. No espaço de tempo que essa pesquisa se desenvolveu, temos feito um contínuo monitoramento sobre as pesquisas feitas em torno de Claparède. Inicialmente, além do livro citado acima, e um artigo da própria autora com coautoria de Simão (2007), e alguns artigos de Campos (2005, 2010), eram alguns dos poucos trabalhos disponíveis sobre o tema. No momento de conclusão da tese percebemos um crescimento da produção de trabalhos sobre o autor no campo da Educação e da Psicologia.

Recentemente Rafante defendeu a tese "*Helena Antipoff, as Sociedades Pestalozzi e a Educação Especial no Brasil (2011)*", que trata da obra de Helena Antipoff (1892-1974) no Brasil. A pesquisadora também publicou artigos em eventos e revistas especializadas na área da psicologia e educação (2010). Nota-se ainda a publicação de novos trabalhos em francês como a publicação de Ruchat (2010), tratando sobre as cartas entre Claparède e Antipoff⁷, mas na suíça apenas. No Brasil foi publicada uma resenha sobre o livro e há o artigo da autora na RBHE⁸.

⁷ A pesquisa havia sido parcialmente comunicada em artigo em francês, traduzido para a Revista Brasileira de História da Educação, no ano de 2008, com o título: *A Escola de Psicologia de Genebra em Belo Horizonte: um estudo por meio da correspondência entre Édouard Claparède e Hélène Antipoff (1915-1940)*.

⁸ RUCHAT, Martine. A Escola de psicologia de Genebra em Belo Horizonte: um estudo por meio da correspondência entre Édouard Claparède e Hélène Antipoff (1915-1940). *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 8, n. 2, 2008.

Há também em circulação recente a tradução brasileira de *Édouard Claparède* de Hameline (2010)⁹, texto que retoma a autobiografia e textos de comentadores sobre o autor e uma listagem de obras publicadas por Claparède e sobre ele.

Campos tem atuado no *Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff* e publicou artigos e livros na área da Psicologia, Educação e História da Psicologia Educacional, tem orientado teses e dissertações que abordam os temas envolvendo os estudos de Antipoff e Claparède.

Neste ano a pesquisadora Priscila Marília de Oliveira, sob a orientação da Dra. Alessandra Arce Hai, acaba de defender a dissertação "*A concepção de criança e desenvolvimento infantil e a Coleção Biblioteca de Educação: uma análise das obras escritas pelos psicólogos funcionalistas franco-genebrinos e por Lourenço Filho*" 2009, em que problematiza o conceito de infância trabalhado por Claparède.

Nosso trabalho procura inscrever-se no espaço da História da Educação, mais especificamente no âmbito das pesquisas sobre Circulação de Saberes Educacionais. Para nossa revisão de literatura tomamos algumas palavras-chave principais em diferentes acervos consultados. Cruzamos principalmente as chaves Édouard Claparède e Circulação de Saberes.

Para situar a produção acerca da temática do nosso objeto de estudo, elegemos fazer o levantamento da produção sobre circulação de saberes no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Esse exercício nos permitiu visualizar quais áreas do conhecimento abordam esse objeto. Como aponta Valle (2005), o exame dos trabalhos realizados em torno de um tema possibilita ao pesquisador o domínio do seu tema de

⁹ Originalmente foi publicada pelo BIE em 1993: Édouard Claparède. *The quarterly review of comparative education* (Paris, UNESCO: International Bureau of Education), vol. XXIII, no. 1/2

investigação. Desse modo, o pesquisador deve munir-se de estudos já concluídos, mas também de trabalhos em andamento a fim de traçar a evolução científica de seu objeto e destacar os aspectos que merecem atenção, visando clarear o trajeto a perseguir e facilitar o alcance de seus objetivos.

O banco de dados da CAPES reúne trabalhos completos e resumos de teses e dissertações produzidas nos programas de Pós-Graduação brasileiros entre os anos de 1987 a 2011. O descritor utilizado na busca foi “circulação de saberes”, o qual nos permitiu visualizar como a produção sobre essa temática é abordada por diferentes áreas do conhecimento científico. Foram selecionados 934 resumos, sendo 297 teses e 637 dissertações. Desse total, 34% pertencem ao campo da educação¹⁰. Esses estudos contemplam diferentes aspectos do processo de ensino-aprendizagem como o ensino de língua portuguesa, matemática e geografia, destacam a construção da linguagem escrita na educação infantil. Também estão presentes pesquisa acerca dos manuais escolares e dos livros didático enfatizando entre muitos aspectos a representação feminina nessas obras e a seleção dos conteúdos escolares.

Para Claparède inicialmente, acervos brasileiros e internacionais, encontramos mais de 600 entradas, muitas misturadas entre seu tio Édouard Claparède, eu filho Jean-Louis Claparède, sua Esposa Helénè Claparède-Spir. Mais tarde, encontramos listagens confiáveis, mas ainda incompletas das obras de Claparède, publicadas por Trombetta e revisada mais tarde por Hameline na Suíça (1993). O resultado desta pesquisa inicial está disposto abaixo no tópico fontes e

¹⁰ Os demais trabalhos referem-se às seguintes áreas: Ciências Matemáticas e Naturais 4%, Ciências Sociais Aplicadas 8%, Ciências Biológicas 6%, Ciências da Saúde 8%, Ciências Agrônomicas e Veterinárias 2%, Ciências Humanas 20%, Engenharias e Computação 3%, Linguística, Letras e Artes 15%.

serve de base para as análises de toda a tese, dispomos ainda uma lista mais completa das obras do autor nos apêndices.

Fechar este quadro, por si só já foi um grande esforço, e o imaginamos não definitivo. Algumas obras brasileiras em primeira edição foram encontradas somente em Genebra, Lisboa ou em acervos particulares. Outros materiais de Claparède são listados em nossa pesquisa e não aparecem nos guias mais destacados e recentes. Há documentos também presentes em uma listagem feita por Damasco Penna¹¹ que é desconhecida para estas listagens e que tivemos acesso em parte.

FONTES

Dispomos abaixo a listagem com as obras de Claparède veiculadas no Brasil que analisamos.

¹¹ Reproduzida nos anexos.

Tabela 1 – Publicações de Claparède – Brasil (1928-1973)

Publicações de Claparède – Brasil (1928-1973)					
Título	Edição	Nome do tradutor	Cidade	Editora	Ano
A escola e a psychologia experimental	1ª	Lourenço Filho, M.B.	São Paulo/SP; Caieiras/SP; Rio de Janeiro/RJ	Companhia Melhoramentos de São Paulo	1928
A educação funcional	1ª	Jayme Grabois	São Paulo/SP	Companhia Editora Nacional	1933
Psicologia da criança e pedagogia experimental: introdução, histórico, problemas, métodos, desenvolvimento mental	1ª	Aires Mata Machado Filho e Turiano Pereira	Belo Horizonte	Imprensa Oficial	1934
A educação funcional: tradução nova e notas de J.B. Damasco Penna	2ª	Damasco Penna, J.B.	São Paulo/SP - Rio de Janeiro/RJ; Recife/PE; Porto Alegre/RS	Companhia Editora Nacional	1940
Psicologia da criança e pedagogia experimental: introdução, histórico, problemas, métodos, desenvolvimento mental. 2ª edição (revista), com 44 figuras	2ª	Aires Mata Machado Filho e Turiano Pereira	Rio de Janeiro/RJ; São Paulo; Belo Horizonte/MG	Francisco Alves	1940
A educação funcional	3ª	Damasco Penna, J.B.	São Paulo/SP	Companhia Editora Nacional	1950
A educação funcional: tradução nova e notas de J.B. Damasco Penna	4ª	Damasco Penna, J.B.	São Paulo/SP	Companhia Editora Nacional	1954
Psicologia da criança e pedagogia experimental: introdução, histórico, problemas, métodos, desenvolvimento mental. Edição revista. Tradução brasileira de Aires Mata Machado Filho e Turiano Pereira. Prefaciada por Mme. Helena Antipoff	3ª	Aires Mata Machado Filho e Turiano Pereira	São Paulo/SP	Editora do Brasil	1956
Escola sob medida	1ª	Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão Zélio dos Santos Jotha	Rio de Janeiro/RJ	Fundo de Cultura	1959
Escola sob medida: e estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina, por JEAN PIAGET - LUIS MEYLAN - PIERRE BOVET	2ª	Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão Zélio dos Santos Jotha	Rio de Janeiro/RJ	Fundo de Cultura	1961
A Escola sob medida: incluindo um estudo da autoria de Piaget. E estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina, por JEAN PIAGET - LUIS MEYLAN - PIERRE BOVET.	3ª	Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão prof. Zélio dos Santos Jota	Rio de Janeiro/RJ	Fundo de Cultura	1973
Invenção dirigida: o mecanismo psicológico da invenção	1ª	Alaíde Lisboa de Oliveira	Belo Horizonte/MG	Faculdade de Educação - UFMG	1973

* Livro com capítulo de Damasco Penna, com biografia do autor.

Em síntese selecionamos cinco livros publicados sob a autoria de Claparède em doze¹² edições diferentes. Destes apenas três foram publicados enquanto o autor estava vivo. A segunda edição de *A educação funcional*, contou com a participação do autor, por carta, até o ano de 1937, mas ele não chegou a ver o exemplar publicado. Os livros de Claparède que circularam pelo Brasil foram:

A escola e a psicologia experimental traduzida por Lourenço Filho e veiculada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo em 1928. Uma edição.

A educação funcional publicada pela Companhia Editora Nacional em 1933, primeira edição traduzida por Jaime Grabois e refeita a partir de 1940, por Damasco Penna, a partir de São Paulo. Reedições três.

Psicologia da criança e pedagogia experimental: introdução, histórico, problemas, métodos, desenvolvimento mental, veiculada por 3 editoras diferentes, sendo a primeira, a Imprensa Oficial, feita a partir de 1934, traduzida por Aires Mata Machado Filho e Turiano Pereira em Belo Horizonte. Portanto, duas reedições.

Escola sob medida: e estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina, por JEAN PIAGET - LUIS MEYLAN - PIERRE BOVET, um texto autobiográfico em homenagem ao autor, publicado após sua morte. Conta com a tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Reeditado em duas oportunidades.

Invenção dirigida: o mecanismo psicológico da invenção, último livro que encontramos, publicado pela Faculdade de Educação da UFMG em 1973 com tradução de Alaíde Lisboa de Oliveira. Edição única.

Em síntese:

¹² Acrescentamos o capítulo de Damasco Penna da Coleção grandes educadores (1949).

Tabela 2 – Livros de Édouard Claparède publicados no Brasil - síntese

Livros de Édouard Claparède publicados no Brasil - síntese					
Livros	Edições	Tradutores	Editoras	Espaço difusor	Período de publicação
5	12	7	7	Principalmente sudeste, com ramificações pelo Nordeste e Sul.	1928-1973

Além dos livros, apresentamos cartas trocadas entre brasileiros e o pesquisador suíço, além de outras que elucidem o funcionamento dos aspectos do campo educacional do período de como as relações de publicação aconteciam. São elas:

Tabela 3 – Relação de cartas e documentos do acervo pessoal de Claparède

Relação de cartas e documentos do acervo pessoal de Claparède: Prefeitura Municipal de Genebra			
Interlocutor	Data	Local	Nacionalidade
William James	29/12/1902	Nova Iorque	Norte Americana
Antonio Joaquim Ferreira	29/01/1909	Lausanne	Portuguesa
Alcantara Machado	10/08/1910	São Paulo	Brasileira
John Dewey	25/04/1911	Nova Iorque	Norte Americana
John Dewey	07/10/1913	Nova Iorque	Norte Americana
Adolphe Ferrière	17/___/1923	Paris	Francês
León Walther	09/04/1924	Belo Horizonte	-
León Walther	11/04/1924	Belo Horizonte	-
Lewis M. Terman (téc. Fundação Rockefeller)	03/06/1925	Nova Iorque	-
Laura Lacombe	01/07/1925	Rio de Janeiro	Brasileira
Faria Vasconcelos	14/01/1926	Lisboa	Portuguesa
Lourenço Filho	28/03/1927	São Paulo	Brasileira
Claparède para Fundação Rockefeller	11/11/1929	Genebra	Suíça
Claparède para Fundação Rockefeller	27/11/1929	Genebra	Suíça
Charles Cole (Fundação Rockefeller).	13/02/1930	Nova Iorque	
Francisco Lins	28/12/1929	Juiz de Fora	Brasileira
Francisco Lins	01/02/1930	Lausanne	Brasileira
Francisco Lins	07/06/1930	Paris	Brasileira
Laura Lacombe	16/09/10930	Rio de Janeiro	Brasileira
Documento	27/10/1930	Belo Horizonte	
Claparède para a embaixada suíça	23/07/1931	Rio de Janeiro	Suíça
Lourenço Filho	23/01/1932	Rio de Janeiro	Brasileira
Claparède para Lourenço Filho	09/02/1932	Genebra	Suíça
Claparède para Lourenço Filho	25/02/1932	Genebra	Suíça
Claparède para Damasco Penna	22/07/1937	Genebra	Suíça

Os acervos consultados no Brasil foram principalmente: acervos virtuais e físicos das UNESP, USP, UNICAMP, UFSCar, UFSC, PUC, UNB, UFMG, acervo antigo da Escola Normal “Sud Mennucci” de Piracicaba.

Em Portugal: Biblioteca do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa; Fundação Gulbenkian, demais bibliotecas da UL.

Na Suíça: Universidade de Genebra, Biblioteca Municipal de Genebra.

METODOLOGIA

Não se pode falar de práticas de *apropriação* abstraídas da *matéria* de que se apropriam (CARVALHO, 2006). Em nosso caso as práticas de *apropriação* são observadas nos livros editados por brasileiros de autoria de Édouard Claparède (1873-1940). Tratamos de questionar as apropriações, da imagem representada de Claparède na Europa – das edições franco-suíças – feitas por tradutores, editores, professores e políticos envolvidos no campo educacional brasileiro. O resultado material dessas apropriações brasileiras, as edições da Editora Melhoramentos, Companhia Editora Nacional, etc., é nos dado sob um duplo significado, expõe-se a apropriação do grupo editor e de forma *antropofágica*, é oferecida, simultaneamente, ao público brasileiro uma nova representação de Claparède. A representação de Claparède no Brasil, o “Claparède Brasileiro” é a representação apropriada, ou apropriação representada, mediada pelos grupos em questão, assim o público pode lê-lo e receber as novas prescrições – não necessariamente as prescrições franco-suíças, mas as prescrições feitas via Brasil – *consumindo-o* à seu sabor.

Isso ocorre pelo feitio posicional da teoria empregada. Ao observar as traduções de Claparède em relação aos textos originais¹³ os tradutores são os que se *apropriam* da obra de Claparède, lhes cabem as *táticas*, o *consumo*. Quando observa-se a relação entre essas traduções e o público a que se destinam os tradutores convertem-se em promotores das *representações*, articuladores de

¹³ Explicar a opção por franco-suíça.

estratégias, buscam subordinar um sentido ao leitor, possuem um lugar de poder a casa editorial.

Portanto, a posição do leitor em relação à tradução em língua portuguesa é a de consumidor, sua prática de leitura é prática de *apropriação*. Nesta relação a edição em língua portuguesa é a representação que porta/veicula uma estratégia. Quando tratamos da relação da edição em língua portuguesa e a edição original, o objeto traduzido é *apropriação* da representação suíça.

A distinção, analítica, entre os dois conceitos de estratégia e de apropriação é apenas definicional, ou seja, visa apenas a destacar a posição destas práticas relativamente a um lugar de poder determinado: enquanto a estratégia é prática cujo exercício se dá a partir de um lugar de poder, as práticas de apropriação dão-se sempre em um território que não é o seu. Assim, uma mesma prática pode ser analisada como estratégia e como apropriação, dependendo de sua posição relativamente a um lugar de poder determinado (CARVALHO, 2006, p. 143).

Para Carvalho (2006, p. 143), “[...] tais práticas são sempre e necessariamente práticas de transformação de produtos culturais”. O que se aplica perfeitamente, pois trabalhamos justamente nesse espaço entre o produto cultural *representado*, a obra de Claparède na Europa, e as transformações empreendidas nas obras editadas em língua portuguesa, objeto *apropriado* e transformado em nova *representação* para o público brasileiro.

O hiato entre os usos prescritos e usos efetivos que se apresentam na obra de Claparède são de grande importância para a pesquisa. Infelizmente não podemos averiguar os usos efetivos da obra de Claparède pelo público leitor, mas podemos observar a distância entre as prescrições do autor (considerando as modificações afeitas a qualquer obra por seu editor) presentes nas edições suíças e as apropriações feitas de sua obra em língua portuguesa.

Salientamos que tal hiato, entre o pensado na Europa e o uso que os brasileiros materializaram para seu público, foi considerável. Não havia como não ser, são realidades diferentes, distâncias enormes.

Observando os aspectos da tradução, Burke (2009) trata das dificuldades ao se traduzir um texto, dificuldades que se assemelham às enfrentadas pelo historiador “o passado é um país estrangeiro” (BURKE, 2009, p.14). O historiador é um tradutor que serve a dois mestres, devendo buscar a fidelidade ao original e a inteligibilidade para seus leitores. Essa distância, como citado anteriormente, é o maior desafio.

Para o autor tradução é negociação, desse modo o ato de traduzir foi para além do comércio e da diplomacia, chegando às ideias e à conseqüente modificação de significados (BURKE, 2009). Nesse ínterim, a tradução não seria exatamente uma solução para os problemas de comunicação entre as culturas, mas um meio termo de perdas e ganhos (um caminho para negociação).

Outro conceito discutido pelo autor envolve a descontextualização e recontextualização, onde o objeto é retirado de seu espaço e remodelado para ser apropriado em espaço novo. Desse modo, apropriar é domesticar e, a priori, o doador perde e o receptor ganha. Assim o autor formula a seguinte proposição: “quanto maior a distância entre as línguas e culturas envolvidas, mais claramente aparecem os problemas da tradução.” (BURKE, 2009, p16).

Dadas estas explicações iniciais, nossa tarefa é a de situar os textos em seu contexto cultural incluindo os modos de operar das editoras/tradutores:

A visão geral [...] dessas ‘culturas da tradução’ na Europa moderna – oferece respostas provisórias para seis grandes perguntas: **quem traduz? Com que intenção? O quê? Para quem? De que maneira? Com que conseqüências?** (LAMBERT, 1993 apud BURKE, 2009, p.17, grifo nosso).

Tentamos, de nosso modo, inquirir nosso *corpus* com as mesmas perguntas assinaladas: *Quem traduz?* Tentamos observar os nomes, as posições de cada um no campo educacional, o espaço que cada um tinha nas editoras, se editores ou apenas tradutores, se atuava em outras funções ou profissões, se eram professores de áreas afins aos textos de Claparède, se trocavam cartas e mantinham contato com Claparède. Também observamos os aspectos de mercado, como os interesses da editora, possíveis patrocinadores, projetos de governo, etc.

Com que intenção? A repetição de nomes e títulos no mundo escolanovista sugere uma ação coordenada desses agentes, ou mesmo a divisão entre setores da educação nova. Ferrière, por exemplo não tem livros publicados na *Coleção Atualidades Pedagógicas*. Devemos questionar também se estamos diante de campanhas de tradução específicas? Veremos que Lourenço Filho engajara-se em um projeto de propaganda por meio dos livros que promoveu.

Ao questionar *O quê?* devemos entender a escolha dos livros de Claparède como reflexo de prioridades da cultura hospedeira. Ou seja, quem traduz escolhe o que traduzir e o que deseja consumir. Essas escolhas, segundo Burke (2009) são regidas por dois princípios, o primeiro é o de preencher lacunas culturais existentes na cultura hospedeira. E o segundo princípio, oposto ao primeiro, seria o “princípio da confirmação”:

segundo o qual pessoas de uma dada cultura traduzem obras que sustentam idéias, premissas ou preconceitos já presentes nela. Caso não sustentem idéias desse tipo, as traduções são modificadas direta ou indiretamente (por meio de “paratextos” como prefácios ou cartas ao leitor), a fim de dar a impressão de que o fazem, como no caso do que se poderia chamar de a “protestantização” dos historiadores italianos Francesco Guicciardini e Paolo Sarpi. (BURKE, 1999, p. 27).

Para quem? Em cada livro temos as indicações feitas pelos editores e prefaciadores, que variam por diferentes setores da educação: professores do magistério, estudantes universitários, gestores. Tal decisão influi nas formas escolhidas para a apresentação do livro, se formato de bolso, se capa dura para enfeitar uma estante, se feito em linguagem mais ou menos técnica. Esta decisão também implica um conceito pré-estabelecido da editora para cada tipo de autor esperado.

De que maneira as traduções eram feitas? Uma pergunta de teor metodológico sobre as traduções. Algumas em terceira ou quarta mão, como a de Damasco Penna que revisa a tradução de Jayme Grabois. As decisões metodológicas da tradução envolvem pensar como o tradutor resolve a mediação entre obra e seu público esperado: se tradução literal, paráfrase, se buscar a tradução mais precisa nos termos do autor e sua realidade, ou se buscar aproximar o autor estrangeiro da cultura hospedeira local. Entender a dificuldade de decisão por parte do tradutor, há palavras no idioma francês que não tem equivalentes no português. Entendemos que nesse sentido buscava-se a *domesticação do estrangeiro* nos modos locais.

E a última questão, *quais as consequências da tradução?* Traduzir é uma ação. São apropriações que envolvem representações e que podem comandar práticas:

Independentemente de os tradutores seguirem a estratégia da domesticação ou da estrangeirização, e de entenderem bem ou mal o texto que estão vertendo para outra língua, a atividade da tradução necessariamente envolve tanto uma descontextualização como uma recontextualização. Algo é sempre 'perdido na tradução'. Todavia, o exame detido do que se perdeu é uma das maneiras mais efetivas de identificar diferenças interculturais. Por essa razão, o estudo da tradução deveria ser central para a prática da história cultural. (BURKE, 1999, p.46).

Em termos de consequências e opções de entendimento do que aconteceu no Brasil, nos ateremos à ideia de *estrangeiro indígena* como possibilidade de explicação. Desta explicação inicial realizaremos nossa proposta com foco nas operativas de *ritualização* da obra para promover a *naturalização* do autor estrangeiro em local.

Para realizar a *domesticação* (ou *naturalização*) e tornar a obra comercializável, era importante fazê-lo de forma sutil, como se o próprio autor estivesse escrito no idioma local sem mediações, de forma pura. Essa pureza é alcançada quanto maior o nível de domesticação apresentar, o que é um paradoxo. Enquanto mais domesticada, mais ritualizada, ela é mais facilmente identificável e consumível, mais ela pareceria natural e compreensível do ponto de vista local. Quanto mais domesticada e ritualizada, mais o texto original está distante de suas origens e de seus problemas.

Pensar o termo estrangeiro indígena dá atenção a como as ideias particulares como modos de viver são apresentados em novos contextos em que os estrangeirismos de ideias são vistos como indígenas, ou a-históricos ou naturais para a situação em que foram posicionados. É questionar a suposta naturalidade de que da Suíça Claparède tenha encontrado as soluções para os problemas educativos brasileiros.

Defendemos que esse autor foi visto como *indígena* e *natural* justamente porque foi *modificado*. Foi submetido a um ritual. Uma ideia que pretendemos explorar aqui.

Na pesquisa colaborativa de Popkewitz (2008) – em que trata da circulação e da absorção de Dewey pelo mundo – há diferentes análises e suposições para a aceitação de Dewey em cada país pelo mundo. Em cada uma há

diferentes soluções, por exemplo: na Suíça Dewey é recebido como nativo por vir de uma comunidade de ideais protestantes (EUA); no Brasil, Dewey é recebido como nativo por ser pragmático e norte-americano. Dewey era considerado por Anysio Teixeira como o herdeiro da cultura ocidental – Froebel, Hegel, Rousseau, Herbart; na Suécia Dewey é recebido como nativo por participar de um *set de new education ideas*; na Bélgica é recebido como nativo sem referências ao seu não-catolicismo; outros países o receberam por afinidades epistemológicas e similitudes entre as teorias matrizes e suas versões locais; outros ainda o reinventaram¹⁴.

Todos tiveram seus motivos para receberem ou não Dewey como nativo. O mesmo aconteceu com Claparède. O que diferenciou cada situação foi **o ritual estabelecido**, a **escolha dos motivos**, deliberadamente ou não, e **como esses motivos foram apresentados**. Os rituais permitiram a identificação do autor, como local, e sua apropriação.

Para ser naturalizado há a necessidade de um ritual, para ser apropriado há a necessidade de um ritual.

O que determinou a aceitação desses autores, falando aqui mais precisamente de Claparède foi à ritualização ocorrida em torno dele, assim como as características e fatores que dizem respeito às relações, limites, posições de cada autor no campo, que em nossa pesquisa olhamos via Certeau e Bourdieu.

Essa ritualização cria uma representação nova: como mostrar o boneco de cera representando morto sendo velado (CHARTIER, 1990); como a obrigação de saudar o chapéu do governador na lenda de Guilherme Tell; ou como preparar o guerreiro para o ritual de sacrifício antropofágico. Evoca-se uma imagem para que ela possa ser consumida.

¹⁴ Popkewitz entendeu que o autor não é necessariamente rastreável em seus seguidores, disso apreendemos que está estabelecida uma apropriação dos seguidores.

Os termos em questão *apropriação, ritualização, representação*, são ferramentas intelectuais para historicamente inquirir sobre as teses culturais através das quais o eu é interpretado e reconstituído.

Dewey é autor que foi tornado *estrangeiro indígena*, como Claparède também. Ele viajou para outras terras onde seu status de estrangeiro foi muitas vezes esquecido como se ele se tornasse um filho da terra, um nativo. As ideias de Claparède viajaram do mesmo modo e o fato de ter sido recebido como *nativo* é algo importante a se pensar. Além disso, nos atentaremos para a questão das operatórias realizadas para que assim, como um verdadeiro nativo, fosse recebido.

Os rituais indígenas de canibalismo são lembrados aqui como analogia ao consumo de obras escritas. Defendemos que o ritual de preparo do guerreiro vencido para ser comido é um acontecimento, antes de mais, identitário. O guerreiro, por vezes, estrangeiro de outras tribos ou mesmo culturas, é absorvido por aquela determinada comunidade porque o veem como igual, como guerreiro. Desejam sua força. E para apropriar-se dela precisam cumprir certos rituais locais, roupas, honras, perfumes, glórias, rezas, xingamentos, exposições públicas, humilhações. O sujeito a ser consumido não se torna objeto de consumo sem uma mediação local, sem os ritos que lhe conferem esse *status*, sem um preparo de inteligibilidade que permita a compreensão do todo.

Se retornarmos à Semana de 1922 no Brasil podemos nos aproximar da questão. O quadro Abaporu (homem que come gente) é emblemático. Em vez de tentar recriar e projetar uma estética europeia nos trópicos está demarcada a busca da elaboração de uma cultura brasileira de raiz em sintonia com as correntes estéticas europeias. A ideia principal consistia em ir ao exterior e consumir tudo, o máximo possível, e regurgitar o novo, sob os olhos do brasileiro. O quadro é um

esforço ritualístico de trazer o novo para uma sociedade, mas afirmando a identidade local neste ritual. Gera-se aí um objeto novo, que não é estrangeiro, não é local/popular. Um objeto híbrido uma representação estética nova.

Diferente do ritual modernista um editor de Claparède ao traduzir sua obra tentava eliminar-se, o quanto menos aparecesse melhor. Assim, buscava-se conduzir uma leitura fluída e aparentemente natural. O guerreiro Claparède seria consumido sem a pretensão de uma estética nova, uma construção nova, embora em alguns momentos isso acontecesse. Era posto no mercado, como Popkewitz afirma, como nativo, natural.

Claparède é um desses objetos novos no Brasil, Claparède, é estrangeiro indígena, é estrangeiro no ninho, é envelopado e ritualizado, é brasilificado. É uma representação nova exposta para consumo.

De certa maneira, em Claparède houve uma identificação: era um guerreiro digno de consumo, suas forças caíam bem aos editores brasileiros. Consumiu-o, apropriou-se dele, tomou-o e expôs essa apropriação em seus artigos e livro inicialmente. Ali está o Abaporu de Lourenço Filho, de Damasco Penna, de Antipoff, e de outros.

Para analisar estes rituais partimos do estudo da materialidade da obra impressa de Claparède no Brasil com intuito de analisar os detalhes que a compõe e geram sentidos.

Observar a ação da editora e cada inserção que foi feita ao manuscrito inicial – entendendo que o autor não fazia qualquer tipo de ressalva quanto à forma a ser assumida pelo livro traduzido (a não ser quanto ao tamanho) – ajuda a entender os objetivos, além dos financeiros, com a veiculação da obra, ajuda a

entender o tipo de leitor esperado e mesmo a concepção que a editora tinha de seu leitor.

Do mesmo modo, observar a materialidade e expor estes detalhes permite, de forma científica, compreender as estratégias e pequenos truques à que está sujeito. Entender estes funcionamentos é fator de importância para o bom leitor, pois propicia uma leitura melhor e mais democrática. Torna o leitor menos presa e mais caçador.

PERIODIZAÇÃO

Esta tese percorre uma linha tênue entre o que o autor *representa* e o que foi *apropriado* de suas representações. Como tratamos anteriormente essa possível dualidade é explicada em termos posicionais. Desse modo, a delimitação temporal também enfrenta riscos impostos pelas opções metodológicas que fizemos, permitindo centrar nosso foco para as *representações* ou *apropriações* de Claparède no Brasil em duas propostas:

1. Lugar de estratégias (periodização dada por esses lugares): editoras, periódicos, centros de pesquisa, universidades, captadas pelos textos de Claparède entre os anos de 1901 a 1940. São temporalidades mediadas por cada espaço e por sua materialidade, que demarcam o período profissional do autor¹⁵. Escolhemos duas datas chave: o ano de 1901¹⁶ quando lança conceito de *Escola sob medida* e ano em que Claparède, junto com seu mentor Flournoy, funda os

¹⁵ Lembrando que nos atentamos para as questões da educação.

¹⁶ Com eventuais retornos. Como em 1892, curiosamente sua primeira publicação feita tratando de questões educacionais em seu Collège de Genève antes mesmo de entrar para a Universidade. Desta data houve um período em que o autor dedicou-se à Medicina e neurologia, até retornar a se preocupar com a Psicologia e Educação no ano de 1900.

Archives de psychologie; e 1903 data da publicação de seu primeiro livro¹⁷. Neste recorte, mediado pela profissionalização do autor, ficaria determinado como data final o ano de sua morte em 1940. Pensamos que nesta periodização estão focadas as *representações* do autor, em suas obras em idioma original em cada momento e – resguardadas a participação dos editores, revisores etc. – contam com a participação mais efetiva do autor.

2. Tempo de *apropriações*:¹⁸ esta periodização é mediada pelo período de *apropriações* do autor no Brasil, tomamos como marco a primeira publicação do autor em 1928¹⁹ até 1973, ano de publicação da última obra de Claparède no país. Este percurso, mediado por *apropriações*, é muito mais difícil de ser apreendido, pois as marcas deixadas por *apropriações*, como as leituras, não tem um lugar específico e não necessariamente deixam uma marca material que facilitaria o trabalho do historiador. As *apropriações* estão no tempo, pode ser uma sensação, uma ideia a partir de uma leitura, uma marca deixada em um livro referenciando um entendimento de determinado trecho ou autor, ou, em nosso caso, a maneira como um editor ou tradutor compreendem uma obra em idioma estrangeiro, a maneira que seleciona o que lhe é importante, que colhe em cada livro aquilo que lhe apetece e interessa a si e a seu público produzindo uma *representação* nova para o público a partir dessa *apropriação*. A comparação da materialidade da obra original, com a obra traduzida com fins a compreender as alterações feitas pelos editores brasileiros é a forma que encontramos para captar essas *apropriações*.

Dessas duas constatações abordamos o período de 1901 a 1973. Seguindo nosso objetivo de compreender a difusão das obras de Édouard

¹⁷ *L'association des idées*. Paris Octave Doin. 1903. 424 p.

¹⁸ As *apropriações* estão no tempo, enquanto as estratégias no espaço, para mais ver Certeau (2008).

¹⁹ *A escola e a psicologia experimental*. Trad. de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

Claparède no Brasil, temos como foco principal o período mediado pelo *tempo de apropriações* (1928-1973), verificado por meio das traduções em língua portuguesa do autor. O eventual recuo temporal e a atenção às *representações* empreendidas pelo autor serão feitos com fins ao entendimento da tese como um todo.

Enquanto a pesquisa é interminável o texto deve ter um fim, e esta estrutura de parada chega até a introdução, já organizada pelo dever de terminar. [...] Por estes poucos traços – a inversão da ordem, o encerramento do texto, a substituição de um trabalho de lacuna por uma presença de sentido – pode-se medir a ‘servidão’ que o discurso impõe à pesquisa. (CERTEAU, 2008, p. 94).

Tentamos para a escrita desta tese apresentação que fosse autoral e empírica. Por autoral entendemos a busca – tanto na construção da estrutura, como na apresentação final – de um texto original, com fluidez de leitura e que tivesse clara exposição de seu fazer.

A empiria defendida aqui, diz respeito ao enfrentamento metodológico do trabalho com as fontes. As fontes foram o caminho da tese e a metodologia serviu-nos de guia para entender, analisar e pensar essas fontes. Não há pré-estabelecidos, nem o intento de forçar resposta às hipóteses, mas a busca por desvelar histórias, entender fatos e acontecimentos, e como se deram mecanismos de circulação de saberes no Brasil.

Como ponto forte e importante deste processo, destacamos a leitura e análise intensiva das obras do autor, a checagem e o monitoramento constante dos acervos de dados, as orientações que recebemos, e também as experiências anteriores de pesquisa que, embora realizadas em período anterior, demonstram estreita relação de nomes de autores e assuntos com a pesquisa aqui desenvolvida. Assim, apresentamos um trabalho que não tinha respostas iniciais, mas

questionamentos que, problematizadas pela metodologia, foram sendo respondidos pela pesquisa a cada momento.

O resultado está exposto no texto, guiado pelo que entendemos ser o nosso caminho por esses dados, está exposto também de forma a proporcionar um entendimento de como Claparède foi representado no Brasil em três momentos distintos:

Na **primeira parte** temos Claparède em primeiras aproximações com o Brasil, mediado, ou ritualizado, por Lourenço Filho. No primeiro capítulo, dedicado ao livro *Escola e a psicologia experimental*, Claparède é apresentado aos brasileiros como grande sábio e renovador. Aliado ao estudo material da obra acrescentamos, no segundo capítulo, cartas do acervo pessoal de Claparède em Genebra em que trata da edição de livros brasileiros estudados por esta tese e das relações entre pesquisadores próximos à Claparède sobre a divulgação de saberes pelo mundo naquele momento.

Na **segunda parte** entendemos ser o de estabelecimento da imagem de Claparède com Damasco Penna, quando retoma o projeto de Lourenço Filho e o aprimora. O terceiro capítulo está dedicado à obra *A educação funcional em suas diferentes edições*.

Na **terceira parte**, com textos publicados principalmente após a morte do autor, a imagem de Claparède é cristalizada via Helena Antipoff. A imagem de Claparède vai tornando-se a de um autor clássico e estabelecido e progressivamente vai perdendo a imagem de vanguardista.

Esperamos que este trabalho contribua com os trabalhos já realizados sobre o autor, mas propomos uma abordagem diferente, que privilegia a apreciação de novas fontes. Entender a circulação e a produção da imagem de Claparède é

uma questão importante de nossa história a ser discutida: realizamos um investimento de pesquisa sobre um autor que gerou impacto incalculável no campo educacional brasileiro, principalmente a sua luta pela institucionalização da Psicologia Educacional na escola, e até mesmo pela força que deu às figuras mais destacadas da Pedagogia, a saber, Jean-Jacques Rousseau. Saber como seus conhecimentos foram manejados e de que maneira é imperativo para nosso texto. Assim esperamos clarificar e discutir um momento e um autor, como desvelar estratégias de escrita, produção e divulgação de saberes que pouco são debatidas e sabidas.

PARTE I
LOURENÇO FILHO

CAPÍTULO 1

ESCOLA E A PSYCHOLOGIA EXPERIMENTAL

Neste capítulo apresentamos o primeiro livro publicado de Claparède no Brasil, *A escola e a psicologia experimental*, traduzido e prefaciado por Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) em 1928 pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, segundo número da Coleção Biblioteca de Educação. Para a análise do livro tratamos da sua materialidade de modo a compreender a sua produção no Brasil, são considerados aspectos de seu projeto, conteúdo, até a forma assumida pela tradução.

O ponto de partida para este capítulo é a obra publicada no Brasil, a partir dela apresentamos sua estrutura e forma, fotos e informações principais. Além de dados estruturais coletamos informações do seu conteúdo que possam fornecer subsídios para uma melhor compreensão de como Claparède é apropriado na obra. Essas informações são tomadas como pistas e muitas vezes nos levam outros espaços e documentos que serão apresentados. Por fim, realizamos uma análise quantitativa, na qual assinalamos os nomes de cada autor citado na obra, dividindo entre o autor principal, tradutor e editora. Essa análise permitirá entrecruzar opções, interesses, diferenças e afinidades entre o autor suíço e os editores brasileiros.

O exemplar que analisamos foi encontrado no acervo antigo da Escola Normal de Piracicaba com data de 1929, escola onde Lourenço Filho atuou como professor da cadeira de *Psicologia e Pedagogia* cinco anos antes da publicação do livro.

A presença desse exemplar nessa data indica rápida absorção do livro nas escolas normais paulistas. Na cidade vizinha de São Carlos/SP, por exemplo, há

revistas que demonstravam interesse pela psicologia experimental e chegaram a citar Claparède já na década de 1910²⁰. Como o caso da revista *Excelsior!* que tinha como proposta divulgar as atividades que eram praticadas em sala de aula por estudantes normalistas e demonstra grande apreço pela aplicação dessa vertente psicológica na escola por meio de diversos artigos relacionados ao tema.

O fato de haver uma disciplina com atenção a essa vertente da psicologia nesse período, como ocorreu nas demais escolas normais, é um ponto que não podemos desconsiderar. No caso de São Carlos/SP a disciplina – que compreendia a parte pedagógica do currículo da normal – *Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica* era ministrada por João de Toledo e seguia, como o título indica, a psicologia no viés *experimental*. Embora o nome de Claparède apareça em poucos momentos, pois seus livros ainda não haviam circulado com efeito pelo país, observa-se com bastante clareza o crescimento da produção de artigos sobre a psicologia, os testes, etc., e nomes de autores como William James (1842-1910) e Alfred Binet (1857-1911), duas referências importantes para Claparède.

Fazendo mais uma breve alusão àquela escola ressaltamos a criação e promoção dos laboratórios de psicologia experimental, fato declarado como vanguarda para o ensino brasileiro. Ressaltamos também a presença dos livros do filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952) na biblioteca da Escola Normal de São Carlos/SP em suas primeiras edições no idioma original, trata-se de um autor com quem Claparède vai afirmando uma estreita relação ao longo de sua obra e para o Brasil essa aliança ficou afirmada desde esse primeiro livro onde os pragmatistas Dewey e James são privilegiados, além é claro de Rousseau, o qual Claparède preservou a memória e sempre teve apreço intelectual.

²⁰ Ver Silva (2009).

É interessante ressaltar que *A escola e a psychologia experimental* até o momento não havia sido publicado em formato de livro. O texto tem como origem, não em livro, mas como relatório para o Anuário da Instrução Pública Suíça: “*L'École et la psychologie expérimentale*”, *Annuaire de l'Instruction publique en Suisse, 1916*, pp. 71-130.

No Brasil o livro é indicado aos professores, primários e secundários, normalistas, estudantes e pais. É o segundo número da coleção *Biblioteca de Educação*, organizadas pelo professor Lourenço Filho, que teve o livro *Psychologia experimental* de Henry Piéron como primeiro número. Em seguida estavam programados:

A educação moral, por A. Sampaio Dória, [...] ex-diretor da Instrução Pública de S.Paulo.

Lições de pedagogia (o methodo na educação), por Bergström Lourenço Filho, professor da Escola Normal de S.Paulo.

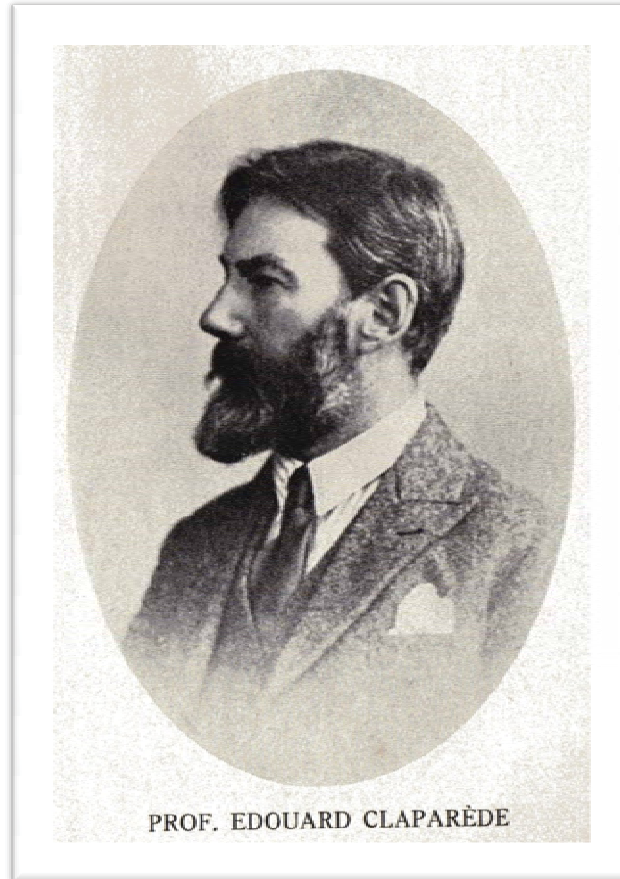
O aprendizado activo, por José Escobar, professor da Escola Normal de S.Paulo.

Como se ensina geographia, por A.F. Proença, director do Gymnasio de Campinas. [Ex-diretor e professor da Escola Normal de São Carlos].

A formação das elites, pelo professor João de Toledo, Inspector Geral do Ensino. [Ex-professor da Escola Normal de São Carlos] (LOURENÇO FILHO, 1928).

Sampaio Dória, Firmino Proença e João de Toledo formam um núcleo interessante de educadores que apresenta laços de comunhão, políticos, teóricos e formativos. Estar presente em tais coleções é fato a se ressaltar, uma vez que essas coleções ajudam a firmar ainda mais o nome de Claparède como um autor de renome na área educacional.

Figura 1 – Foto de Claparède em A escola e a psychologia experimental



A escola e a psychologia experimental é uma pequena brochura – formato de bolso – totalizando 96 folhas divididas em quatro capítulos, sendo o último a conclusão e um índice ao final. Na última página consta uma propaganda do livro da coleção *Biblioteca de Educação, Psychologia experimental* de Henry Piéron, indicado como indispensável aos professores por ser uma clara e metódica iniciação aos testes: “volume em elegante formato, com cerca de 50 gravuras, retrato e biografia do autor.” (LOURENÇO FILHO, 1928, p. 101).

Na capa além do título, nome do autor, casa editorial “Editora proprietária comp. Melhoramentos de S.Paulo (Weisflog Irmãos Incorporada)” e respectivos locais de publicação “São Paulo, Cayeiras, Rio de Janeiro”, há o nome do tradutor e sua ocupação: professor de “psychologia e pedagogia na Escola Normal de S.Paulo”.

A informação do fato do tradutor ser professor da cadeira de psicologia e pedagogia na Escola Normal de São Paulo conferia mais prestígio ao livro e ao mesmo tempo justificava seu destaque na capa.

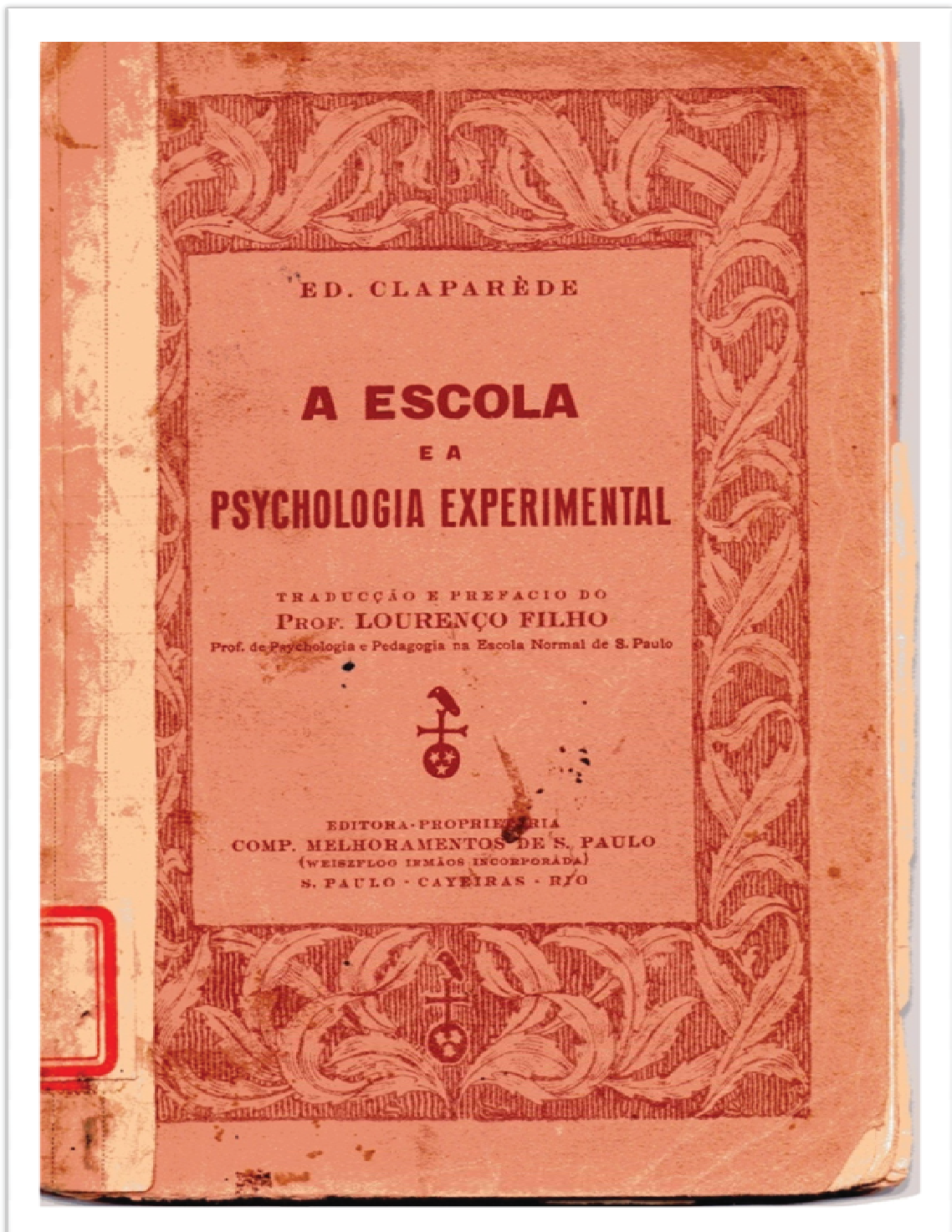
O assunto tema do livro era objeto da disciplina que Lourenço Filho lecionava em um momento que o ensino normal travava uma luta pela afirmação da pedagogia e da psicologia na escola, duas das poucas disciplinas que diferenciavam o currículo das Escolas Normais das demais escolas²¹. O livro *A escola e a psychologia experimental* surge dessas demandas, o tradutor é um dos principais educadores envolvidos nessa luta e também o responsável direto pela publicação desse livro de Claparède no Brasil. Nas cartas trocadas entre Lourenço Filho e Claparède nota-se o brasileiro atuando ativamente para publicação desse livro já em

²¹ Além das cadeiras de pedagogia e psicologia eram componentes...

1926, além da proposição da publicação de artigos do autor em revistas educacionais brasileiras²².

²² Manuscritos – Lourenço Filho-Claparède (1927; 1932; 1932).

Figura 2 – capa de A escola e a psychologia experimental



A última página apresenta uma propaganda do livro de Piéron. Dados os encaminhamentos finais do livro focado nos testes e na necessidade de aprofundamento dos assuntos abordados por Claparède, o livro de Piéron é apresentado como opção de continuidade do tema.

No prefácio Lourenço Filho aborda o tema *Claparède e a pedagogia actual* tratando das imposições que as ciências naturais e o desenvolvimento dos estudos psicológicos trouxeram para a educação, a necessidade de revisão para as teorias e de pensar as finalidades da educação.

Lourenço Filho assinala que nos países de “maior cultura pedagógica” os problemas de finalidade são os que dirigem o pensamento dos especialistas gerando discussões em torno de outras possibilidades pedagógicas como: “[...] as ‘escolas activas’, as ‘escolas do trabalho’, as ‘escolas comunidade’, as ‘escolas dos bem-dotados’, a prática da ‘orientação profissional’, as ‘escolas sobre medida’”. Para o autor uma ambição da educação diferente de uma educação integral, mas mais modesta em “[...] um esforço em prol da ‘socialização da criança’.” (LOURENÇO FILHO, 1928, p. 5).

Em meio a temas caros para Claparède como *orientação profissional e escola sob medida* as palavras *socialização da criança, reacção social, bases da reforma social*, são nitidamente do repertório de Lourenço Filho que passam a conviver na edição deste livro. Para o autor as vertentes biológicas e sociológicas de educação não são excludentes e poderiam se complementar: “[...] os psychologos, que se vinham preocupando com os problemas geneticos, deviam sugerir, por isso mesmo, tendências sociaes mais precisas á obra da escola.” (LOURENÇO FILHO, 1928, p. 6). Para o autor, o responsável por complementar as duas vertentes nos países de cultura latina seria Claparède.

Na definição do conceito de educação funcional, apresentada por Lourenço Filho, estão demarcadas as principais linhas de contato entre os autores, a psicologia, os testes e a educação nova:

A 'concepção funcional da educação' exposta e defendida pelo grande psicólogo suíço, é uma teoria que envolve o exame dos 'meios' e 'fins' educativos, suas relações e ajustamento perfeito. Claparède demonstra que o espírito em formação não se pode desenvolver, em suas virtualidades, para uma adaptação qualquer posterior. 'Tudo o que se ensina a criança, diz elle, não tem valor sinão quando esses conhecimentos sejam integrados no circuito dynamico que une a acção á satisfação de uma necessidade ou á satisfação de uma necessidade ou á solução de um problema de adaptação'. É a condenação da cultura formal, defendida especialmente pelos partidarios da cultura classica. Adoptando o mesmo ponto de vista de Dewey, e baseado em identicas observações experimentais, Claparède se recusa a considerar as funcções do espírito como musculos, que se possam desenvolver pelo simples exercicio [...] (LOURENÇO FILHO, 1928, p. 6).

Para Lourenço Filho a teoria de Claparède: "é uma theoria que envolve o exame dos 'meios' e 'fins' educativos, suas relações e ajustamento perfeito." (LOURENÇO FILHO, 1928, p. 6). Essa forma de pensar é importante para Lourenço Filho e serve para vincular as ideias de Claparède à Dewey, reforçando a importância das pesquisas de laboratório como ciência eminentemente prática. Nesse contexto estão profundamente marcadas as bases da Escola Nova:

- i) criança como centro do processo educativo;
- ii) educação não é preparo para a vida, escola não é preparação para algo posterior, é a própria vida;
- iii) condenação da cultura formal dos defensores da cultura clássica.

Estes são pontos em que Claparède e Lourenço Filho têm grande afinidade de ideias. Abaixo outros conceitos importantes de Claparède são repercutidos por Lourenço Filho, o primeiro deles é o de *atividade*. Para defini-lo o

autor enfoca a necessidade de sistematização da *atividade* e os fins sociais da educação: adaptação e melhoria do homem. Nesse bojo o conceito de *educação funcional* “[...] consiste em tomar a criança como centro de todo o trabalho escolar, programas e processos de ensino, e em considerar esse trabalho como uma adaptação progressiva dos processos mentais a certas acções determinadas.” (LOURENÇO FILHO, 1928, p. 7).

O conceito de *interesse*, outro conceito importante para Claparède, está intimamente ligado ao jogo: “na alma infantil, uma tendencia geral domina tudo – a tendencia do jogo ou brinquedo, pela qual a criança faz por si, a maior parte de sua educação. O jogo deve ser, pois, o ponto de partida da educação funcional.” (LOURENÇO FILHO, 1928, p.7). O conceito de *escola ativa* é um tema de importância e polémica, era defensor da ideia de atividade na escola, embora preferisse o termo funcional, pois, para ele, atividade sem função não produziria resultados: uma crítica sua à lição de coisas e aos textos de Ferrière. Este tipo de debate não era pauta do tradutor naquele momento, para Lourenço Filho, Claparède foi “um dos mais entusiastas defensores da ‘escola-activa’. Si a educação funcional tem como fim estimular a actividade motivada da criança, é natural que ella coloque a acção como centro de toda a didactica.” (LOURENÇO FILHO, 1928, p. 8).

Lourenço Filho considerava que *atividade* e *funcionalidade* estariam ligados e defende uma escola funcional e ativa – “toda reacção que corresponde a uma necessidade, que tem sua origem num interesse suscitado no proprio individuo que actúa. Oppõe-se, assim, á idéa de coacção, de obediencia passiva, de repugnancia pelo trabalho ou de indiferença por elle.” (LOURENÇO FILHO, 1928, p. 8). Claparède defendia que *funcionalidade* fosse algo mais simples de entender e

mais prático, para ele Ferrière tendia a tornar o conceito de atividade mais complexo do que realmente era com o intuito de valorizar o conceito.

Deste conjunto de ideias nascia o conceito de *escola sob medida*, mais um conceito é basilar para Claparède: para uma educação ser funcional ela deve ser ajustada para cada necessidade, Lourenço Filho resume da seguinte maneira o conceito:

[...] além de adaptado às necessidades gerais das crianças, o ensino deve procurar adaptar-se melhor às condições particulares de cada educando, segundo suas aptidões. 'É a individualização' do ensino, que Claparède chega a pedir sob fórmula bastante expressiva – 'a escola sob medida', adequada a cada indivíduo, como a roupa ou o calçado 'sob medida'.
 Note-se que esta individualização do ensino não implica uma 'forma de ensino individual'. Pelo contrário, Claparède tem um conceito social da escola, já anteriormente assinalado, e que não se annulla na 'escola sob medida' (LOURENÇO FILHO, 1928, p.8-9).

O prefaciador brasileiro ainda assinala a filiação principal de onde esses conceitos se alinham, a *filosofia pragmatista* (LOURENÇO FILHO, 1928, p. 9). Um ponto onde o pensador europeu e o brasileiro estão inclinados para o pensamento norte americano, principalmente para os filósofos Dewey e James. No decorrer da carreira de Claparède Dewey, ao lado de William James vão ganhando cada vez mais importância em seus escritos. Nos capítulos seguintes abordaremos aspectos da relação entre Claparède e Dewey, em cartas e seus reflexos no Brasil.

1.1 REPRESENTAÇÃO DE UMA VIDA – “UM GRANDE GUERREIRO”

Ao concluir o prefácio, Lourenço Filho faz uma breve nota biográfica de Claparède. Lourenço Filho relata que Claparède descende de uma antiga e nobre família francesa, emigrada para a Suíça por motivo de perseguições religiosas aos

protestantes. Perpassa pelos caminhos acadêmicos do autor, que estudou em Genebra e em Leipzig na Alemanha e atuou em Paris com Déjerine em clínicas de doenças mentais. Retornando a Genebra trabalhou com Flournoy e tornou-se livre-docente na Universidade de Genebra e diretor do laboratório de psicologia.

Lembra ainda que o autor foi fundador do Instituto Jean-Jacques Rousseau e faz uma breve explicação da entidade. Ao final elenca as obras principais de Claparède²³ e a que considera sua obra principal, recomendando sua leitura: *Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimental* (1926).

Como podemos notar uma rápida passagem pela carreira acadêmica e educacional de Claparède. O relato de Lourenço Filho leva o leitor a observar que Claparède teve uma carreira de vitórias e glórias, o que se justifica como propaganda e como romance. Adiante veremos como esta imagem nobreza acadêmica vai se cristalizando no Brasil.

Propomos com este estudo compreender as representações de Claparède no Brasil, partindo da ideia de que uma representação se constitui de diversas maneiras e dimensões. Entendemos que a Companhia Melhoramentos e Lourenço Filho se *apropriam* de Claparède, e sua ação estende-se pelo formato e conteúdo da obra, originando um todo novo. Não afirmamos que há mudanças radicais de sentido, mas amalgamações que produzem uma obra nova, diferente da original, com inclusões, comentários, opiniões, juízos.

Observamos o formato, paratextos e ideias que passam a conviver com o texto de Claparède, observamos também seu conteúdo, o qual apresentamos a

²³ Há informações obre a revista *Archives de Psychologie*, os textos da Collection d'actualités pédagogiques e os seguintes livros: *L'association des idées* (1903); *Esquisse d'une théorie biologique du sommeil*, Arch. de psychologie, (1904); *La psychologie animale* de Ch. Bonnet (1909); *Un institut des sciences de l'éducation et les besoins auxquels il répond* (1912); *Comment diagnostiquer les aptitudes des enfants* (1923); *Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimental* (11. ed. 1926).

seguir. Realizamos dois movimentos para abordar o conteúdo da obra, o registro dos principais conceitos, com intuito a firmar alguns pontos comuns da obra de Claparède, e também procedemos a soma dos autores citados na obra.

Entendemos que registrar a configuração dos autores que compõe a base teórica e de argumentação de Claparède, é também pensar seu conteúdo. Dada a grande quantidade de textos do autor esta foi a melhor maneira que encontramos para quantificar as ritualizações na obra, dividindo as citações feitas por autor, tradutor e editora.

Os textos de Claparède na sua trajetória se constituem assim, por trocas, debates, afirmações conjuntas, divergências, pela constituição de afinidades que se reforçam. Para Koselleck a apreensão de um conceito não pode ser feita de forma singularizada, mas sim se inscritos em um contexto abrangente, na totalidade de um texto ou uma série de textos (KOSELLECK,1985).

Separamos algumas conceituações apresentadas na obra, como fizemos acima com as conceituações apresentadas por Lourenço Filho, e as apresentamos a seguir. A ideia é problematizar os dados apresentados com Koselleck, afirmando que o resultado apresentado é o de um Claparède *brasiliificado*.

Para Koselleck, “o que importa [...] é que tão logo uma palavra seja usada como um significado específico e com referência a uma realidade específica, ela é única.” (KOSELLECK,1985). Assim, ela logicamente pode mudar em viagem de um continente para outro. O mais provável é que sempre mude, esta é nossa hipótese.

A ideia aqui é que Claparède chega por mãos brasileiras, por preocupações brasileiras. Como dissemos o texto dele não tem qualquer afinidade com as questões nacionais, dizemos isso sobre uma citação sobre uma cidade ou

escola brasileira. Quando escreve escola, Claparède pode tratar de escola em geral, mas está pensando na escola suíça, ou muito na francesa, alemã, etc. Nas escolas que viu e conviveu.

Neste primeiro livro Claparède questiona se a escola tem se beneficiado, sido influenciada, e se tem aplicado os estudos da psicologia experimental, entendendo que “a escola de nossos dias não se decidiu ainda a tirar partido das conclusões dos psychologos ou dos biologistas, aceitando já, de um modo integral, a revolução que deverá transfigura-la um dia.” (CLAPARÈDE, 1928, p. 11). Este ponto que assinalamos aqui é uma referência importante em seus textos sobre educação e se repetirá em outras obras do autor. Claparède é, notadamente, um autor que lutou pela entrada da Psicologia na escola, seja como disciplina nos cursos de formação de professores, seja como orientadora da organização escolar, da seleção de alunos para turmas e de métodos de ensino elaborados de acordo com as necessidades do educando, como da criação de aulas mais atrativas.

Para o autor, embora a educação não ter mudado substancialmente, havia novas experiências em curso no momento a serem ressaltadas:

- Escolas-Novas;
- Escolas de Auto-Governo;
- Escolas do trabalho;
- Sistema Montessori;
- Escolas ao ar livre;
- Praças de jogos.

Nesse contexto de novas ideias, o foco da pedagogia para Claparède deveria ser a criança:

A Pedagogia deve, pois, partir da criança. *A escola para a criança e não mais a criança para a escola*, o methodo e o programma gravitando ao redor da criança, e não mais a criança torturada em torno de um programma abstracto – tal é a revolução ‘copernicana’ (como já foi chamada) e para a qual a Psychologia moderna convida o educador. (CLAPARÈDE, 1928, p.14).

O autor não se dirige ao público brasileiro, como afirmamos anteriormente. É uma tradução de um texto enviado sem uma prescrição objetiva explícita para o Brasil, como um prefácio do autor para a edição brasileira ou alguma modificação na introdução do texto. Do ponto de vista do *estrangeiro indígena* Lourenço Filho e a Companhia Melhoramentos dão suporte a uma *ritualização* inicial de Claparède Brasil, dando entonação a certos aspectos de sua obra, reforçando pontos de interesse comum e o ligando a autores locais. Na obra Lourenço Filho faz pontuações sobre o movimento internacional da psicologia e ciências, o tradutor é o responsável pela mediação do novo elemento em terras brasileiras.

No artigo original, como no livro local, chama atenção o fato de no primeiro capítulo os nomes de Rousseau e Dewey, tratado como pedagogo, serem os autores tratados com maior reverência por Claparède, os primeiros sempre.

No decorrer do livro Dewey é retomado: "[Dewey] é um do que se têm levantado, em nome da psychologia, contra o abuso que se faz do livro em certas escolas. Acha que a leitura tem distraído a atenção dos educadores de uma porção de deveres mais imperiosos: a actividade manual e social e a reflexão pessoal dos alumnos, por exemplo." (CLAPARÈDE, 1928, p. 50).

Reforçando a importância da educação para o psicólogo, e mesmo da psicologia na educação, Claparède indica seu livro ao professorado. O professor é o profissional mais indicado a colaborar na investigação das aptidões dos seus

alunos. Tema importante para Lourenço Filho, orientação e testes mentais são uma bandeira sua e nestes momentos o tradutor, por meio de notas, tenta aproximar as idéias de Claparède de sua produção sobre o assunto.

A ideia de “*the right man in the right place*” quando defende a seleção e orientação profissional é um bom exemplo disso. Não seria muito ler estes trechos de Claparède com a boca de Lourenço Filho, entendo que aqui um e outro se confundem: [uma tendência que, segundo o autor, deveria repercutir sobre os programas escolares] “a escola se converteria desse modo no que ella ainda não é, de modo completo: um instrumento de ajustamento social, um factor de progresso social.” (LOURENÇO FILHO, 1928, p. 60). Curioso informar que em nossa dissertação de mestrado abordamos a imagem do “*right man in the right place*”. Algo que confunde com a ideia de democracia representativa, com a adaptação do mais apto, daquele mais capaz. Os testes aqui defendidos seriam a forma de encontrar as pessoas certas para as funções certas. Uma forma também de justificar o lugar de poder que ocupavam diretores, professores e políticos. Quando acertavam o melhor elogio podia ser este o homem certo no lugar certo. Um ponto importante que a educação deveria alcançar nos seus maiores objetivos:

[escola] um instrumento de ajustamento social, um factor de progresso social.

Não acho, no entanto, que a escola deva transformar-se em aprendizado profissional. Ao falar de adaptação social, "ao desejar que a escola se preocupe com as qualidades requeridas pelas carreiras commerciaes ou industriaes, o que peço é que se desenvolvam as funções mentaes em sua relação com a actividade, e que a escola se inspire na pratica da vida, para organizar um programma de desenvolvimento do espirito e das qualidades moraes. Numa palavra: que não accentue mais, como até agora tem feito, o saber livresco, mas que encaminhe para a vida. [...]

Agindo desse modo, não favorecendo o desenvolvimento dos bem dotados, a escola demonstra que não tem ainda consciênciã exacta de seus deveres sociaes. A formação de uma minoria selecta é necessária, sobretudo nas democracias. Nosso collega MILLIQUOD observava, com razão, no Congresso Pedagógico de 1914, em

Lausanne: «Deveríamos separar muito antes do que o fazemos, os que podem caminhar rapidamente e bem dos que não o podem fazer. A democracia, mais do que outro regimen tem necessidade de minorias selectas. Não fazemos quasi nada para formar uma selecção sahida do povo. Que não tenhamos de lamental-o muito cedo e cruamente!»

E' certo também que os governos democráticos, responsáveis perante seus eleitores, não têm nenhum interesse em favorecer a formação das elites; porque uma élite possui, evidentemente, mais espirito critico e percebe, assim, mais rapidamente que a massa, as faltas commettidas por seus mandatários. (LOURENÇO FILHO, 1928, p. 60-61).

Objetivos de ajustamento e de avanço alcançados por meio das seguintes funções essenciais:

A escola tem duas funcções principaes:

1.^a — Ensinar determinadas coisas á creança; enriquecel-a com conhecimentos úteis e hábitos particulares (ler, escrever, contar, desenhar, saber a geographia, etc).

2.^a — Desenvolver, cultivar as suas funcções mentaes (cultura da intelligencia, dos sentidos, da attenção, da consciência social e moral), etc.

Já não temos que tratar aqui do primeiro ponto, indicado acima, porque elle foi o objecto dos paragraphos anteriores.

O estudo das diversas technicas particulares e dos principios da educação funcncional devem servir de base a toda essa didáctica especial.

Devemos encarar, portanto, o segundo ponto do programma escolar, isto é, *o de desenvolver o espirito, cultivar a intelligencia e o coraçào*. (LOURENÇO FILHO, 1928, p.79)

Tentando agrupar e demonstrar tudo que foi dito aqui de forma quantitativa, a soma que procedemos dos autores citados no livro. Entendemos que estes autores, que são variados, auxiliam Claparède na constituição de sua argumentação, pró escola nova e contrária a velhas práticas, no mesmo sentido em favor da psicologia e da modernidade, e também compreendem autores que Lourenço Filho incluiu com interesses de auxiliar o leitor na compreensão das ideias de Claparède, fazer uma tradução adequada e inteligível, propagandear seus textos e de colegas, e ainda vender a coleção que estaria por vir.

Procedemos à análise quantitativa dos nomes dos autores citados na obra, dispomos em tabelas separadas de acordo com o responsável pela citação: autor, tradutor e editora. O resultado está apresentado parcialmente nas tabelas a seguir.

Na tabela a seguir apresentamos a soma inicial de todas as menções verificadas na obra como um conjunto, abarcando conteúdo, notas, rodapés, orelhas, contracapas, etc. Marcamos para Claparède os autores citados no conteúdo do texto e em notas de rodapé do texto original; para o tradutor anotamos os autores citados em notas assinadas pelo tradutor (NT) e prefácio; para a editora elencamos as citações em contracapas, orelhas e demais paratextos.

Tabela 4 – A escola e a psicologia experimental (1928). Número de citações, por autor

<i>A escola e a psicologia experimental (1928).</i>	
Número de citações, por autor:	
Menções	Quantidade
Claparède	122
Editora	15
Lourenço Filho	70
Total	207

Foram, portanto, 207 autores citados nesta pequena obra, sendo 58% de citados por Claparède, o autor traduzido. Os outros 42% dos nomes presentes no livro são inserções feitas por Lourenço Filho e editora. Consideramos este um número considerável agregado à obra original.

Abaixo os autores que aparecem no livro por mais de três vezes²⁴, separados por nome citado:

²⁴ No apêndice (A) inserimos a tabela completa

Tabela 5 – Livro A escola e a psychologia experimental (1928). Autores citados - todos

Livro A escola e a psychologia experimental (1928)	
Autores citados - todos	
Nome	Quantidade
Claparède, E.	41
Binet	8
Dewey, John	7
Piéron, Henry	7
Decroly	6
James, William	5
Duhem	4
Flournoy, Th.	4
Brunot	3
Galton	3
Hall, Stanley	3
Lourenço Filho, M.B.	3
Neumann, G.	3
Rousseau, J.J.	3
Schmid	3
Simon	3
Outros* (2 aparições ou menos)	101
Total	207

Na lista acima aparecem nomes importantes para a constituição da imagem do autor no Brasil e mesmo em sua carreira na Suíça. É bom entender que a imagem de um autor desse porte se faz entre aqueles que são aliados, Binet, Dewey James, Flournoy, são nomes que por afinidades de pensamento, ou até parentesco, tem estreita ligação com Claparède. O mesmo se aplica a Rousseau e Simon. Os contrapontos estabelecidos com quem polemiza ou rivaliza, também serão registrados por essa pesquisa.

Uma rápida ressalva para os que aparecem menos de três vezes: há nomes importantes para Claparède, como Groos e Ferrière. Vejamos abaixo separados por: autor, tradutor e editora como resulta este panorama dos autores citados para cada autor na obra.

Éduoard Claparède²⁵ cita os seguintes autores:

Tabela 6 – Livro A escola e a psychologia experimental (1928). Menções - autor - Claparède

Livro A escola e a psychologia experimental (1928). Menções - autor - Claparède	
AUTOR CITADO	Quantidade
Claparède, E.	12
Binet	6
Dewey, John	6
Decroly	4
Duhen	4
James, William	4
Brunot	3
Galton	3
Neumann, G.	3
Rousseau, J.J.	3
Schmid	3
Outros* (2 aparições ou menos)	71
Total	122

Já na primeira obra publicada de Claparède podemos fazer um panorama dos maiores interesses do autor. Apesar de críticas que sofreu, nesta soma podemos assinalar nomes que são de importância para a trajetória de Claparède: Rousseau, Dewey, Binet e James. Entre os omitidos que foram citados por duas vezes estão Baden-Powell, Flournoy, Simon, Thorndike e Ferrière, este último muitas vezes próximo, muitas outras em oposição.

A seguir os autores citados pelo tradutor:

²⁵ Nesta tabela selecionamos os nomes que aparecem mais de XX vezes. Para dados completos veja o apêndice B:

Tabela 7 – Menções - tradutor - Lourenço Filho

Menções - tradutor - Lourenço Filho	
Autor citado	Quantidade
Claparède, E.	26
Binet	2
Decroly	2
Flournoy, Th.	2
Piéron, Henry	2
Appleton	1
Ayres	1
Briod	1
Carr	1
Courtis	1
Gross	1
Déjerine	1
Dewey, John	1
Downey	1
Dubois	1
Fanciulli	1
Fiske	1
Fontègne, V.J.	1
Goddard	1
Godsey	1
Groos, Karl	1
Hall	1
Heller	1
Herbart	1
James, William	1
Lourenço Filho	1
Payot	1
Platão	1
Ruch-Popenoe	1
Russ-Crosmann	1
Ruttman	1
Sickinger	1
Simon	1
Stratchan	1
Thorndike	1
Truper	1
Vineland	1
Wallin	1
Walther, Léon	1
White	1
Wilkins	1

Total	70
--------------	-----------

Trata-se de uma lista grande e relativamente variada, com poucas repetições. Analisando conjuntamente as duas primeiras tabelas temos os seguintes pontos de contato, além do próprio Claparède, Lourenço Filho resalta da obra original os nomes que são importantes para o autor e para o mundo escolanovista ou da psicologia: Binet, Decroly, Flournoy, Piéron, Gross, Hall, James, Simon, Thorndike. O único da lista que é mais citado por críticas e oposições é Herbart.

Um detalhe interessante dos que não estão listados, e era considerado uma figura proeminente do mundo escolanovista é Ferrière, esquecido por Lourenço filho aqui. Chegamos ao número de inserções novas: 28 são os nomes que Lourenço Filho inseriu na obra e que não aparecem em Claparède.

Por fim, apresentamos os autores que citados pela editora:

Tabela 8 – Menções - Editora

Menções - Editora	
Autor citado	Quant.
Piéron, Henry	4
Claparède, E.	3
Lourenço Filho, M.B.	2
Dória, A. Sampaio	1
Durkheim, E.	1
Escobar, José	1
Geenen, Henrique	1
Proença, A.F.	1
Toledo, João de	1
Total	15

Os nomes sem assinatura ou assinados pela editora são 15, neles destacam-se autores brasileiros, obras a serem publicadas e propagandeadas como de afinidade estreita com o autor Claparède.

Optar por somar as citações da forma como fizemos não é, certamente, uma escolha fácil. Ressaltamos que é uma opção para construir um panorama geral da obra com o intuito de confirmar ou negar expectativas, bem como dar base e gerar questões para novas pesquisas. Nesta primeira parte não apresentamos um estudo teórico sobre o autor, mas tentamos teorizar sobre as formas como suas teorias circulam e principalmente como foram recebidas e manejadas.

Neste primeiro capítulo apresentamos informações sobre o texto, sua origem e a quem foi prescrito, conteúdo, além de dados importantes de seus paratextos. Tentamos mostrar como Lourenço Filho e a Companhia Melhoramentos agiram sobre o texto de forma a torná-lo lido e bem recebido. Talvez este fato seja explicado pelo tamanho da obra – formato de bolso –, pela simplicidade da edição, como também pelo apelo do tema.

No capítulo seguinte, construído por meio de cartas coletadas na Biblioteca Municipal de Genebra, demonstraremos alguns movimentos feitos por Lourenço Filho para publicar esta obra. Tais cartas nos servirão para confirmar algumas afirmações feitas neste capítulo, principalmente as iniciativas de Lourenço Filho para com a obra de Claparède, um movimento Brasil – Suíça, um interesse dos brasileiros para com a ciência que ali se empreendia. Como fato confirmador dos interesses de cada autor, compararemos algumas cartas trocadas entre Lourenço Filho e Claparède e depois entre Claparède e Dewey nos EUA a fim de entendermos alguns mecanismos de difusão das ciências que esperamos elucidar.

CAPÍTULO 2

MANUSCRITOS QUE PERMEIAM AS IMAGENS IMPRESSAS

Construímos este capítulo por meio de cartas inéditas coletadas na Biblioteca Municipal de Genebra e cartas trocadas por Claparède e Antipoff, publicadas na íntegra por Martine Ruchat em *Edouard Claparède, Helene Antipoff: correspondance (1914-1940)*. O critério inicial foi o de selecionar cartas e documentos referentes a contatos com brasileiros, sul-americanos e portugueses com Claparède, bem como cartas que tratassem da publicação e difusão das ideias do autor e convites para eventos e viagens.

Os dados dispostos apoiam e confirmam as afirmações feitas no capítulo anterior, revelam a iniciativa de Lourenço Filho para com a obra de Claparède, em um movimento Brasil-Suíça, o interesse dos brasileiros para com a ciência que ali se empreendia. A fim de fazer um contraponto entre o movimento de Lourenço Filho e Claparède, dispomos também informações sobre as cartas trocadas por Claparède e Dewey nos EUA e também com a Fundação Rockefeller. São modos de operar em movimentos distintos e interessantes. O brasileiro propõe a publicação de livros e artigos e paga por eles, enviando um cheque por sua própria iniciativa. Claparède recebe os direitos gratuitamente de Dewey e ainda pede verba para financiamento de seu laboratório. Assim a filosofia e a psicologia norte americana iam sendo difundidas: com verbas, publicidade e por meio de grandes institutos e universidades como o *Teacher's College* e Fundação Rockefeller.

O brasileiro estava engajado em um projeto declarado de publicidade com fins a apresentação de propostas educacionais e divulgação em seu país e acaba consumindo bens culturais de segunda mão e pagando para difundir as ideias que

Claparède recebia de graça. Tal afirmação é importante, pois demonstra a forma poderosa como os pensadores norte-americanos eram difundidos e como neste momento Lourenço Filho está em outra posição frente à Claparède, a de consumidor.

É importante ressaltar a política norte americana difusora, como referência internacional de ciência e como financiadora. Claparède neste momento já estava na Universidade, mas com poucos recursos financeiros, lutava para manter-se e aliava-se a um grupo forte como parceiro e divulgador. Lourenço Filho, neste contexto, está em um país periférico, mas do mesmo modo também tenta criar um espaço e uma estratégia no campo educacional. Entendia a importância do impacto que nomes internacionais causariam no Brasil, dispunha-se editar as obras de Claparède no Brasil.

Assim temos, entre tantos vieses e feições, a disputa pela conformação dos espaços educacionais no final dos anos 1920. Temos os EUA estabelecidos, Claparède em crescimento, mas sem verba, e Lourenço Filho buscando aumentar seu espaço e também envolvido nas disputas.

Apresentamos a seguir as principais informações que coletamos, a fim de dar um panorama do que se passava nestas correspondências. Interessante lembrar que em relação aos impressos que esta pesquisa privilegia, as cartas são escritas um pouco mais desarmadas, mais simples, com carga coloquial e cotidiana, embora selecionadas e guardadas com cuidado. Não custa lembrar que já era prática a publicação das memórias de pesquisadores célebres, o Instituto Jean-Jacques Rousseau, não deixava de ser um grande espaço de memória à Rousseau.

Outro ponto interessante que fica registrado nesta pesquisa diz respeito à circulação de pessoas por diferentes centros: Paris, Genebra, Lisboa, Cairo, Nova

lorque, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro pareciam próximas. Muitas viagens descritas nas cartas, também a demarcação de afetuosidade e modo carinhoso de conviver, na recepção de visitantes e na convivência de seus parentes mais próximos, como filhos e esposas.

Registramos neste contexto de circulação de pesquisadores os convites que Claparède recebeu de diferentes estados brasileiros para lecionar em suas escolas e faculdades, mas na década de 1930 o país conta com o apoio de Antipoff que relata em suas cartas o apreço do povo brasileiro pelo autor:

‘o grande e o mais puro apóstolo da Educação Nova e maior autoridade em matéria de psicologia’, ‘o grande deus da educação nova e seu grande inspirador’, ‘o nome de claparède é canonizado aqui, se ousar me exprimir assim. Você não encontrará um só volume de pedagogia ou de psicologia que não se refira a você como o mais competente dos cientistas nesta matéria’, e, ainda, ‘Claparède, como já tenho escrito, é o nome mais admirado aqui entre os pedagogos’. Claparède, ele mesmo constatará a sua popularidade, escrevendo em 12 de novembro de 1930, enquanto acabava de deixar o país: ‘tentei no Rio de Janeiro ir ao correio ver se me entregavam o que tinha chegado para mim. Eu já estava com a bagagem para Belo Horizonte. imagine que o empregado dos correios, quando entendeu o meu nome, me disse que possuía meu Como diagnosticar... Que pessoas engraçadas são os brasileiros’. (RUCHAT, 2012, p. 194).

Claparède aceita essa viagem de quatro semanas durante o mês de outubro para “[...] conhecer pessoalmente os amáveis colegas que ele já conhecia por meio de correspondência, e que o convidavam a fazer algumas conferências, rever antigos alunos e, muito especialmente, poder fazer uma visita à sra. Antipoff que tinha organizado o ensino de psicologia experimental e escolar em Belo Horizonte” (CLAPARÈDE, 1931).

A chegada de Claparède ao Rio de Janeiro no “Conte Rosso” que saíra de Gênova em 2 de setembro de 1930 é um acontecimento. Muitas autoridades e conhecidos o esperavam no porto. Lá estava Francisco Lins, Laura Jacobina

Lacombe, Ernani Lopez, médico, psiquiatra e presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental (fundada em 1923). Lá também estavam Magalhães, um dos cirurgiões mais concorridos do Rio de Janeiro, presidente da ABE, Gustavo Lessa, médico e amigo de Antipoff e membro da ABE, Waclaw Radecki, polonês, assistente de Claparède em Genebra, onde realizou seu doutoramento. No Brasil, organizou um laboratório de psicologia num hospital psiquiátrico em Rio de Janeiro, localizado no bairro de Engenho de dentro.

No Brasil, era o fim da Primeira República, instaurada em 1889, e o início de um período de crise econômica e de movimentos políticos importantes. Dado o acontecimento da Revolução, Claparède não pode retornar e acaba passando cinquenta dias em terras brasileiras.

2.1 CARTAS SELECIONADAS²⁶

As cartas selecionadas estão datadas entre 1902 a 1937, manuscritas e datilografadas, na sua maioria em francês, e estão preservadas no arquivo municipal. São cartas e documentos de grandes nomes da ciência na época, daqueles que ele mais dialogava e estudava e também alguns desenhos particulares, um caderninho de anotações de aulas e artigos datilografados e marcados a lápis e caneta com correções.

Entre os principais autores que fotografamos estão: William James, Alfred Binet, Carl Jung, John Dewey, Adolphe Ferrière, Daniel Serra Navas, Leon Walther, o português Antonio Joaquim Ferreira, e os brasileiros Alcantara Machado, Laura Lacombe, Faria Vasconcelos, Lourenço Filho e Francisco Lins.

²⁶ Para a lista completa dos manuscritos coligidos confira os apêndices.

Para este capítulo organizamos as cartas em três tópicos: cartas que tratam de traduções para edições brasileiras; cartas sobre relacionamento acadêmico e financiamentos científico, com fins à compreensão do panorama e das operativas desses cientistas na época; e cartas sobre circulação de pessoas e saberes, que engloba viagens, trocas de livros e artigos.

2.2 CONTATOS EDITORIAIS

2.2.1 Lourenço Filho: primeira edição de um livro de Claparède

A primeira carta escrita por Lourenço Filho²⁷ que tivemos acesso foi feita em papel timbrado do Lyceu Nacional Rio Branco. O autor apresenta-se como professor de psicologia e pedagogia da Escola Normal de São Paulo e diretor do Lyceu Nacional “[...] estabelecimento que propõe uma orientação mais moderna ao ensino nativo”. Junto a esta carta também encontramos um cartão de visitas de Lourenço Filho.

Lourenço Filho mostra-se admirador da sua obra : “[...] que conheço, que amo e admiro vossa obra, afortunadamente conhecida, notável em seus resultados práticos de melhoramento das formas de educação, um pouco empíricas, em todos continentes.” (LOURENÇO FILHO, 1927).

Em seguida conta detalhes de seus planos com a coleção que pretendia publicar, explicando a obra que viria a ser publicada em 1928 (analisada no capítulo anterior).

²⁷ São Paulo, 28 de março de 1927. Lourenço Filho.

Para fazer avançar nosso ensino, eu imaginei (e dei corpo à ideia, atualmente) de me engajar a uma obra de propaganda intensiva. Eu vou publicar uma pequena biblioteca de propaganda, e o primeiro volume será seu estudo sobre “A escola e a psicologia experimental”; e também uma revista periódica de agitação de boas idéias de psico-pedagogia. (LOURENÇO FILHO, 1927).

O autor da missiva conta ainda que essas ideias advêm de resultados de seus estudos no ramo da biologia, na faculdade de medicina: “Eu, formei um espírito sob uma orientação um pouco diferente da dos senhores do ensino oficial, porque sou engajado, a boa hora, aos estudos biológicos na Faculdade de Medicina, e porque li e me interessei pelo movimento da educação universal.” (LOURENÇO FILHO, 1927).

Lourenço Filho afirma ainda seu papel de liderança na biblioteca, contando que havia interesse da Companhia Melhoramentos à sua “obra de propaganda”, mas naquele momento entendia que o melhor seria desenvolver o projeto exclusivamente às suas custas, a fim de manter sua independência de ação.

Em pontos esclarecedores, Lourenço Filho solicita a permissão para a publicação de um dos artigos de Claparède na Revista dos Professores e envia um cheque de cinquenta francos suíço (dez dólares na época) pelos direitos de tradução (como acordado em carta anterior) para a Companhia Melhoramentos em 1926.

Ao final, pede o envio do original de Escola e psicologia experimental para confrontar com a tradução que tinha, envia seu boletim de adesão ao BIE (*Bureau International d'Education*) e mais um cheque à Editora Kunding pelos “*Archives de psychologie*” e outros livros. Conclui assinando: sou o último de seus colegas e o mais entusiasta de seus alunos à distância.

Como se pode notar um documento importante para a pesquisa, onde se esclarecem fatos como a iniciativa de Lourenço Filho para com Claparède, com o interesse sobre os estudos e conhecimentos do autor suíço, o pagamento pelos direitos de tradução, e até mesmo a necessidade de atuar com maior autonomia frente à Melhoramentos, com o intuito de ser Lourenço Filho o líder da coleção.

Importante ainda a forma de entender a coleção, como uma obra de propaganda intensiva tendo Claparède como o primeiro nome dessa linha.

Interessante para nosso texto é a forma como Lourenço Filho tratou o Liceu Rio Branco, como estabelecimento de orientação moderna para o ensino indígena (ou nativo). Forma comum de tratamento da época, mas que enriquece a forma teórica de nossa tese. Em pouco tempo, os nativos brasileiros estariam frente a frente ao nativo (estrangeiro) Claparède, ou mesmo um conquistador disfarçado? De todo modo, um *estrangeiro feito indígena* por um local, ritualizado por alguém com poder. Nosso pajé, nosso guia, na ritualização de Claparède foi Lourenço Filho.

Neste assunto, só conseguimos o acesso à versão de Lourenço Filho, guardada por Claparède, em muitos casos ele guardara a correspondência em papel carbono, não foi o caso aqui.

2.2.2 A segunda edição de *A Educação Funcional*: Damasco Penna

Em carta²⁸ redigida três meses após a perda do filho, Claparède agradece a carta de 24 de maio relativa à nova edição de Educação funcional e coloca-se de acordo às inserções de artigos feitas por Penna. E pede a inserção de mais alguns:

²⁸ Genebra, 22 de julho de 1937. Claparède a Damasco Penna.

- 1 – Reflexão de um psicólogo (*Réflexions d'un psychologue*);
 - 2 – O pensamento leal e a educação (*La pensée loyale e éducation*);
 - 3 – A consciência da semelhança e da diferença na criança (*La conscience de la ressemblance e de la différence chez l'enfant*).
- Exclusão de Gênese de l'hypothese (o texto ficaria muito longo).

Referente ao artigo a respeito da psicologia funcional que Penna havia tratado em carta anterior, ele pede que o empregue com a introdução do livro. Ele diz que pode escrever um pequeno apêndice para mencionar as leis funcionais.

Claparède envia o artigo *Rousseau et l'origine du language* e avisa que os direitos de tradução ficam a cargo de Delachaux (editor), que o escreverá diretamente. O custo dos direitos autorais fica a cargo da editora e Claparède não discute.

2.2.3 Convite para Claparède da Faculdade de Ciências da Educação no Rio de Janeiro

Entre as cartas encontradas há um convite de Lourenço Filho para Claparède ser professor da cadeira de Psicologia educacional na Faculdade de Ciências da Educação no Rio de Janeiro. Além da visita de 1930, e do convite registrado em carta tratada a seguir, com data de 1932, Ruchat (2012) registra também o convite feito para lecionar no Brasil no ano de 1921.

O documento feito em papel timbrado do Ministro da Educação²⁹ informa que Lourenço Filho havia atuado por mais de um ano na direção de ensino do Estado de São Paulo³⁰ e que naquele período atuava como diretor do gabinete do Ministro da Educação. O motivo de ter mudado de função foi o desejo de levar a

²⁹ Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1932. Lourenço Filho

³⁰ Ver Lourenço Filho em Monarca.

diante a instalação da Faculdade de Ciências da Educação, que entraria em funcionamento em abril de 1932 com as seguintes cadeiras:

Psicologia educacional;
Sociologia educacional;
Princípios do ensino;
História da educação.

Fica revelado o motivo principal da carta, o desejo de Lourenço Filho e do ministro em contar com Claparède como professore da cadeira de Psicologia educacional por dois anos. E ao final, Lourenço Filho arremata de forma bem humorada:

Bem sei que o Brasil deve ter lhe dado, nos últimos dias que aqui estive, uma impressão desagradável com a revolução. Comtudo, devo dizer-lhe só acostumamos fazer revolução de 40 em 40 annos e, nessas condições, não estará sujeito a ficar de novo preso, como ficou em Bello Horizonte (LOURENÇO FILHO, 1932, p.1).

Rapidamente Claparède responde a Lourenço Filho³¹ agradecendo ao convite recebido, mas informa que não poderia aceitar, pois estava preparando a celebração dos vinte anos de fundação do Instituto Jean-Jacques Rousseau. Também conta das dificuldades financeiras pelas quais o Instituto passava, mais um motivo para não se ausentar. De todo modo, não descartou aceitar o convite em outra oportunidade.

Também estava com o tempo tomado com a redação dos *Archives de psychologie* e de sua família.

Em carta datada do dia 25 de fevereiro de 1932³² é uma resposta conjunta de Claparède e Piaget. A primeira resposta de Claparède demorou a

³¹ Genebra, 9 de fevereiro de 1932. Claparède. [resposta à Lourenço Filho].

³² Genebra, 25 de fevereiro de 1932. Claparède e Piaget pra Lourenço Filho.

chegar ao Brasil e Lourenço Filho refez a proposta, talvez de modo mais interessante, via telégrafo. Não tivemos acesso a esses documentos, mas da carta da Suíça entende-se que há uma proposta de parceria entre a instituição brasileira e o Instituto Jean-Jacques Rousseau (com problemas financeiros naquele momento).

Nesta segunda carta Claparède quer detalhes sobre o andamento dos semestres e anos universitários; da possibilidade de trabalho de março a dezembro de 1933 para si e no ano de 1934 para Piaget.

Ele também pergunta o que lhes seria oferecido em termos de acordo? Preferindo que os brasileiros lhes fizessem uma oferta, deixando suas precauções e exigências:

Primeiro quanto à sua saúde: desejaria passar sua estadia no Rio de Janeiro nas melhores condições higiênicas possíveis, boa pensão e boa alimentação.

Desejaria que seu salário fosse suficiente bom para que pudesse trazer a família em visita ao Rio por um ou dois meses (pensando em um salário regular que coubesse essas despesas);

Sobre as férias, gostaria de fazer passeios pela Argentina, Chile e centro do Brasil;

Qual seria o tempo de curso, gostaria de dedicar-se à formação de assistentes.

Concluindo ele pondera sobre a importância de tal decisão. Piaget era diretor do BIE (*Bureau International d'Éducation*) e também trabalhava no Instituto Jean-Jacques Rousseau. Lembra ao final que ficaria feliz de associar o Instituto à nascente instituição brasileira.

Por fim, a pergunta se Antipoff poderia trabalhar com eles.

Um fato interessante nestes documentos há um rascunho com pedidos a mais, riscados em vermelho e cortados da versão final da carta:

O aceite para visitas de seus assistentes, Walther, Lambercier, e um pedido para que Walther ocupasse a cadeira de Psicologia educacional em 1933.

2.2.4 Financiamento e custos científicos da época

Um documento que consideramos importante na relação acadêmica travada por Claparède e que se refletia no Brasil são as cartas³³ de Claparède (em duas versões, uma em francês e outra em inglês) pedindo suporte financeiro ao Laboratório de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Genebra, laboratório este sob a direção de Claparède.

No documento Claparède solicita por três ou cinco anos a quantia de 1500 dólares anuais, para ajudar o custeio do auxiliar de laboratório e contratar outro e verba para compra de livros sobre psicologia publicados nos EUA;

Em caso negativo a Claparède pede a indicação de outras fundações do país que poderiam ajudá-lo.

No pedido o autor envia o demonstrativo de recebimentos anuais de seu laboratório em torno de 730 dólares anuais, para manutenção, biblioteca e salário do seu auxiliar:

33 Genebra, 11 e 27 de novembro de 1929. Claparède para Fundação Rockefeller (Nova Iorque).

Tabela 9 – Verba do Laboratório de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Genebra

Verba do Laboratório de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Genebra		
Destino	Valor SFr.	Valor US\$
Geral	775,00	153,00
Biblioteca	196,00	39,00
Salário do assistente	2.700,00	540,00
Total	3.671,00	734,00 **

* valores da época

** somatória do autor

Ao final agradece e desculpa-se por bater à porta da fundação novamente, escreveu a carta por motivo de necessidade “*I am driven to it by necessity*”. (CLAPARÈDE, 1929, p1).

Não há resposta além de uma carta em 13 de fevereiro de 1930, sobre a demora da resposta e informando a troca de responsável pelo processo aberto por Claparède.

O financiamento norte-americano era comum em entidades Suíças que iam desde as Nações Unidas até o próprio Instituto Jean-Jacques Rousseau. O Instituto teve seu início alavancado pelo aporte de cinco mil dólares da Fundação Rockefeller conseguidos por intervenção de Claparède, Bovet, Elisabeth Rotten e Ferrière (ROSSELLÓ, s.d.).

Na documentação de Claparède encontramos também cartas do autor para John Dewey, sobre publicação de seus livros na suíça. Em carta ³⁴datilografada em inglês, escrita em papel timbrado da Universidade de Columbia, NY, Departamento de Filosofia e Psicologia, Dewey responde a uma carta de 1 de abril. O autor norte-americano avisa que escreveu a seu editor para que ele envie a

³⁴ Nova Iorque, 25 de Abril de 1911. John Dewey.

Claparède cópias do seu livro *Logical theory* e também um livro educacional *How we think*, publicado um ano antes.³⁵

Diz estar feliz em ter a seleção de seus ensaios traduzidos para o idioma francês por M. Pidoux. Deixa Claparède à vontade para a publicação dos artigos e livre de qualquer pagamento.

Trata também de um prefácio que conversaram em carta anterior³⁶ e do livro de Claparède *Psychologie de l'enfant*, Dewey conta que tem feito uso do livro e que pensa sobre a preparação do livro para o inglês.

Em seguida Dewey³⁷ agradece efusivamente o prefácio escrito por Claparède, arremata dizendo “[...] o mais exato autor que eu poderia desejar para uma introdução para um público estrangeiro.” (DEWEY, 1913, p1). Do ponto de vista da mediação do *estrangeiro indígena* corrobora com nossas afirmações anteriores, sobre a importância do autor local na apresentação do estrangeiro a ser consumido. Para Dewey, Claparède foi pontual e correto na apresentação.

Na carta, ainda ficam relatadas informações sobre a temporada de estudos das filhas de Dewey em Lausanne e o convite para que Claparède introduza a irmã de Dewey, que residia na cidade, entre seus amigos.

³⁵ [...] and also a educational book.

³⁶ Carta não disponível, provavelmente tratavam do livro XXX que Claparède prefaciou.

³⁷ Nova Iorque, 7 de outubro de 1913. John Dewey.

2.2.5 Circulação de pessoas e saberes

No universo grande de cartas de Claparède separamos ainda cartas³⁸ de agradecimento pelo envio de obras de James, um cartão de agradecimento, em inglês, pelo envio do *little book on "Association"*.

Ferreira estava em viagem pela Suíça e de Lausanne escreve a carta³⁹ contando das palestras que viu pelo país nas Escolas Normais, entre elas a de Guex. Trata das conferências de Claparède e da publicação de seus textos, contando que compraria os livros para si e para quatro colegas seus.

Manuscrita, enviada para Claparède no Egito⁴⁰; praticamente ilegíveis trata da visita de Walther à Claparède no Cairo, no Egito, onde Claparède atuava com fins à reforma do sistema de ensino egípcio. No acervo dos manuscritos está disponível o relatório de Claparède sobre esta viagem.

Trata⁴¹ de sua passagem pelo Instituto Jean-Jacques Rousseau e conta a Claparède de sua prima, Bárbara de Oliveira, diretora da Escola Normal Profissional.

Comunica⁴² que se tornou diretor do Instituto de Orientação Profissional, instalado pela assistência pública de Lisboa (o primeiro fundado em Portugal).

Pede uma listagem das publicações de Claparède sobre o tema e solicita o envio de um artigo para a Revista Escolar, “[...] sobre qualquer problema psicopedagógico” (VASCONCELOS, 1926).

Francisco Lins, em uma série de cartas, trata de sua viagem pela Europa, passando por Genebra, Paris, e outros países.

³⁸ Nova Iorque, 29 de dezembro de 1902. William James.

³⁹ Lausanne, 29 de janeiro de 1909. Antonio Joaquim Ferreira - Instituto Português Solitude.

⁴⁰ Belo Horizonte, 9 e 11 de abril de 1924. Leon Walther.

⁴¹ Rio de Janeiro, 1 de julho de 1925. Laura Lacombe.

⁴² Lisboa, 14 de janeiro de 1926. Faria Vasconcelos.

Francisco Lins, de forma amistosa e aparentando proximidade, avisa⁴³ que pretende ir à Suíça, primeiro à Lausane e depois à Genebra para visitar Claparède e saudar sua esposa. Assina como antigo aluno, amigo e admirador.

Carta⁴⁴ de quando chega à Lausanne avisando que estará em Genebra na semana seguinte. De lá partiria para Paris, aproveita e pede dicas de pensões baratas na cidade para o filho de Claparède.

Laura Lacombe agradece⁴⁵ a visita de Claparède à sua escola, no Rio de Janeiro. Convida o autor para um casamento, também no Rio.

Claparède envia uma recomendação⁴⁶ para que o embaixador peça um visto de reentrada na Suíça. O autor avisa que Antipoff era então professora na escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte e fora assistente no Laboratório de Psicologia de Genebra de 1926 a 1929, onde cumpriu suas funções com grande distinção.

Conta também da viagem feita no ano anterior (1930) onde viu o trabalho de Antipoff em Belo Horizonte. Claparède relata que o motivo do retorno de Antipoff é de saúde, devido ao calor forte e que precisaria de 6 meses na Suíça para recuperar-se. Ao final ele também pede ao ministro um passaporte para Antipoff, posto que ela só tinha o Passaporte Nansen.⁴⁷

Este capítulo, feito de forma pouco convencional, inscreve-se aqui por dar base ao entendimento dos capítulos que se seguirão e apoiar os dados coligidos no capítulo anterior. Temos então expostos a documentação que Claparède guardou e tivemos acesso. São documentos provenientes do Instituto Jean-Jacques Rousseau

⁴³ Juiz de Fora (MG), 28 de dezembro de 1929. Francisco Lins.

⁴⁴ Lausanne, 1 de fevereiro de 1930. Francisco Lins.

⁴⁵ Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1930. Laura Lacombe.

⁴⁶ 23 de julho de 1931. Claparède ao Ministro (embaixador) da Suíça no Rio de Janeiro.

⁴⁷ Passaporte utilizado por refugiados.

e Biblioteca Municipal de Genebra, curiosamente a maioria dos documentos pessoais do autor estão disponíveis na Biblioteca Municipal.

De todo modo, temos um conjunto rico de documentos. Cartas contratos, que foram a nossa meta principal, e ainda pudemos colher contatos mais pessoais e intimistas. Interessante também é o fato de encontrarmos documentos de brasileiros alocados em Genebra, como as cartas de Antipoff que foram doadas à Universidade de Genebra e via suíços produziu-se uma publicação com tais documentos.

Na sua sequência fica exposta a relação editorial entre Claparède, Lourenço Filho e Damasco Penna, até mesmo os custos envolvidos ficam elucidados. Nesta leitura é interessante notar a forma de Claparède lidar com demais autores internacionais, entre eles autores de expressão mundial como Dewey e James.

Nas tratativas entre Penna e Claparède para a publicação de sua obra de maior destaque, a reedição de *A educação funcional*, onde os capítulos a serem inseridos e a introdução é alterada por Claparède, mas não há menções do autor sobre qualquer paratexto além desta introdução.

Nas edições feitas por Lourenço Filho, há o pagamento direto, sendo esta uma obra inédita (originada em artigo) e não uma reedição de obra em francês, não há o intermédio de editoras, mas fica clara a ação e a iniciativa de Lourenço Filho, o qual elegemos junto com Penna e Antipoff os três grandes articuladores de Claparède no Brasil. Ou três grandes *ritualizadores* do autor em nossas terras.

Mas não foram os únicos, Claparède despertava interesse e mostrava-se acessível a todos. Como era conhecido como um homem de *convivialité*, com os brasileiros não foi diferente. Também escreveram sobre Claparède Lacombe, Lins, e principalmente os mineiros estiveram atentos aos passos de Claparède pelo mundo.

Ter Claparède visitando Minas Gerais por três meses, mesmo com o constrangimento de estar impedido de sair por causa da revolução, e ter Claparède na nascente instituição do Rio de Janeiro era motivo de destaque e orgulho para os brasileiros.

Uma curiosidade sobre o momento econômico é a carta escrita por Leon Walther do Egito em papel timbrado do governo de Minas Gerais. Não era uma época de desperdícios. Também fica o registro das dificuldades econômicas do Instituto Jean-Jacques Rousseau, animado com a possibilidade de parceria com o governo brasileiro. Não conseguimos averiguar o motivo, mas as negociações não prosseguiram.

Registramos ainda a intensa troca de cartas de Claparède e Antipoff, objeto de publicação recente, Claparède proveu constantemente Antipoff de informações sobre aqueles que faziam o mundo das ciências da educação em Genebra, mas também

[...] sobre aqueles que, no mundo inteiro, experimentam, inovam e publicam artigos. Com isso, são transmitidos na Escola de aperfeiçoamento de Belo Horizonte inúmeros elementos retirados das teorias claparédianas (a experimentação psicológica, a pedagogia funcional, a pedagogia nova, a pedagogia ativa), contribuindo para que elas fossem conhecidas no Brasil. as práticas psicopedagógicas genebrinas serão imitadas: a classe especial (Ruchat, 2003), o laboratório de psicologia, a consulta médico-pedagógica em atividade no IJJR desde maio de 1913 (Ruchat, 2002), assim como os testes de avaliação de inteligência e de orientação profissional aplicados aos alunos. a reforma escolar ocorrida em Minas Gerais nos anos de 1930 é fortemente inspirada nesses princípios.

No capítulo a seguir tratamos das edições de *A Educação Funcional*, editado por Grabois e Penna.

PARTE II

J. B. DAMASCO PENNA

CAPÍTULO 3

EDUCAÇÃO FUNCIONAL

Neste capítulo apresentamos o livro *A educação funcional* em quatro edições: A primeira de 1933, traduzida por Jayme Grabois e editado pela Companhia Editora Nacional, participante da coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira - Série III - Actualidades Pedagógicas Vol IV; e a suas reedições de 1940, 1950, 1954, dirigidas por J. B. Damasco Penna. Da mesma forma como fizemos na análise do primeiro livro do autor, privilegiaremos a materialidade para buscar compreender os aspectos envolvendo a produção e ritualização editorial, observando as inserções presentes no livro. Em seguida, apresentamos uma análise quantitativa a fim de comparar as edições.

Com o tradutor Penna temos uma forma de apropriar que consideramos a mais *produtiva* no que concerne a uma forma de *consumo criativo*. Além da tradução, afetada por qualquer tradutor em diferentes níveis, Penna age como vendedor, defende e produz sobre o texto de Claparède. Insere autores, indica novos, explica. Penna, que foi aluno e admirador declarado de Lourenço Filho, aprende e aprimora os métodos de seu mestre. Enquanto Grabois empresta seu nome, conhecimento, posição institucional e título para fortalecer a edição, mas em poucos momentos age com a intenção de explicar e aproximar o texto do público. Damasco Penna, a exemplo de seu ex-professor Lourenço Filho, tem um projeto maior.

3.1 A EDUCAÇÃO FUNCIONAL DE JAYME GRABOIS (1933)

O segundo livro de Claparède publicado no Brasil foi *A educação funcional*, traduzido por Jayme Grabois em 1933 pela Companhia Editora Nacional de São Paulo.

O exemplar que analisamos também faz parte do acervo antigo da Escola Normal de Piracicaba. *A educação funcional* (1933) está publicado em formato brochura (19,7 x 13,5 x 2,2 cm), totalizando 254 folhas divididas em 9 (nove) capítulos mais a conclusão com índice ao final. Conta com propagandas da coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira - Série III - Actualidades Pedagógicas Vol. IV, da qual era o quarto número e era dirigida por Fernando de Azevedo.

Os demais volumes anunciados são o primeiro de Fernando de Azevedo, o segundo de John Dewey, o terceiro de Anísio Teixeira e o quinto e último volume de autoria de Afranio Peixoto. Na contracapa ainda aparece o preço 7\$000 em formato brochura e 9\$000 encadernado. Analisamos um exemplar em formato brochura.

A edição, publicada a partir de São Paulo/SP, não conta com prefácio do tradutor Jayme Grabois, diferentemente do que aconteceria mais tarde com a nova tradução de Penna.

O exemplar que analisamos é numerado, com o número 929, e não possui índice onomástico. Conta com carimbo do Centro de Cooperação Escolar de Piracicaba - Biblioteca, com nome da doadora D. Deolinda M. Almeida.

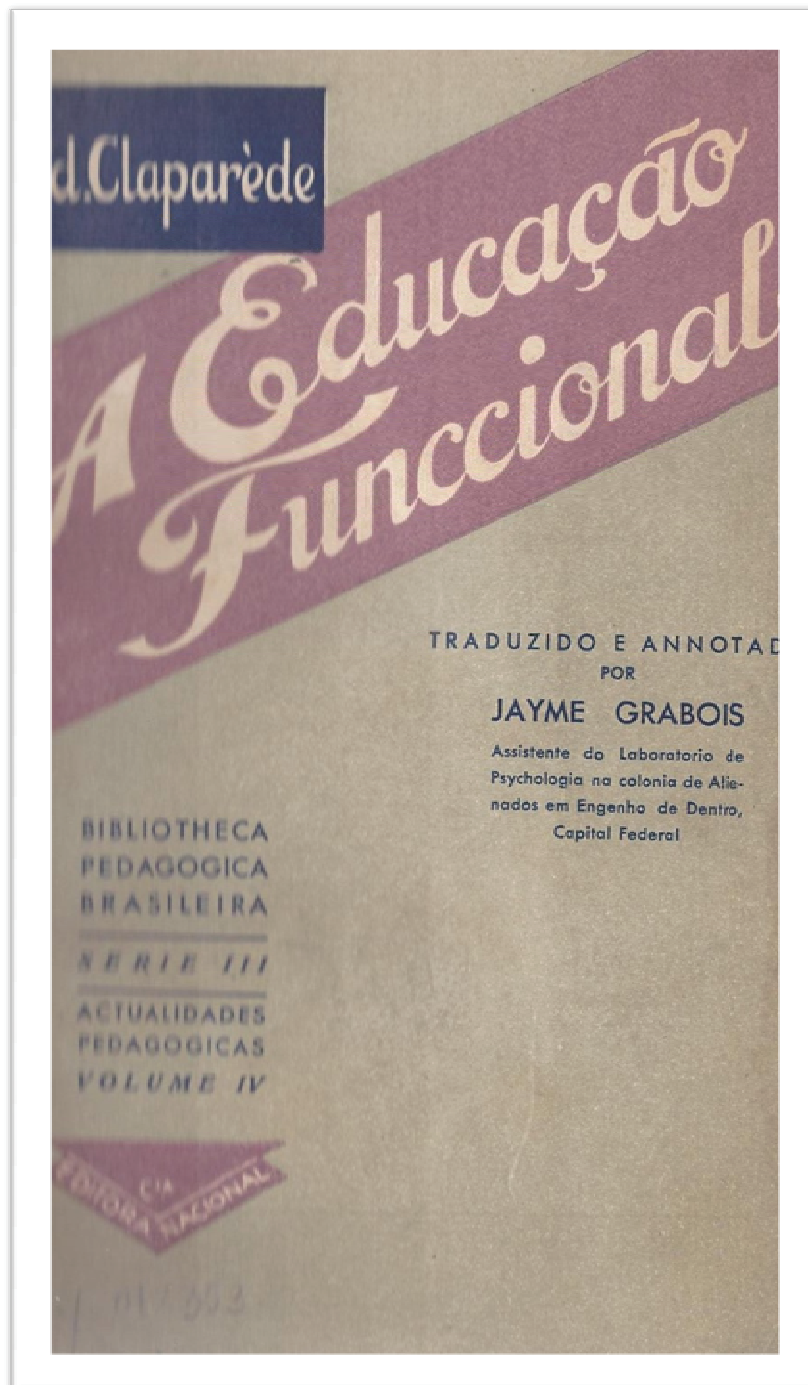
Na capa além do título, nome do autor, editoria "Cia Editora Nacional", há informações sobre a coleção que participa, Biblioteca Pedagógica Brasileira - Série III - Actualidades Pedagógicas Volume IV, e nome do tradutor e sua titulação:

Assistente do Laboratório de Psicologia na Colônia de Alienados em Engenho de Dentro, na então Capital Federal, Rio de Janeiro/RJ.

Em sua visita ao Brasil, Claparède é recebido, entre outras autoridades, por representantes da Colônia de Alienados em Engenho de Dentro⁴⁸, outra informação que atesta a relação próxima entre a entidade e o autor. O atendimento aos considerados alienados, como o estudo e desenvolvimento de pesquisas em laboratórios, eram temas caros à Claparède.

⁴⁸ Ver Ruchat RBHE.

Figura 3 – Capa de A educação funcnional (1933)



A primeira edição de *A Educação funcional* não possui prefácio do tradutor, como foi se estabelecendo, como costume para suas obras, o tradutor seria alguém que atuava na área e em tese teria algo a acrescentar ou a mediar para seu leitor. As suas inserções são feitas de modo comedido em notas de rodapé, apenas.

A educação funcional é um livro formado por artigos já publicados do autor e praticamente não apresenta menções ou outras mediações para o público brasileiro diretamente do autor. Na primeira página Claparède afirma que faz o texto em forma de coletânea para a “Colleção de Actualidades Pedagogicas” por indicação de Bovet (seu mestre e parceiro). As mediações são feitas, pontualmente pelo tradutor Grabois, em notas de rodapé.

Neste livro o autor trata da psicologia e sua história apresentando uma variação grande de autores e de diferentes países. Esta é considerada sua principal obra. Ao definir seus conceitos chave o autor faz menção aos antigos pedagogos, mostrando sua obra como resultante dessa linhagem. Aqui Claparède reforça alguns nomes: Rabelais; Montaigne, Comenius, Ratich, Fénelon, Rollin e, é claro, Dewey.

Estes são autores que, cada qual a seu modo, quebraram com a escolástica, partiram para métodos mais *atraentes* e *ativos* e entraram em choque com a história da pedagogia até então, considerada por ele um “[...] cumulo de desgosto e desolação enquanto permanecia um conjunto de lições que os infelizes alumnos das escolas normaes deveriam decorar para cada exame [...]” (CLAPARÈDE, 1933, p.2).

Desses nomes, o autor conceitua a *educação funcional*, um termo de 1911 que propõe desenvolver os processos mentais quanto à sua significação biológica, ao seu papel, à sua utilidade para a vida. “A educação funcional é a que toma a *necessidade* da creança, o seu interesse em attingir um fim, como alavanca da actividade que se lhe deseja despertar !” (CLAPARÉDE, 1933, p. 1).

Essa é uma das principais conceituações defendidas pelo autor. Desse desenvolvimento há de se pontuar a crítica à lição de coisas: “Em suggestivo artigo, Roger Cousinet denunciara outrora o perigo das ‘lições de coisas’, que parecem

interessar a criança e inculcar-lhe no espirito noções precisas quando não fazem mais do que distrai-la por um instante, diverti-la superficialmente." (CLAPARÉDE, 1933, p. 4).

Para os termos envolvendo a *educação funcional* e *educação atraente* Claparède relembra a importância que a propaganda tomava e suas relações entre a psicologia da educação x propaganda: "Encontramos, no domínio do anúncio⁴⁹, um equivalente da diferença entre o atractivo superficial e o despertar de um interesse profundo, capaz de dirigir a conducta e ativar a vontade." (CLAPARÉDE, 1950, p. 4).

Há uns trinta anos já que os psicólogos se vêm interessando pelo problema do reclamo, pelas qualidades psicológicas de um bom "anúncio". E, sem dúvida, a primeira dessas qualidades é a de ser atraente, isto é, de chamar e prender a atenção. Sem ela, as outras seriam supérfluas. Mas, não basta prender a atenção. É mister, sobretudo, que o anúncio seja de natureza a despertar um desejo, um interesse, a fazer do transeunte indiferente um cliente possível ou, melhor, um cliente provável. Ora, só chegará a isso, apelando para as tendências instintivas adormecidas na alma de cada um, despertando-as, criando um desejo, uma necessidade. O apelo à inteligência vem depois, em segundo lugar. Os raciocínios, as demonstrações da utilidade do produto anunciado só figuram para sustentar o desejo, se o desejo vier a enfraquecer-se, e para dar as indicações próprias à sua pronta realização. [...]

Os pedagogistas nada de melhor podem fazer do que buscar inspiração nela. Também eles devem, antes de mais nada, apelar para as tendências inatas da criança, a fim de nelas enxertar tudo o que lhe querem ensinar. Também eles devem, para contar com uma clientela de trabalhadores que empreguem no trabalho todo o zelo e energia de que são capazes, criar necessidades, despertar desejos. (CLAPARÉDE, 1950, p. 4).

A função da propaganda era algo que se colocava em debate, vide as cartas de Lourenço Filho e os projetos pedagógicos republicanos, calcados em propaganda e publicização dos feitos, com interesses educativos e políticos.

⁴⁹ Nas edições seguintes o termo anúncio é substituído por propaganda.

Para fazer avançar nosso ensino, eu imaginei (e dei corpo à ideia, atualmente) de me engajar a uma obra de propaganda intensiva. Eu vou publicar uma pequena biblioteca de propaganda, e o primeiro volume será seu estudo sobre "A escola e a psicologia experimental"; e também uma revista periódica de agitação de boas idéias de psicopedagogia. (LOURENÇO FILHO, 1927).

Para Claparède as primeiras sistematizações que procuram basear a educação na psicologia são devidas à Herbart. O autor cita ainda, tratando sobre o assunto Rousseau e Locke:

A idéia de basear a educação na psicologia não é nova. Vemo-la pela primeira vez, sistematicamente aplicada, em Herbart. Rousseau, no entanto, já havia claramente visto que a arte de educar pressupõe "o conhecimento da criança". Antes desses pensadores, J. Locke tinha elaborado um sistema psicológico, que não deixou de influir diretamente em seus pensamentos sobre a educação.

[...]

O serviço que prestou [Locke] foi ter insistido na necessidade de pôr a criança em presença das coisas, por isso que é pelas coisas e não pelas palavras que ela adquire idéias. Mas, isso mesmo não era nada novo. Comenius, especialmente, já o havia dito, uns vinte anos antes. E essa prescrição tinha um reverso: o fazer crer que bastava multiplicar as experiências de objetos, amontoar as ocasiões de conhecimento, para desenvolver o espírito. Era dar um apoio pretensamente científico e filosófico a esse grande erro que viciou a pedagogia de todos os tempos e vicia ainda a pedagogia de nossos dias.

Não esqueçamos, entretanto, que Locke, a despeito de sua hipótese da tábua rasa, não destituía o espírito de qualquer poder próprio, porque, se o mundo exterior o provia de sensações, essas sensações eram, por sua vez, objeto de "operações do espírito" e estavam submetidas à *reflexão*. O espírito não era, pois, para Locke, simples cera virgem, e, sim, órgão vivo, que reage às impressões. Entre várias impressões, o espírito exerce suas "preferências", e a vontade "significa apenas um poder ou capacidade de preferir ou de escolher" (Liv. II, cap. 21) (12). Mas, que é que determina a vontade? É, responde Locke, "alguma inquietação atual e, de ordinário, a que é mais urgente". (CLAPARÉDE, 1950, p. 5-7).

Mostra que a psicologia da época 'põe mais em evidência o lado prático da atividade humana, por longo tempo ignorado'. Mas, ao cabo, não cuidou de explorar a fundo o rico filão de aplicações práticas que sua psicologia descobrira. Foi antes John Dewey, que realizou essa parte do programa.

E novamente se reporta a Dewey e a psicologia funcional: “Dewey aí mostra que o que constitui, na conduta de um ser, a unidade primordial não é nem a sensação nem a reação, e sim a “função”, a síntese dos dois, isto é, o ato adaptado.” (CLAPARÉDE, 1950, p. 22).

A ideia funcional tinha, entretanto, seus representantes na Alemanha; não, porém, entre os psicólogos. Foram pensadores, cientistas, preocupados com a teoria do conhecimento, os criadores de teorias que lembravam muito o pragmatismo americano, embora tivessem nascido completamente independentes dele. (CLAPARÉDE, 1950, p. 24).

Após tratar sobre autores europeus de tendência biológica ou pragmática, no sentido de apontar as contribuições para a constituição da psicologia funcional e constatar que essas tendências não tinham afetado o curso da psicologia alemã, Claparède afirma que “nem por isso nos deixou de vir da Alemanha uma das mais fecundas concepções para as aplicações educacionais da psicologia funcional”.

K. Groos, não preocupado, como os pensadores até aqui citados, com problemas lógicos ou epistemológicos, mas com os da psicologia da arte, fora levado a estudar o jogo, e pensara, com razão, em esclarecer esse fenômeno examinando-o do ponto de vista da psicologia comparada. O estudo do jogo dos animais levou-o naturalmente a encarar a questão da significação biológica dessa espécie de comportamento.

Como se sabe, o jogo, segundo Groos, não é um fenômeno fisiológico acidental, resultante do emprego de um excesso de energia. Tem uma utilidade funcional e desempenha um papel no desenvolvimento do indivíduo. Notemos, contudo, que esse ponto de vista funcional difere um tanto do que tratamos anteriormente. Segundo esta teoria, a criança não joga porque no momento em que o faz o jogo satisfaz a uma necessidade de seu ser e a uma função presente; mas joga tendo em vista o futuro. (CLAPARÉDE, 1950, p. 27).

Claparède como escritor, ao discutir as origens da psicologia funcional, referencia aos antigos, como Groos, por exemplo, traz suas discussões teóricas,

mas são portadoras de história. Em seguida, as correntes psicológicas lembradas por Claparède:

Há os "atomistas" e os "gestaltistas", os "introspeccionistas" e os "behavioristas", os "paralelistas" e os "interacionistas", os "psicólogos reflexologistas" e os "personalistas", os "associacionistas" e os "compreensionistas", os "hedonistas" e os "hormicistas", os "freudianos" e os "adlerianos" etc. Mas, se é certo que há muitos psicólogos, *não há senão uma psicologia*, isto é, a ciência da atividade mental, da condutta, que se desprenderá cada vez mais das concepções individuais dos que a cultivam (CLAPARÉDE, 1950, p. 32).

Nos capítulos seguintes Claparède aborda *Rousseau e a concepção funcional da infância*. Uma homenagem à Rousseau publicada inicialmente em Paris, na *Revue Metaphysique et Morale* em maio de 1912. O objetivo do autor é mostrar que genetistas, pragmatistas e neo-educadores tiveram como precursor o “nosso Jean-Jacques” (CLAPARÉDE, 1933, p. 101).

Em seguida há um artigo publicado na revista *Scientia*, em Bologna no ano de 1917, onde Claparède aborda a *Psicologia da inteligência*. O autor faz definições e métodos de como estudar a inteligência, assinala a função e seus significados, e a importância e necessidade dos testes de inteligência, de entender a inteligência como processo distinto da memória.

O quarto capítulo trata da *Função da vontade* e tem como origem uma comunicação feita no 5º Congresso Internacional de Philosophia em Napoles, no ano de 1924. Para realizar o texto o autor parte da questão: quais são, para a psicologia, os caracteres da vontade? Para a resposta move conhecimentos e leituras de diferentes autores da área, Binet, Fouillée, Bergson, Höffding, Parmelee, Warren, Lindworsky, Janet, Müller-Freienfels, Paulhan, James, etc.

As conclusões dirigem-se para a educação da vontade e à condução promovida pela educação funcional:

Julgamos o alumno que faz uma composição ou resolve um problema de algebra, como se se divertisse, porque isso o interessa, o apaixona, superior ao que só executa esses trabalhos, que o affligem, porque é preciso, levando ao máximo a sua vontade. E, se pensassemos que é simplesmente porque essas duas creanças seguiram regimens educativos diferentes (primitivamente do mesmo typo psicologico), foram levadas uma ao trabalho espontâneo e alegre, outra ao trabalho aborrecido mas voluntario, não hesitaríamos em dar a primazia ao regimem educativo que soube tornar superflua a vontade substituindo-a pelo prazer. (CLAPARÈDE, 1933, p.171).

No livro, Claparède ainda estuda a função do bocejo. Em sua autobiografia, mais tarde, ele se reporta a seus estudos sobre o sono, como de muita importância e originalidade. Há estudiosos de sua obra, como Parrat-ayan, que discordam, pois tanto na área da educação como da Psicologia o autor deixou trabalhos importantes que mais tarde foram retomados por outros pesquisadores.

O autor ainda segue com textos mais curtos sobre *educação e democracia, método funcional para o ensino da língua e psicologia da escola ativa* em que trata do tema escola ativa começando por mal entendidos com Ferrière. Em embates Pedagogos x Médicos e Pedagogos x Psicólogos, Ferrière declara “que não é facil apprehender de relance os fundamentos psicologicos da escola activa’!”, para Claparède a psicologia da escola ativa “[...] se reduz, no que tem de essencial, a algumas verdades elementares” (CLAPARÈDE, 1933, p. 184). No decorrer do texto Claparède aponta erros de Ferrière ao citar Rousseau, escolhendo passagens sem o devido cuidado.

Por fim o autor traz a *A Concepção Funcional da educação* e suas conclusões. Esta parte, em duas páginas com 15 (quinze) tópicos numerados tem origem em um relatório do Congresso de Hygiene Mental de Paris em 1922. Entre

os temas trata da defesa pelo gosto do trabalho na escola; da educação inspirada na concepção funcional da educação; da abolição de castigos físicos; da preservação da infância; da negação da memorização; da mobilização da atividade; da formação dos mestres; da reforma do sistema de exames; etc.

A conclusão, assinada em 12 de dezembro de 1930, parte da questão “a educação é uma vida ou um preparo para a vida?” Em que defende que a educação é vida e não mero preparo.

Ao modo do primeiro capítulo procedemos à análise quantitativa do livro *A educação funcional* (1933), seguimos os mesmos parâmetros a fim de entender a participação de autor, editora e tradutor na composição da obra. Na tabela a seguir, apresentamos a soma inicial de todos os autores mencionados na obra:

Tabela 10 – A educação funcional (1933): número de citações por autor

A educação funcional (1933): número de citações por autor	
Menções	Quantidade
Claparède	628
Editora	14
Grabois	21
Total	663

Foram, portanto, 668 autores citados nesta obra, sendo que 2% dos nomes presentes no livro são inserções feitas pela editora e 3% por Grabois. Um número pequeno se comparado à obra anteriormente analisada. As inserções do tradutor são menos numerosas e menos incisivas do que as praticadas por Lourenço Filho no livro anteriormente analisado.

Apresentamos abaixo os autores que aparecem no livro por mais de quatro vezes na obra, nos apêndice inserimos a tabela completa:

Tabela 11 – A educação funccional (1933): menções todos

A educação funccional (1933): menções todos	
Nome	Quantidade
Rousseau, J.J.	96
Herbart	33
Locke, J.	30
Dewey, John	18
James, William	16
Claparède, É.	12
Rignano	11
Dumpert, Valentim	11
Groos, Karl	11
Brunot, Ferdinand	11
Ferrière, Adolphe	10
Ribot, Th.	9
Spencer, Herbert	9
Deschamps, Alb.	7
Flournoy, Th.	6
Wundt	6
Fénelon	6
Bally, Ch.	5
Hall, Stanley	5
Chevalaz, G.	5
Freud	5
Vittoz	5
Helmholtz	4
Avenarius, Richardo	4
Borel, A.	4
Bobitt, F.	4
Bovet, Pierre	4
Binet	4
Chessex, Albert	4
Grabois, Jayme	4
Jennings	4
Lacombe, P.	4
Lewin, Kurt.	4
Saussure, Necker de.	4
Schopenhauer	4
Outros* (3 aparições ou menos)	284
Total	663

Por questões de espaço e dada a variação de nomes citados por Claparède dispomos os nomes com mais de quatro aparições, dispomos a listagem completa nos apêndices.

Pode-se notar uma grande variação de nomes, entre os primeiros, Rousseau, Dewey, James, Groos, Flournoy, Ferrière são autores de importância para Claparède.

A seguir a lista aqueles que apenas Claparède citou:

Tabela 12 – A educação funcional (1933): menções - autor - Claparède

A educação funcional (1933): menções - autor - Claparède	
Nome	Quantidade
Rousseau, J.J.	96
Herbart	33
Locke, J.	30
Dewey, John	16
James, William	16
Groos, Karl	12
Brunot, Ferdinand	11
Claparède, E.	11
Dumpert, Valentim	11
Rignano	11
Ferrière, Adolphe	10
Spencer, Herbert	9
Ribot, Th.	8
Deschamps, Alb.	7
Fénelon	6
Flournoy, Th.	6
Bally, Ch.	5
Chevalaz, G.	5
Freud	5
Hall, Stanley	5
Vittoz	5
Wundt	5
Avenarius, Richardo	4
Binet	4
Bobitt, F.	4
Borel, A.	4
Bovet, Pierre	4
Helmholtz	4
Jennings	4
Lacombe, P.	4
Lewin, Kurt.	4
Montaigne	4
Saussure, Necker de.	4
Schopenhauer	4
Outros*	257
Total	628

Os autores que Grabois cita têm outra origem que não a obra de Claparède ou o rol de suas leituras indicadas na obra:

Tabela 13 – A educação funcional (1933): menções - tradutor - Grabois

<i>A educação funcional (1933): menções - tradutor - Grabois</i>	
Nome	Quantidade
Grabois, Jayme	2
Adler, Alfred	1
Aristoteles	1
Dilthey, Guilherme	1
Jaspers	1
Kafka, G.	1
Koehler, Max	1
Nietsche, F.	1
Nohl, Herman	1
Perez	1
Poincaré	1
Preger	1
Radecki	1
Ribot, Th.	1
Romanes	1
Simmel	1
Spranger, Eduardo	1
Vaihinger, Hans	1
Weinberg, D.	1
Wundt	1
Total	21

Na tabela abaixo a listagem de obras que são incluídas pela editora Companhia Editora Nacional.

Tabela 14 – A educação funcional (1933): menções - Editora

A educação funcional (1933): menções - Editora	
Nome	Quantidade
Azevedo, Fernando de	3
Dewey, John	2
Grabois, Jayme	2
Peixoto, Afrânio	2
Rangel, Godofredo	2
Teixeira, Anísio	2
Claparède, E.	1
Total	14

As citações da editora, especificamente, são propaganda da coleção e outras obras da editora.

3.2 EDUCAÇÃO FUNCIONAL DE DAMASCO PENNA

Segunda edição de *A educação funcional*, traduzido por J.B. Damasco Penna em 1940 pela Companhia Editora Nacional de São Paulo. O professor Damasco Penna (1896-1985), formou-se professor primário pela tradicional Escola Caetano de Campos, de São Paulo. Foi professor, diretor de escola, inspetor escolar e delegado de ensino. Em 1933, Colaborou com Fernando de Azevedo na redação do Código de Educação do Estado de São Paulo. Foi membro da comissão que elaborou a Consolidação das Leis do Ensino, membro da representação paulista na I Conferência Nacional de Educação (Rio de Janeiro), chefe da representação do Centro do Professorado Paulista (CPP) no I Congresso Nacional de Professores Primários (Salvador/1954). Foi tradutor de várias obras educacionais, incluídas na coleção *Atualidades Pedagógicas*, da Companhia Editora Nacional.

O exemplar analisado foi comprado pela *internet* e conta com carimbo da Biblioteca Escolar do Colégio Mantiqueira - Cruzeiro - São Paulo. *A educação*

funcional (1940) está publicado em formato brochura (20 x 13,7 x 4,4 cm). Como se pode notar, o livro cresce de tamanho e passa contar com 15 (quinze) capítulos distribuídos em 390 páginas. A editora/tradutor aparecem mais no livro no que na edição anterior.

A segunda edição aparece com a capa praticamente inalterada, o título está grafado em português atualizado e em fonte ligeiramente mais fina. Na capa também informa-se a troca do tradutor, mencionando a tradução nova.

Como acontece na capa a ortografia é atualizada, e mesmo outros termos como referimos são retraduzidos para uma forma mais leve e rápida e contemporânea, trechos como “inculcar-lhe no espírito noções precisas”, a palavra espírito foi suprimida, entende-se que o novo tradutor considerou que o sentido da frase manteve-se inalterado. Títulos como da *Collection d'Actualités Pédagogiques* nesta edição são mantidos em francês. Nas edições subsequentes Penna vai realizando novas atualizações, a palavra *anúncio* é trocado por *propaganda*, por exemplo.

Esta edição possui orelhas em que promove-se o livro *Sociologia Educacional* de Fernando de Azevedo e a coleção: “[...] uma coleção de obras especiais destinadas aos professores e aos educadores. A C.E.N. dirige, assim, pela B.P.B. uma larga ofensiva de renovação cultural [...]” (CEN, 1940)

Nas primeiras páginas observa-se o campo de ação da editora aumentado, a editora neste momento conta com bases em São Paulo/SP (como inicialmente), no Rio de Janeiro/RJ, em Recife/PE e em Porto Alegre/RS. A lista com as publicações que eram 5 (cinco) em 1933 agora contam com 36 livros. Agora também informa a origem do texto traduzido, o original francês *L'Éducation fonctionnelle*.

Neste número não há prefácio, mas uma nota da editora de uma página. As notas de rodapé praticamente tomam conta do livro, as três primeiras páginas existem mais notas do tradutor do que texto original. Realizamos este cálculo mais adiante, na 3ª edição de 1950.

A coleção é destinada aos professores, educadores, ao magistério em geral.

Essa edição conta com uma nota da editora, publicada após a página de rosto do livro e antes do índice. A editora enfoca o retorno da obra que esteve esgotada e o interesse que o livro suscitou nos meios da Educação e da Psicologia.

Claparède falece antes de da publicação dessa edição, mas chega a discuti-la com Penna. A versão proposta por Penna é prontamente referendada por Claparède em carta em que pede a supressão do capítulo *A psychologia da intelligencia* e a inclusão de: *Reflexões de um psicólogo; O pensamento leal e sua educação; A consciência da semelhança e da diferença na criança; Rousseau e a origem da linguagem.*

Nesta edição o índice aparece no início do livro e ao final foi incluído um índice onomástico. A editora ainda informa o caráter clássico que a obra adquiriu e o fato de manterem as notas de Grabois, além de “numerosas notas foram acrescentadas.” Não há referências à morte de Claparède, ocorrida no mesmo ano de 1940. Lembramos que as cartas trocadas para a edição do livro são datadas de 22 de julho de 1937, enviada por Claparède.

3.2.1 A educação funcional, edição de 1950

Terceira edição de *A educação funcional*, publicada em 1950 pela Companhia Editora Nacional de São Paulo, agora sob a direção do tradutor da obra Damasco Penna.

Para análise desta e demais edições, focaremos com mais atenção sobre as mudanças efetuadas. A edição mantém-se muito parecida com a anterior, com atualização da capa, informações da coleção e acréscimo de um prefácio de autoria do tradutor Damasco Penna. A edição de 1954 é uma reimpressão, mudando alguns detalhes como coloração da capa e atualização dos dados da coleção, que neste ano conta com 58 livros.

O exemplar conta com carimbos da Biblioteca da Escola Normal “Sud Mennucci” de Piracicaba, distribuído pelo Ministério da Educação e Saúde e Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep). *A educação funcional* (1950) está publicado em formato brochura (19,7 x 14,2 x 2,8 cm). Mantêm-se os capítulos da edição anterior, e o índice foi passado para o final junto com uma seção sobre a Coleção Atualidades Pedagógicas, agora com 51 livros na lista e texto explicativo de duas páginas de autoria de Damasco Penna. Com a mudança de papel, diminuição de fontes e espaços, além de revisões de Penna, passa a contar com 320 páginas.

Nessa edição, novamente informam que a obra é traduzida do original francês *L'Education Fonctionnelle*, e os textos que foram acrescentados, em francês:

1. Reflexions d'un psychologue
2. La pensée loyale et son education
3. La conscience de la ressemblance et de la différence chez l'enfant
4. Rousseau et l' origine du langage

A capa muda e passa para a cor marrom, mas as informações são mantidas da edição passada. Lê-se a informação que se trata de uma nova tradução anotada por J.B. Damasco Penna.

Na orelha do livro há a informação que a edição foi revista pelo tradutor. O momento parece mudar em torno da recepção de Claparède:

É possível discordar, aqui e ali, de Claparède. Mas, o difícil é deixar o leitor de sentir-se estimulado por esse pensamento penetrante, por essa clara visão dos problemas da vida mental e da atividade educativa, por essa carinhosa e compreensiva inteligência do espírito da criança. Ainda que possa discordar, o leitor acaba conquistado, **por isso mesmo que foi levado a pensar**, conduzido pela mão de um mestre autêntico, desses que, ao longo da história vêm formando a linhagem dos profundos conhecedores do homem. (PENNA, 1954, grifos do autor).

Nesta breve nota Penna enfrenta o fato de que Claparède não é mais unanimidade no Brasil. Curiosamente, um momento em que a obra é distribuída pelo governo brasileiro e o nome de Claparède passa, cada vez mais, ter reconhecimento institucional. Essas mudanças serão mais sentidas nas obras que se sucedem, com o reforço de seu nome nos meios das altas instâncias governamentais brasileiros. A adjetivação como aparece em uma inteligência “carinhosa e compreensiva” é uma nova forma de apropriar-se do autor, após a morte.

Também na orelha indicam-se os próximos livros a saírem pela editora. São 8 edições, Aguayo, Almeida Júnior, Bloch. Mélinand, Teixeira, Monroe e Piéron.

Estes livros foram publicados e constam na edição seguinte de A educação funcional (1954) (praticamente uma reimpressão).

Neste número a editora reproduz a nota da 2ª edição de 1940 e inclui um prefácio assinado por Damasco Penna. Na página de rosto do livro há indicação da

titulação do tradutor, licenciado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, antigo professor de Psicologia no Colégio Universitário anexo à mesma Universidade.

Tema central da obra a educação funcional: “é a que visa a ajustar-se ao desenvolvimento dos recursos psicobiológicos do ser humano” diz Penna já na orelha do livro (1950). No prefácio, Penna ressalta o fato de o autor ter desenvolvido alguns temas que avançaram em sua pesquisa no decorrer dos anos e que são “perfeitamente atuais”, embora saiba que outros estudiosos tenham avançado nos estudos que o autor aborda. Como inferimos nas falas do tradutor na orelha, a obra dá sinais de estar envelhecendo. São 17 anos da primeira edição.

A saída que Penna encontra para dar nova vida à obra é reforçar seu poderio internacional, advinda de artigos publicados em Paris, Genebra, etc., além de mostrar que no panorama internacional outros autores estariam dando continuidade aos trabalhos iniciados por Claparède, além dele mesmo que avançou em seus estudos. Entre os autores estão André Rey, George Stoddard, Maurice Pradines e Jean Piaget, que homonimamente ao capítulo *Psicologia da inteligência*, que é originado de artigo publicado na revista *Scientia*, em Bologna, no ano de 1917, publica o livro *La psychologie de l'intelligence* (Paris, 1947).

O problema estava no avanço da educação renovada, não que Claparède tivesse em oposição a ela: “por outro lado, os estudos acerca da educação renovada (cujas teoria e cuja prática tanto devem à Claparède) se têm multiplicado nos últimos anos; e, a vários desses estudos, as idéias contidas neste livro deram contribuição substancial.” (PENNA, 1950, p. ii). Mas no avanço da educação renovada em termos de outros autores, como Ferrière por exemplo.

Embora procedimentos de teste, avaliações, etc., da entrada da psicologia na escola, como ele defendera, tenham sido vencedores, os conceitos e

termos da educação funcional não tiveram tanto progresso quanto educação nova, escola nova, escola ativa, por exemplo. A educação especial atualmente tem como maior força a de integração à sociedade do que criar espaços alternativos especializados.

As bases da educação nova de Ferrière e as propostas que Claparède projetara eram muito próximas, Rousseau e Dewey, por exemplo, são marcos para ambos. Claparède em sua autobiografia, realiza uma distinção entre os espaços de ação e méritos principais dele e de Ferrière: Claparède coloca-se como defensor da entrada da psicologia na educação e Ferrière como defensor do escolanovismo.

Ambos conviveram em Genebra e na mesma Universidade, embora Claparède estivesse citado entre os clássicos defensores do movimento, Ferrière resguarda o posto de pioneiro e dono do posto principal nesse embate.

Em *A educação funcional* (1950), há ainda mais pontos que deixam questões sobre a relação de ambos. Como afirmamos, há trechos em que o autor se detém em responder a Ferrière por mal entendidos feitos por ele a seus textos, “sinto muito, mas vejo-me obrigado a criticar ainda uma vez (será a última) meu bom amigo Ferrière” (CLAPARÈDE, 1950).

Nesse entremeio fica instigante pensar o fato dos dois pesquisadores terem vindo ao Brasil no mesmo período em comitivas diferentes. Ferrière, barrado pela Revolução de 1930, fica impedido de desembarcar no Rio de Janeiro. Claparède – insistentemente convidado por autoridades brasileiras, rendendo-se ao final ao convite de Helena Antipoff – havia chegado pouco antes, impedido de partir, passa 50 dias (de quatro semanas previstas) no Brasil” (RUCHAT, 2010, p. XIX)., entre suas atividades estava marcada uma reunião no Symposium da Sociedade Pestalozzi – entidade organizada ao modo do Instituto Jean-Jacques Rousseau –

fundada por Helena Antipoff, da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, em que participaram Claparède e Piéron entre outros, divulgando os debates sobre a Escola Nova (TOLEDO, 2001). Enquanto isso, Ferrière lamentava o fato de não poder ter saído do porto e não ter sido recebido por autoridades, tendo tido contato com os brasileiros apenas por meio de revistas especializadas em educação "É ele quem informa que, não lhe tendo sido possível descer no Rio, pôde ler, a bordo do navio ancorado no porto, inúmeras revistas brasileiras. E que, por isso, limitava contar o que lia", entre os materiais estavam:

[...] os números 1,2 e 3 do *Boletim de Educação Pública*, publicados em 1930, pela Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal; e o no. 5 de novembro de 1929, da *Revista Brasileira de Educação*, periódico que se apresenta como "publicação mensal dedicada à Instrução no Brasil", dirigida por José Augusto Bezerra de Menezes, político envolvido com muitas iniciativas no campo educacional, entre elas a fundação da Associação Brasileira de Educação em 1924 e a da Federação Nacional das Sociedades de Educação⁵⁰ (CARVALHO, 2004, p. 158).

Segundo Carvalho (2004), dessas revistas Ferrière conseguiu "[...] informações de que se valeu para creditar à Reforma Fernando de Azevedo um papel importante no movimento de renovação educacional brasileiro: a partir da capital do país, ela propagar-se para os outros estados da Federação" (CARVALHO, 2004, p. 158).

Desde 1929, Ferrière empreendia uma longa excursão pela América Latina e a revista *Pour l'Ère Nouvelle* ia publicando seus artigos com impressões sobre os países visitados. Como dissemos, quando Ferrière chega ao Brasil a Revolução de 1930 eclode e o pesquisador não pode desembarcar:

⁵⁰ Sobre a questão, consultar Carvalho (1998, cap. 2).

Comentando a insólita situação, Ferrière finalizava o seu artigo contando que redigia em alto-mar, na costa brasileira, lastimando que o programa traçara três meses antes e que deveria, em um mês, conduzi-lo a cinco cidades do Centro do país, havia sido sabotado pela revolução que eclodira no Rio Grande Sul. No Rio, ele seria recebido pelo Ministério das Relações Exteriores. Mas essa reação não ocorreu e Ferrière teve que se contentar com a leitura dos materiais impressos que lhe chegaram às mãos. Referindo-se à situação, lastimava a deplorável recepção: ninguém viera recepcioná-lo a bordo; suas mensagens por avião haviam sido interceptadas. Recorrendo ao telefone, obtém resposta: "Reembarcai, a Revolução vai eclodir aqui". No dia seguinte, recebe por rádio, no navio, a confirmação de que o governo havia sido deposto. Comenta: estava-se sujeito a esse tipo de coisa sempre que se viajasse pelas Américas. Assim era que havia tido tempo de ler muitas revistas sobre a educação nova no Brasil e de contar o que havia lido (CARVALHO, 2004, p. 157).

Também chama atenção a foto de Claparède cercado de moças e o comentário jocoso publicado na edição de número 32 da revista *Pour l'Ère Nouvelle* (1927). Em crônica sobre o congresso de Locarno estão registrados alguns "incidentes" considerados "cômicos", um deles referindo-se a foto "[...] onde se podia ver o 'grave professor' dr. E. Claparède, tal qual um 'fauno cercado de ninfas' de várias nacionalidades, destacando a presença de brasileiras entre elas". Ferrière era o diretor da revista na época.

Seguindo com as notícias brasileiras publicadas na revista *Pour l'Ère Nouvelle*, houve outros registros das iniciativas de renovação escolar brasileiras noticiadas na publicação⁵¹:

Na edição de número 10, publicada em abril de 1924, houve matéria assinada por Ferrière sobre os avanços do movimento da educação nova na América do Sul e que no continente o movimento se expandia cada vez, também

⁵¹ Há algumas resenhas de livros de autores brasileiros publicadas na revista: Estevão Pinto, A escola e a formação da mentalidade popular no Brasil (v. XV da Biblioteca da Educação organizada por Lourenço Filho); Barbosa de Oliveira, Química elementar, problemas práticos e noções gerais; Leoni Kaseff, A escola regional. O *Bulletin* do BIE n° 3, publicado no n° 30 de *Pour l'Ère Nouvelle*, edita extrato do relatório enviado do Rio de Janeiro por Carneiro Leão, diretor-geral do Ensino Público do Distrito Federal.

registrava o recebimento de uma carta de Carneiro Leão, então diretor-geral da Instrução Pública no Rio. Em 1927, o número 31, registrava a exibição de filme sobre as realizações de Leão e da Diretoria Geral da Instrução Pública no Rio de Janeiro, apresentado por Laura Lacombe no Congresso de Locarno (CARVALHO, 2004).

Estes fatos são alguns dos pontos que denotam uma disputa intensa. Nomes como o de Lacombe e José Augusto Bezerra de Menezes estão presentes em documentos tanto de Ferrière como de Claparède. Ferrière viajou muito mais, embora os 50 dias no Brasil e em especial em a alongada estadia em Belo Horizonte tenham ajudado a Claparède a fincar raízes mais profundas e estreitar laços, além do trabalho que Antipoff vinha realizando.

Retornando à defesa da atualidade do pensamento de Claparède no prefácio de Penna, o tradutor elenca alguns dos estudos em que as ideias do livro então republicado deu “contribuição substancial.”:

H. Ansay-Terwagne & J. Velut, *Pédagogie nouvelle* (Paris, 1937).
 Prefaciada por Claparède.
 Robert Dottrens, *Education et démocratie* (Neuchâtel, 1946)
 M.A. Bloch, *Philosophie de l'éducation nouvelle* (Paris, 1948)
 Paul Foulquié, *Les écoles nouvelles* (Paris, 1948)⁵² (PENNA, 1950, p.ii-iii).

Penna anota uma citação de Foulquié: Claparède "é dos teorizantes mais sagazes e mais moderados da escola nova". (FOULQUIÉ *apud* PENNA, 1950, p.iii). O autor segue, defendendo pela permanência do texto. Segundo ele, "[...] há, nesses fundamentos [do livro *A educação funcional*], boa parte, não de atualidade,

⁵² Penna diz que Claparède afirmara que Foulquié “é um dos teorizantes mais sagazes e mais moderados da escola nova” (1950).

mas de *perenidade pedagógica*" (PENNA, 1950, p. iii, grifos do autor). Claparède vai sendo transformado em clássico.

Enquanto isso também vai sendo mais e mais aproximado ao professor e professora: "[Claparède] reconheceu, como poucos críticos da escola terão sabido reconhecer, a parte que cabe ao valor pessoal do artista que reside em cada professor compenetrado da delicadeza de sua estatuária moral [...]". (PENNA, 1950, p. iii).

Por fim, Penna faz ponderações sobre a tradução afirmando que tentou melhorar o texto anterior, corrigindo imperfeições, para chegar à qualidade formal do autor. Penna diz que não tentará a perfeição léxica que possa prejudicar o entendimento do texto. Conclui com uma frase sugestiva :

isso de língua escoimada de estrangeirismo e, nesse sentido, *pura, absolutamente pura*, não será, talvez, um mito? E, quando não fôsse, valeria a pena consumir, na busca fatigante da pureza da forma, o tempo e o esforço que, no trabalho intelectual, devem ser consagrados à riqueza da idéia? (PENNA, 1950, p. v).

Isto corrobora com nosso entendimento sobre como J.B. Damasco Penna *apropriou-se* de Claparède, com estratégia, com projeto, com arte.

Nesta edição observa-se um acréscimo considerável no número de títulos disposto oferecidos pela coleção, a nota da coleção – que contava com 5 números e a segunda com 36 livros comportados em uma folha – passa a ocupar 4 folhas ao final do livro de 1950, informando além do nome do atual diretor, Damasco Penna, o nome do fundador Fernando de Azevedo e um breve texto que explica a coleção. Neste ano a coleção contava com 51 livros relacionados em 13 áreas da educação e psicologia. Desses livros, 9 são marcados com um asterisco por serem considerados mais relacionados com a matéria do livro: são eles, os três primeiros da coleção,

Azevedo, Dewey, e Teixeira. Em seguida o 11º Pierón, Aguayo em duas oportunidades 15º e 18º; Dewey novamente, 21º; Sylvio Rabello, 23º; Noemy Rudolfer.

Penna indica a coleção para professores, normalistas, acadêmicos de Pedagogia, os responsáveis pela educação em geral, e estudiosos.

Apresentamos abaixo as análises quantitativas desta edição de 1950. Neste primeiro quadro temos um novo panorama da obra. Com os acréscimos que Claparède e Penna discutem em carta as citações do próprio Claparède quase dobram. Em compensação, as citações de editora aumentam 36 vezes e as do tradutor, Penna, aumentam mais de 21 vezes. As citações de Grabois permanecem praticamente inalterados, sendo lembrado duas vezes mais por Damasco Penna.

Tabela 15 – A educação funcional (1950): número de citações por autor

A educação funcional (1950): número de citações por autor	
Menções	Quantidade
Claparède	1037
Editora	507
Penna	441
Grabois	24
Total	2009

No quadro abaixo dispomos uma listagem dos autores que aparecem por mais de nove vezes na obra de 1950:

Tabela 116 – A educação funcional (1950): menções todos

A educação funcional (1950): menções - todos	
Nome	Quantidade
Rousseau, Jean-Jacques	165
Claparède, Édouard	65
Herbart, Johann Friedrich	99
Claparède, Édouard* (obra citada)	40
Locke, John	36
Briod, Ernest	34
Dewey, John	31
James, William	27
Ribot, Théodule-Armand	23
Condillac, Etienne Bonnot de	22
Jespersen, Otto	18
Binet, Alfred	17
Gross, Karl	16
Brunot, Ferdinand	14
Damasco Penna, J.B.	14
Kant, Emanuel	14
Cuvillier, A.	13
Piaget, Jean	13
Spencer, Herbert	13
Dumpert, Valentim	12
Ferrière, Adolphe	12
Piéron, Henri	12
Rignano, Eug.	12
Bally, Ch.	11
Freud	11
Bovet, Pierre	10
Lalande, André	10
Wundt	10
Aristóteles	9
Bernard, Claude	9
Guillaume. Paul	9
Henchoz, Paul	9
Outros *(8 menções ou menos)	1199
Total	2009

Nesta primeira soma podemos realizar uma comparação entre Penna e Grabois, o livro teve mudanças em sua estrutura, mas passa de 663 para 2009 menções, um número considerável.

Tabela 17 – A educação funcional (1950): menções - Claparède

A educação funcional (1950): menções - Claparède	
Nome	Quantidade
Rousseau, Jean-Jacques	153
Herbart, Johann Friedrich	90
Briod, Ernest	33
Claparède, Édouard **	34
Locke, John	28
Dewey, John	23
Condillac, Etienne Bonnot de	19
James, William	17
Jespersen, Otto	17
Claparède, Édouard	16
Gross, Karl	15
Brunot, Ferdinand	13
Dumpert, Valentim	11
Rignano, Eug.	11
Spencer, Herbert	11
Bally, Ch.	10
Ribot, Théodule-Armand	10
Ferrière, Adolphe	8
Henchoz, Paul	8
Millioud, Maurice	7
Fénelon	6
Flournoy, Th.	6
Külpe, Oswald	6
Montaigne	6
Vittoz	6
Wundt	6
Bovet, Pierre	5
Chevalaz, G.	5
Freud	5
Hall, Stanley	5
Piaget, Jean	6
Roorda	5
Outros* (4 aparições ou menos)	368
Total	1037

A tabela acima exprime o que seria o manuscrito original do autor, representa em números gerais um total de 51,61% dos autores citados da obra toda.

Tabela 18 – A educação funcional (1950): menções - Damasco Penna

A educação funcional (1950): menções - Damasco Penna	
Nome	Quantidade
Claparède, Édouard	41
Binet, Alfred	12
Cuvillier, A.	12
Ribot, Théodule-Armand	11
James, William	9
Kant, Emanuel	9
Piéron, Henri	9
Lalande, André	8
Rousseau, Jean-Jacques	8
Aristóteles	7
Damasco Penna, J.B.	7
Guillaume, Paul	7
Bernard, Claude	6
Herbart, Johann Friedrich	6
Locke, John	6
Lourenço Filho	6
Piaget, Jean	6
Dewey, John	5
Freud	5
Ribeiro, João	5
Bovet, Pierre	4
Janet, Pierre	4
Rangel, Godofredo	4
Barbado	3
Compayré, G.	3
Descartes	3
Dwelshauvers, Georges	3
Ferrière, Adolphe	3
Guex, François	3
Jouffroy	3
Leibniz	3
Messer, A.	3
Claparède, Édouard *	3
Pillsbury, W.B.	3
Pintner, Rudolph	3
Roustan	3
Simon	3
Teixeira, Anísio S.	3
Outros* (2 aparições ou menos)	199
Total	441

O número de 441 citações do editor é expressivo. Desse número podemos denotar por parte dele, um conhecimento geral vasto do tema e também o intento de ajudar a compreensão da obra, e mais do que isso, gerando uma força criadora na obra.

Fica mais claro um intento mediador. Aqui o tradutor aproxima o leitor dos autores locais, ou mesmo direciona para alguns caminhos de autores europeus, vide quantidade de estrangeiros citados. São mais de 20% dos nomes que aparecem no livro, Damasco Penna é também autor, colaborador, indutor da obra. Damasco Penna *naturaliza* o estrangeiro Claparède.

No livro também estão dispostas as citações da primeira tradução. São os mesmos 19 nomes:

Tabela 19 – A educação funcional (1950): menções - Grabois, Jayme

A educação funcional (1950): menções - Grabois, Jayme	
Nome	Quantidade
Grabois, Jayme	5
Adler, Alfred	1
Aristóteles	1
Dilthey, Guilherme	1
Jaspers	1
Kafka, G.	1
Koehler, Max	1
Nietzsche, F.	1
Nohl, Herman	1
Perez	1
Preyer	1
Radecki	1
Ribot, Théodule-Armand	1
Romanes	1
Simmel	1
Spranger, Eduardo	1
Vaihinger, Hans	1
Weinberg, D.	1
Wundt	1
Messenger, J. F.	1
Total	24

No que diz respeito à editora há um acréscimo de mais de 35 vezes (3521%) em citações. De 14 da primeira edição para mais de 500.

Tabela 20 – A educação funcional (1950): menções editora

A educação funcional (1950): menções - Editora	
Nome	Quantidade
Claparède, Édouard	8
Damasco Penna, J.B.	7
Azevedo, Fernando de	6
Almeida Júnior, A.	4
Rousseau, Jean-Jacques	4
Teixeira, Anísio S.	4
Aguayo, A. M.	3
Claparède, Édouard *	3
Dewey, John	3
Herbart, Johann Friedrich	3
Leibniz	3
Monroe, Paul	3
Peixoto, Afrânio	3
Piéron, Henri	3
Rabello, Sylvio	3
Santos, Theobaldo Miranda	3
Carneiro Leão, A.	2
Carvalho, Delgado de	2
Delacroix, H.	2
Fritsch, T.	2
Guillaume, Paul	2
Halbwachs, Maurice	2
Locke, John	2
Luzuriaga, Lorenzo	2
Masson, P. M.	2
Mélinand, Camille	2
Morel, Jean	2
Platão	2
Ramos, Arthur	2
Ricardo, Aristides	2
Outros *(1 menção)	416
Total	507

Desses 29 primeiros nomes, 11 são brasileiros. Uma forma de aproximar o autor estrangeiro dos autores e saberes locais.

Neste capítulo fica clara a inclusão de autores e saberes na obra do autor Claparède, principalmente por parte de Damasco Penna. O tradutor leva adiante o projeto de Lourenço Filho e o aprimora. Os paratextos incham o conteúdo do livro e passam a conviver com o restante da obra.

Vejamos na sequência uma outra forma de operar em relação às obras, a forma próxima e carinhosa que Antipoff vai estabelecendo no trato com as obras e carreira do autor, e as mudanças no que diz respeito à sua imagem.

PARTE III

ANTIPOFF: APROPRIAÇÕES AUTORIZADAS E MITIFICAÇÃO

CAPÍTULO 4

ESCOLA SOB MEDIDA

Para a redação deste capítulo partimos dos artigos biográficos de Claparède, das diferentes edições de a *Escola sob medida* (1959, 1961 e 1973), do livro de Ruchat (2010) e de fragmentos de outras obras e documentos. Esses dados são analisados e problematizados à luz do texto *A ilusão biográfica de Bourdieu* (1996) tendo como foco as apropriações que são feitas do autor, neste momento em que sua imagem está se cristalizando no imaginário educacional brasileiro. Alguns pontos são interessantes de nos atentarmos:

1) A importância que é dada às raízes familiares de Claparède. A tradição a que Claparède pertenceu é exaltada por seus editores brasileiros, ele ocupa um lugar herdado pela tradição, devido à sua linhagem familiar acadêmica. Tal fato também está assinalado pelo autor em seu texto, mas não de forma tão enfática quanto faz Antipoff.

2) O interesse do autor pelos estudos de Rousseau. Além de estudioso das obras de Rousseau, Claparède foi o guardião do tempo das obras e arquivos de Rousseau. Fundador do Instituto Jean-Jacques Rousseau a entidade cuidou e tomou para si da memória do autor. No espaço de notícias da revista *Archives de psychologie*, ao final de cada número, junto às notícias e resenhas, Claparède escrevia a seção de avisos dos autores e pesquisadores falecidos. A cada número os falecidos recebiam uma homenagem de Claparède. Não demorou muito para a memória de Claparède tornar-se objeto ressignificado nas mãos de outros colegas. Sua autobiografia, publicada inicialmente por ele nos *Archives de Psychologie* e em revista inglesa, nos anos de 1929-1930, foi repercutida no mundo. A edição feita

após sua morte é uma homenagem a Claparède e recebe o acréscimo do colega Bovet, em que trata dos últimos anos de Claparède, compreende da data da publicação do texto autobiográfico, em 1929, até 1940.

3) O aumento do número de livros de Claparède publicados no Brasil. Tal fato exemplifica a ideia de que morto um autor tem mais valor comercial, a comoção com sua morte gera uma curiosidade e um interesse maior. Assim também, como acadêmico ele não tem mais como rebater ou discordar de possíveis interpretações ou falas, não pode revidar. Desse modo, a apropriação é feita de fato e pode tornar-se matéria para outros autores, de ressignificadas maneiras.

4) Essas ressignificações e crescimento são acompanhadas do crescimento de outros autores no país, Piaget torna-se uma persona icônica no campo da educação, e progressivamente ocorre o esquecimento de Claparède.

Escola sob medida: estudos complementares de PIAGET-MEYLAN-BOVET (1959) é o quinto livro do autor publicado no Brasil. Trataremos aqui da materialidade do livro em três edições. Pela manutenção da tradutora e estrutura básica, analisaremos a primeira obra e seu conteúdo pontuando as alterações que foram sendo feitas ao longo do tempo. Estas alterações foram principalmente nas capas, que vão da primazia do nome de Claparède em 1961, ao seu desaparecimento da capa em que aparece uma gravura em alto relevo com o título *Professôra moderna* (capa dura e sem orelhas). De volta, em 1973, em nova coleção “Educação/Educadores” a obra ganha capa nova com gravura de Claparède e na capa o título aparece em outros termos “*Escola sob medida: incluindo um estudo da autoria de JEAN PIAGET*”.

Para este capítulo optamos por não realizar soma de autores citados e proceder uma leitura de conteúdo mais profunda. O exemplar da edição de 1959,

analisada inicialmente, foi encontrado no acervo antigo da Escola Normal de Piracicaba com carimbos da normal e do Instituto de Educação “Sud Mennucci”, datado de 1966. Os demais números analisados foram comprados em lojas virtuais pela *internet*.

Escola sob medida (1959) está publicado em formato brochura (21,5 x 14,3 x 1,9 cm), totalizando 210 folhas divididas em 7 (sete) capítulos mais a conclusão com índice ao final. As edições posteriores passam a 245 páginas com o aumento de tamanho de fonte e inserção de prefácio de 10 páginas na terceira edição. O livro possui capa simples, vermelha, com título, nome do autor, editora e não há informações sobre a coleção que participa.

Conta com propagandas da coleção Biblioteca Fundo Universal de Cultura – Estante de Pedagogia. A coleção objetiva constituir uma “cuidadosa seleção de obras modernas e clássicas que, por seu valor permanente, constituem um fundo universal de cultura.” (CLAPARÈDE, 1959, p.i). A imagem de Claparède vai firmando-se como de autor clássico e menos de como um autor de vanguarda. Na segunda edição aparece o nome do diretor da coleção Mário de Moura.

Na edição de 1961, como estratégia de uma coleção a ser vendida inteira, com capa dura azul. Na lombada, com detalhes dourados e vermelhos, há o nome do autor e título e o número 1, referente à posição da coleção. Na capa uma gravura em alto relevo com uma imagem de professora com óculos modernos para a época e sorrindo, com o título *A professora moderna* em letras maiúsculas. Na parte interna segue o padrão da edição anterior *A escola sob medida e estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina*, por Jean Piaget – Louis Meylan – Pierre Bovet.

O prefácio da terceira (1973) edição é escrito por Valderez Alvares de Freitas Valle, diretora do Instituto Brasileiro Edouard Claparède – IBEC, assinado a

30 de setembro de 1973 e informa que a edição é produzida para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que começou a vigorar em 1971⁵³ (LDB 5692/71).

Esta edição faz parte da coleção Educação/Educadores e é indicada para professores, alunos, psicólogos e a todos aqueles ligados à Educação. Todas as edições partem da mesma editora e da mesma cidade, Rio de Janeiro/RJ.

No prefácio a autora trata de temas que nos chamam a atenção:

- i) a própria existência desta entidade em Belo Horizonte, o IBEC, que mais tarde foi transformada em Escola. Na época era responsável pela promoção de eventos culturais em torno das ideias do autor. A autora informa que o IBEC era complemento do Centro Médico Psicopedagógico de Minas Gerais, transformado em Instituto Psicopedagógico de Minas Gerais. Por meio do IBEC, nesta data de centenário de nascimento de Claparède, promoveu-se a reedição de *A escola sob medida*;
- ii) os nomes que Valderez Valle cita, que vão de Carlos Drummond de Andrade a Francisco Campos e Helena Antipoff, políticos e intelectuais respeitados que tiveram ascensão no governo brasileiro;
- iii) e por fim a abordagem do autor, que é diferente das que mostramos até aqui. Claparède no seu centenário é enfaticamente tratado como um homem bom, caridoso, gentil, acessível e carinhoso. Com seus livros adquiridos pelo Ministério da Educação e publicados especialmente por causa das reformas educacionais, a imagem do autor vai se transformando.

⁵³ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que começou a vigorar em 1971 (LDB 5692/71), em grande parte assentava-se na teoria piagetiana dos estádios de desenvolvimento cognitivo, ao propor como categorias curriculares Atividades, Áreas de Estudos e Disciplinas, destinadas cada qual a um nível de ensino distinto. (CHAKUR, SILVA, MASSABNI, 2004)

Segundo Valle, as ideias de Claparède inspiram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971. Não por acaso as experiências levadas adiante em Minas Gerais por Antipoff ganhavam repercussão nacional.

Em seu prefácio Valle popõe discutir *O pensamento e a obra de Edouard Claparède no Brasil*, a tradutora conta que Francisco Campos, então secretário de governo de Antônio Carlos, enviou à Europa seu diretor de ensino, Alberto Álvares com a missão de trazer ideias e apoio para a reforma que se pretendia em Minas Gerais a partir da fundação de uma Escola de Psicologia e das Ciências da Educação, o que seria como um novo Instituto Jean-Jacques Rousseau.

Para Valle, “Claparède era o Piaget da época” e não pôde aceitar, enviando a discípula Antipoff, agora D. Helena, em seu lugar. (VALLE, 1973, p.i). Antipoff era descrita como cidadã do Mundo, pois

‘toda terra é pátria para o forte’ – D. Helena formou uma confraria Claparédiana que ‘abarca no mesmo amor todos os seres carentes de proteção e compreensão’, conforme as palavras de seu amigo Carlos Drummond de Andrade – o mesmo jovem jornalista que ciceroneou Claparède quando de sua estada em Belo Horizonte, na primavera de 1930. (VALLE, 1973, p.ii)

Valle trata dos eventos por que Claparède passou, do curso sobre *Psicologia da criança e psicologia experimental* que vem a gerar a publicação do livro em 1934 pela Imprensa Oficial. Valle informa que a primeira edição de *Psicologia da criança e psicologia experimental* é o primeiro livro de Claparède publicado no Brasil, ignorando o livro traduzido por Lourenço Filho em 1928 e *A educação funcional* de 1933.

Deste ponto a autora enfoca as impressões pessoais que Claparède teria deixado “[...] inesquecíveis impressões aos alunos e amigos”. As reproduziremos brevemente aqui:

Maria José de Melo Paiva, ex-aluna do curso de Claparède e diretora do Instituto de Educação de Belo Horizonte lembra que o que a impressionou “[...] foi sobretudo sua bondade.” Alda Lodi lembra a “bela figura, impressionantemente majestosa de Claparède, como a de um líder, capaz de transformar o mundo, com seu exemplo e com suas palavras”.

Laura Jacobina Lacombe recorda os passeios com o amigo pelo Saléve em Genebra e pelo Corcovado no Rio de Janeiro, também recorda a visita no Instituto Jacobina (VALLE, 1973). A autora também comenta um trecho do periódico o Educando, órgão oficial da Associação de Professores Públicos de Minas Gerais (APPMG):

Diante da sua modéstia, da sua simplicidade, do seu trato ameno, cordial (viveu sua estada entre nós, conosco na Escola de Aperfeiçoamento onde tomava suas refeições entre as alunas convivendo com as crianças das classes primárias), não se poderia supor encontrarmo-nos diante de um cientista invulgar que foi Claparède.

[...].

Edouard Claparède viverá no coração e na inteligência de todos os educadores que ainda creem que a Educação há de melhorar os homens, se Deus quiser. (O EDUCANDO, apud VALLE, 1973, p.iv).

No texto ainda estão publicadas as palavras de Antipoff, que corroboram com a ideia de um Claparède benevolente: “Sua vida [de Claparède] irradiava tanta benevolência para o próximo e inspirava uma procura constante e ativa dos meios de torná-lo melhor, que chegava a formar, em torno de si, uma atmosfera vivificante.” (ANTIPOFF, apud VALLE, 1973, p.iv).

Após falas de Antipoff sobre a vida acadêmica e pessoal de Claparède, Valle toma a liberdade de complementá-las:

E completando as respostas de D. Helena, diríamos que no Brasil Claparède vive, atualmente, através da Lei 5.692, de 1971, - reforma inspirada nas idéias de Claparède e consequência de sua influência sobre os educadores brasileiros e, muito visivelmente, sobre os membros do Conselho Federal de Educação do Ministério da Educação e Cultura.

[...]

Essa é uma lei baseada na concepção funcional da educação, partindo do princípio prático de que o saber deverá ser posto a serviço da ação, tendo o educando como centro dos programas e dos métodos escolares.

A escola ativa, aquela que responde às necessidades de seus alunos, aqui e agora, e neste sentido, uma escola que se opõe à coação, à repugnância e à indiferença. (ANTIPOFF, apud VALLE, 1973, p.vii).

Neste período o país passava por um período ditatorial, os autores que estavam alinhados ao governo neste período passaram a contar com desprestígio da academia.

Por fim a prefaciadora ressalta os autores que foram influenciados por Claparède no Brasil: Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Lauro de Oliveira Lima, Jurema Lopes, Lúcia Casassanta, Myrthes de Lucas Wenzel, Helena Marinho, Alaíde Lisboa de Oliveira, além de Helena Antipoff nas obras na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, Fazenda do Rosário

Neste livro dividido em 7 capítulos, 4 são de autoria de Claparède:

Autobiografia, *A escola sob medida*, *As concepções educativas e sua verificação e experiência* e *O porquê das ciências da educação*. Bovet a complementa a biografia do autor em *O últimos anos de Claparède*. Em seguida temos capítulos que comentam a obra do autor, os textos *A psicologia de Claparède*, de Piaget; e *A educação funcional*, de Meylan.

Manteremos o foco de análise nos conteúdos escritos por Claparède e naqueles que ajudam a compor sua imagem. Por não haverem notas e inserções mais fortes como no caso de Lourenço Filho e Damasco Penna, para este optamos

por analisar os aspectos da materialidade, realizado na primeira parte deste capítulo, e em seguida o texto biográfico, separando as partes mais importantes e as problematizando. A imagem de Claparède passava por mudança no Brasil, são grupos diferentes fazendo apropriações do autor.

Analisaremos os aspectos biográficos de Claparède: a construção da imagem do *ancien patron*, que bem ou mal são informações que motivaram a sua apropriação por brasileiros, que demonstram força do autor e que foram repercutidas aqui. Leremos esses dados à luz desse momento que sua imagem passava, de reconstrução, de maior reconhecimento governamental, embora criticado e questionado, como ressaltou Penna.

Pierre Bourdieu problematiza a escrita biográfica, ou autobiográfica, do ponto de vista da construção de um relato histórico, de uma sucessão de acontecimentos, como um caminho,

[...] uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a 'mobilidade'), que tem um começo ('uma estréia na vida'), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade ('ele fará sem caminho') significa ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história. (BOURDIEU, 1996, p.183).

Devemos supor uma lógica neste tipo de texto, que tende a pressupor um fim, entender a organização da vida como um todo – “um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva” – ou subentender uma vida organizada como uma história obediente a uma ordem cronológica “desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é seu objetivo” (BOURDIEU, 1996, p.184).

No caso de Claparède há um pressuposto inicial, um grande cientista, um vencedor, relata como alcançou os feitos notáveis de sua carreira. O que o motivou, que pessoas conheceu, etc. Ter clareza destes pressupostos instaurados no texto de Claparède e reproduzidos por seus apropriadores nos ajuda compreender as estratégias de escrita, ou visões de mundo representadas.

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que “se entrega” a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica [...], tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis. (BOURDIEU, 1996, p.184).

O texto autobiográfico é um texto carregado de intencionalidades. Quando problematizamos um acervo devemos questionar por que exatamente e quais documentos estão preservados. Neste tipo de texto a pergunta recai sobre os fatos que são lembrados no texto, e também, por que não, sobre os silêncios que ele produz.

[...] cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação em dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. E é provável que esse ganho de coerência e de necessidade esteja na origem do interesse, variável segundo a posição e a trajetória, que os investigados têm pelo empreendimento biográfico. Essa propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, mais freqüência, como fins, conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido. (BOURDIEU, 1996, p.185).

Fica exposta uma intencionalidade e segundo o autor, produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, ou como um relato coerente de uma seqüência de acontecimentos que definem um com significado e direção, seria “[...] conformar-se com uma ilusão teórica uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar” (BOURDIEU, 1996, p.185) e esta tradição só é rompida com o advento do romance moderno.

A questão aplica-se também à frase de Certeau inserida na introdução deste texto em que trata da ‘servidão’ que o discurso impõe à pesquisa (CERTEAU, 2008, p. 94). A pesquisa realizada para este trabalho durou mais de quatro anos, envolveu muitos textos, conversas com outros pesquisadores, reuniões, etc., e tudo deve ser encerrado em um texto que está afeito a determinadas regras, há de se produzir um texto sobre o que foi feito e mostrá-lo da melhor maneira possível. A vida humana é composta por acontecimentos múltiplos e não há uma ordem preestabelecida, quem o faz, quem estabelece conexões e as organiza deste modo são os autores e cabe ao pesquisador e ao leitor mais atento conhecer e problematizar tais especificidades.

No tratamento dado a Claparède, por seus editores, observamos este tipo de atenção. Não a do romance moderno, mas a do romance clássico, com um fim orientado ou conhecido e esperado desde o início do texto: um cientista de sucesso, reconhecido internacionalmente, e os passos que deu até chegar ali, em suma uma vida exemplar.

Quando pensamos em Claparède como *guardião do tempo* de Rousseau, imaginamos o tipo de enfrentamento com a documentação do autor, com fatos variados de sua existência. O que ele guarda, o que deixa separado em arquivo especial em meio a uma vida toda (cartas de Dewey, documentos, cartões de

congratulações, convites, relatórios, etc.) nos ajuda a entender do que ele gostava, tinha apreço, de como gostaria de ser lembrado. Como um álbum de família, que de certo modo remonta a uma lógica (das festas familiares, de momentos, etc.). A lógica instaurada ali é a lógica que Claparède entendia ser a passível de contar uma história. Um risco para o historiador neste momento.

Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae*, biografia oficial, bem como da filosofia da identidade que o sustenta, quanto mais nos aproximamos dos interrogatórios oficiais das investigações oficiais – cujo limite é a investigação judiciária ou policial –, afastando-se ao mesmo tempo das trocas íntimas entre familiares e a lógica da *confidência* que prevalece nesses mercados protegidos. As leis que regem a produção dos discursos na relação entre um *habitus* e um mercado se aplicam a essa forma particular de expressão que é o discurso sobre si [...]. (BOURDIEU, 1996, p.188).

Muitas vezes Claparède deparou-se com cartas de acadêmicos publicadas em livro. O que estamos tentando apontar aqui é que Claparède entendia que ele mesmo era passível de tornar-se objeto de obras em que sua história estaria retratada. Claparède era, mesmo defendendo que sua vida não percorreu como um rio com caminho previsível, bebedor de fontes literárias tradicionais de seu tempo e não as negou. Há nos seus textos e arquivos uma lógica dominante. Um guardar com cuidado certos objetos. Isso sem pensar nos supostos perigos com os quais estes documentos já passaram, pelos donos e donas do espólio, inventariantes, etc., até chegarem a arquivos organizados como estão atualmente.

A “lógica da *confidência* que prevalece nesses mercados protegidos” – tomemos o exemplo das cartas entre Claparède e Antipoff. Uma questão inquietante é pensar se o autor ao escrever pensava na relevância histórica desse material. Talvez, como parâmetro devemos observar o cuidado que o autor teve com o

material de Rousseau, ou mesmo o cuidado de guardar as cartas que recebia. Sabemos que no primeiro momento as cartas são fruto do acervo particular de Antipoff: cartas recebidas e rascunhos das enviadas.

Feita essas ponderações, o autor não se furta à questão dos “[...] mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e totalidade.” (BOURDIEU, 1996, p.185).

Um desses mecanismos sociais mais fortes e vigorosos (principalmente no início de sua carreira) muito valorizado no Brasil é o nome de Claparède e de sua família. Segundo Bourdieu, uma forma de totalização e unificação, o nome próprio. “[...] institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como *agente*, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis.” (BOURDIEU, 1996, p.186).

Assim temos a tradição do nome acadêmico do tio, René-Édouard Claparède, como um marca que ele portava, logicamente poderia não ter seguido os passos do tio. Poderia ter seguido o caminho religioso de boa parte de sua família. Mas tal nome, tal capital de sua família era algo a ser considerado. Até nos dias atuais é comum as pessoas confundirem o busto do tio de Édouard, instalado na Praça Claparède em Genebra com a imagem do sobrinho.

Em sua autobiografia, Claparède remete-se à esta singularidade de seu nome e sua história: Claparède diz lembrar-se da responsabilidade para com este nome desde pequeno.

Para Bourdieu,

[...] o nome próprio é o suporte (somos tentados a dizer a substância) daquilo que chamamos de estado civil, isto é, desse conjunto de propriedades (nacionalidades, sexo, idade etc.) ligadas a pessoas às quais a lei civil associa efeitos jurídicos e que *instituem*, sob a

aparência de constatá-las, as certidões de estado civil. Produto do rito de instituição inaugural que marca o acesso à existência social, ele é o verdadeiro objeto de todos os sucessivos ritos de instituição ou de nomeação através dos quais é construída a identidade social: essas certidões (em geral públicas e solenes) de *atribuição*, produzidas sob o controle e com a garantia do Estado, também são designações rígidas, isto é, válidas para todos os mundos possíveis, que desenvolvem uma verdadeira descrição oficial dessa espécie de essência social [...]. (BOURDIEU, 1996, p.188).

Ao tratar especificamente dos trabalhos biográficos na relação interrogador x interrogado, Bourdieu comenta sobre a situação de investigação e as possibilidades de uso da representação por parte do investigado: “[...] segundo a distância objetiva entre o interrogador e o interrogado e segundo a capacidade do primeiro para ‘manipular’ essa relação, poderá variar desde essa forma doce de interrogatório oficial que é, geralmente sem que o saiba o sociólogo, a investigação sociológica até a confidencia – através, enfim, da representação mais ou menos consciente que o investigado fará da situação de investigação, em função da experiência direta ou mediata de situações equivalentes (entrevista de escritor célebre ou de político, situação de exame etc.), e que orientará todo o seu esforço de apresentação de si, ou melro, de produção de si.” (BOURDIEU, 1996, p.189).

Tratar de história de vida, como o texto autobiográfico de Claparède buscou fazer, ou como empreendemos aqui tentando problematizá-lo, corre-se o risco de pensar a existência individual, a própria vida, como uma sucessão de acontecimentos e do seu narrar, um caminho, um trajeto linear e organizado:

[...] uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a ‘mobilidade’), que tem um começo (‘uma estréia na vida’), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (‘ele fará sem caminho’) significa ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história. Isto é aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos, *Geschichte*, que está implícita numa filosofia da história no sentido de relato histórico, *Historie*, em suma, numa teoria do relato, relato

de historiador ou romancista, indiscerníveis sob esse aspecto, notadamente biografia ou autobiografia (BOURDIEU, 1996, p.183).

Claparède não fugiu a essa premissa ao escrever suas memórias. Na data da publicação de sua autobiografia (1929) o autor já era respeitado em seu meio e possuía uma carreira sólida, considerado um patriarca entre as novas gerações de psicólogos entre os quais estavam Jean Piaget e Sigmund Freud (RUCHAT, 2010). Assim, redige seu texto de forma categórica do ponto de vista do vencedor, de um ponto de chegada olhando para seu passado tentando reconstituir os passos que o levaram até ali. Curiosamente, o autor utilizou imagem semelhante a que Bourdieu se refere, ao fazer a introdução de seu texto:

Uma vida é como um rio que flui, e cada um serpeia a seu modo. Como poderia um psicólogo deixar de sentir-se atraído pelos meandros que o rio traça, pelas terras que atravessa, pelas margens que banha ou faz florescer?

Eis por que não hesitei em contar, aqui, a história de minha vida, se bem que, tanto quanto possível, seja desprovida de qualquer elemento dramático ou sensacional. Meu pequeno riacho, nascido em belo jardim, só precisou, para seguir seu curso, descer a inclinação fácil de um terreno bem preparado e completamente livre de obstáculos. E talvez devesse envergonhar-me por ter produzido tão pouco, dentro de condições tão favoráveis (CLAPARÈDE, 1959, p. 11).

Do nosso ponto de vista, ao produzir um relato biográfico ou autobiográfico, fica exposta uma intencionalidade. Há um objetivo a se alcançar ao se redigir tal texto.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão teórica uma representação comum da existência que toda uma

tradição literária⁵⁴ não deixou e não deixa de reforçar (BOURDIEU, 1996, p.185).

Édouard-Jean Alfred Claparède nasceu em 1873, em Champel, Genebra, de uma família de pastores protestantes, como seu pai e avô, e cientistas como seu tio, homônimo, Édouard Claparède (1832-1871), um zoólogo, do qual herdou não somente o nome, mas também o gosto por essa ciência:

Cabe-me aqui assinalar um fato que, sem dúvida, teve certa influência sobre meu destino.

Dois anos antes de meu nascimento, morrera com 39 anos um irmão de meu pai, naturalista de grande mérito, muito conhecido pelos especialistas por seus belos estudos acerca dos infusórios e dos anelídeos. Era excepcionalmente dotado. [...]. Em minha família, falava-se freqüentemente desse "tio Edouard", que havia deixado marca tão profunda. Em sua homenagem tinham-me dado seu primeiro nome, e eu sentia, em minha cabeça de menino de 3 ou 4 anos, uma sensação estranha, quando ouvia fazerem o elogio de "Edouard Claparède". Parecia-me que se falava um pouco de mim, pelo menos alguma coisa (mágica de um nome) me ligava pessoalmente ao grande desaparecido e que era minha obrigação honrar o nome tão brilhantemente notabilizado por êle. (CLAPARÈDE, 1959, p. 14).

Pensando sobre a herança que Édouard recebeu do tio – seu nome próprio escolhido por seus pais – podemos questionar a importância que tal escolha pode ter representado na vida do autor. Não que esse seja um ponto irreversível da personalidade, como se os pais pudessem decidir todo o destino de um filho num único movimento ao escolher seu nome, mas o fato do autor aqui estudado ter o mesmo nome de seu tio pesquisador das ciências biológicas é algo que não deve ser deixado de lado.

⁵⁴ Essa forma de se pensar e escrever um relato biográfico tem raízes na estrutura romântica que só é rompida com o romance moderno que permite desvios e alterações de narrativa completamente arbitrárias, como pode acontecer em nossa própria vida.

Para Bourdieu o nome próprio seria a mais evidente das formas de totalização e unificação dispostas pelo mundo social, pois “[...] institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como *agente*, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis” (BOURDIEU, 1996, p.186). Claparède nasce portando um nome conhecido no mundo acadêmico, como um marca, uma singularidade do nome e uma história precedente, tanto para os outros que o reconheciam como para ele próprio que se via carregado de responsabilidades desde pequeno.

‘Designador rígido’, o nome próprio é a forma por excelência da imposição arbitrária que operam os ritos de instituição: a nomenclatura e a classificação introduzem divisões nítidas, absolutas, indiferentes às particularidades circunstanciais e aos acidentes individuais, no fluxo das realidades biológicas e sociais (BOURDIEU, 1996, p.187).

Para Claparède, no âmbito de sua família, a influência acadêmica do tio não seria tão definitiva, pois quando nasceu seu tio já era morto e sua família era majoritariamente de religiosos e magistrados: “entre meus antepassados, quase todos pastores ou magistrados, nem um só cientista.” O autor tinha como parentes cientistas “apenas” três colaterais: “um tio, um primo, um irmão, cultivam as ciências exatas”. Considerando que além deste tio – destacado biólogo, difusor das ideias de Darwin – tinha como primo Théodore Flournoy (1854-1920), professor de psicologia e fundador do laboratório de psicologia experimental da Faculdade de Ciências da Universidade de Genebra, que, segundo o autor, o convence de sua “vocação” para a ciência.

No decorrer do texto de sua autobiografia Claparède conta de sua educação e infância, de pontos que considera fundamentais em sua personalidade,

como o fato de ser internacionalista fervoroso e dono de uma curiosidade que foram se moldando à sua dedicação como cientista. Também relata como sua personalidade foi direcionada para os estudos e para a crítica de uma escola tradicional e sem vida, fato demonstrado em sua primeira publicação em que faz uma crítica ao colégio onde se formou:

[...] saí do colégio em 1891 e publiquei, logo depois, uma pequena brochura: *Algumas palavras sobre o Colégio de Genebra (Quelques mots sur le Collège de Genève)*, onde clamava, aliás bem timidamente, por algumas reformas nos métodos em uso na 'venerável instituição de Calvino' (CLAPARÈDE, 1959, p. 18).

Ali o jovem preparou-se para cursar medicina como introdução às ciências naturais, como fizera seu tio Édouard Claparède e o primo Flournoy.

Flournoy — eis o momento de fazer entrar em cena este pensador penetrante, este homem agradável — era filho duma irmã de meu pai, e tinha 19 anos mais do que eu. De temperamento um tanto selvagem, preferindo a solidão de seu gabinete de trabalho às reuniões de família, raramente era visto, e, pela diferença de idade entre nós, conhecíamos-nos superficialmente. Mas, em 1885, êle deu, como catedrático, em nossa Universidade, umas aulas sobre Kant, de que se falou muito. Elogiava-se a profundidade e clareza das mesmas (CLAPARÈDE, 1959, p. 18).

Antes de terminar o colégio Claparède já frequentava o laboratório do primo, demonstrando seu tino acadêmico e a importância da persuasão de Flournoy, coisa a que Claparède se predispôs:

Possuído de repente pela vontade de obter alguns esclarecimentos acerca do assunto, fui, um belo dia, com o coração aos pulos, bater à porta de TEODORO, meu primo em segundo grau. Recebeu-me de modo muito afável, mostrou-me no microscópio as células duma folha de hera e convidou-me a voltar sempre que quisesse. A amizade estava iniciada. Não abusei, aliás, da sua permissão. (CLAPARÈDE, 1959, p. 18-19).

Dessa visita o jovem fica admirado com o tom de convicção do primo ao falar de ciência, segundo ele, de forma tão forte e cativante que lhe deu a percepção “[...] bem clara de que, daquela vez, havia encontrado minha vocação” (CLAPARÈDE, 1959, p. 19).

No inverno seguinte (dezembro de 1888), o jovem foi à Universidade para assistir a uma conferência sobre "a alma e o corpo" de Flournoy. E nessa conferência Claparède teve o primeiro contato com a psicologia, antes de partir, no outono de 1892, para Leipzig, onde cursou o primeiro semestre de medicina, transferindo-se depois para Genebra, onde concluiu seu doutorado. Em seus estudos para a redação de sua tese, o autor voltou a ter contato com a psicologia que havia abandonado há quatro anos (ARCE; SIMÃO, 2007).

Só passei um semestre em Lípsia⁵⁵, não querendo deixar minha mãe que, tendo-se todos meus irmãos e irmãs casado, morava sozinha em nossa velha casa de Champel. Acabei, portanto, a medicina, em Genebra e fiz, aí, meu doutorado em 1897, com uma tese (*Du sens musculaire à propos de quelque cas d'hémiataxie posthémiplegique*) que me proporcionou ocasião de retomar contato com a psicologia que havia abandonado há quatro anos (CLAPARÈDE, 1959, p. 22).

O autor, em sua autobiografia, por repetidas vezes, demonstra sua disposição em aceitar o destino acadêmico, que para ele era visível desde pequeno (advindo de motivação familiar ao copiar cadernos e desenhos do tio). Demonstra também como ele possuía um tino, um *feeling*, de estar próximo a pessoas importantes, de visitá-las e se aliar ou de saber confrontá-las e conseguir repercussão e exposição, mesmo quando jovem e pouco conhecido. Como exemplo

⁵⁵ Na tradução brasileira da obra Leipzig aparece traduzido.

as visitas ao primo e sua amizade que foi se fortalecendo, as visitas à Binet⁵⁶ em Paris, os textos contrários à corrente associacionista⁵⁷ publicados em momento que a corrente gozava de hegemonia na psicologia, ou a pensadores específicos que serão tratados mais adiante.

Neste meio tempo, Claparède (1959, p. 23) foi membro ativo da *Sociedade de Zofingue*, que reunia estudantes de toda a Suíça. E por um ano foi seu secretário central: “[...] esta função incluía a redação da *Feuille Centrale*, revista mensal, cuja preparação satisfazia meus pendores para a atividade.” Assim, Claparède foi ocupando espaços políticos, ainda em sua juventude, culminando mais tarde com o secretariado de congressos internacionais, chefias de instituições etc. Em 1896, casa-se com “[...] Mlle. Spir, a quem tinha permanecido fiel desde 1889”, quando a conheceu. A jovem russa Hélène Spir⁵⁸ era filha do prestigiado filósofo russo African Spir (1837-1890)⁵⁹.

⁵⁶ Tendo ouvido falar da audição colorida, fiquei muito espantado ao saber ser êste fenômeno, que eu apresentava em alto grau, uma particularidade individual, e que Flournoy não atribuía côr alguma às vogais. Tive, então, a idéia de fazer uma pesquisa, para fazer uma idéia da freqüência do fenômeno. Flournoy me incentivou e espalhei (maio de 1892) um questionário entre os estudantes da Universidade e entre minhas relações. Tendo sabido que Binet se ocupava da mesma questão, fui visitá-lo em Paris. Era a primeira vez que entrava em contato com êle. Felicitou-me por meu empreendimento e me pediu que lhe comunicasse os primeiros resultados. Foi o que fiz e êle os mencionou num artigo a respeito da audição colorida, que publicou na *RevedesDeux-Mondes* de outubro, de 1892, tratando-me de "eminente psicólogo". Êste tratamento hiperbólico, cuja ironia sentia desagradavelmente, confirmou-me, no entanto, na escolha de minha vocação. Eu deveria ser psicólogo. . . estava impresso! (CLAPARÈDE, 1959, p. 21).

⁵⁷ O principal representante do Associacionismo era Edward Thorndike. “Entrementes, o Dr. Toulouse, lançando em Paris uma ‘Biblioteca de Psicologia Experimental’, pediu-me que escrevesse, para êle, um volume sôbre a Associação de Idéias. Comecei a trabalhar, e a obra apareceu em fins de 1902. Neste livro, combatia o associacionismo e isto poderia parecer por demais ousado para um jovem incipiente na psicologia, pois a teoria associacionista, então, era tacitamente aceita no mundo dos psicólogos” (CLAPARÈDE, 1959, p. 27).

⁵⁸ Édouard e Hélène tiveram dois filhos, Eliane e Jean-Louis.

⁵⁹ Interessante notar que a vida de African Spir foi biografada por sua filha Hélène no texto *Vie de A. Spir in African Spir, Nouvelles esquisses de philosophie critique*, Paris, Félix Alcan, 1899. E objeto de verbete da *Bibliothèque universelle* redigido por Adolphe Ferrière, "African Spir", in: 1911, vol. 63, p. 166–175. Além destes textos e dos autores célebres que Claparède biografou também cabe assinalar o texto que o filho de Claparède e Hélène estava redigindo às vésperas de sua morte sobre a história do Instituto Jean-Jacques Rousseau.

Em 1898, fomos, minha mulher e eu, passar um ano em Paris, onde Dejerine⁶⁰ se tinha prontificado a me receber em seu serviço, na Salpêtrière. Ali, continuei a interessar-me pela ataxia e pelos distúrbios da sensibilidade, sem negligenciar, além disso, o desenho de cortes de cérebro no pequeno laboratório do serviço (CLAPARÈDE, 1959, p. 23).

Em Paris, fortaleceu seus laços de amizade com Binet, que o recebia em seu laboratório às quintas-feiras, nesse período fez amizades com vários outros pesquisadores até voltar a Genebra, para reencontrar Fluornoy e trabalhar em seu laboratório.

No ano de 1900, quando se dedicava à Neurologia Clínica – além das pesquisas de laboratório e Psicologia Animal – Claparède sentiu despertar seu interesse pela Psicologia aplicada à educação:

Há alguns anos, tinham sido criados em Genebra classes especiais para os retardados e os anormais. Mas as professoras que dêles se encarregavam quase não tinham recebido preparação especial alguma e estavam um pouco desamparadas. Vieram aconselhar-se comigo. Eu não sabia muito mais do que elas. Fui, então, visitar suas classes e comecei a ficar a par do problema dos anormais. [...]. E, em 1901, durante uma palestra na Sociedade Médica de Genebra, demonstrei a necessidade da "escola sob medida". Esta fórmula, que então parecia expressar simplesmente uma utopia, hoje em dia é normalmente aceita, mesmo pelos práticos da educação, como um ideal a realizar (CLAPARÈDE, 1959, p. 26).

Em 1901, lançou a expressão *Escola sob medida*, por meio da qual defendia uma escola que se adaptasse às peculiaridades do educando. Paralelamente aos estudos sobre a psicologia da educação desenvolve estudos sobre o sono, com fins a comprovar que o sono possuía uma *função* biológica relacionada ao descanso e como um *interesse biológico*, uma atividade positiva, diferente da psicologia corrente que tratava o sono como um resultado de

⁶⁰Joseph Dejerine (1849-1917), neurologista francês.

intoxicação do corpo. Para Claparède “êsse estudo sôbre o sono permaneceu sendo meu trabalho preferido, sem dúvida porque tenho o sentimento de ter sido êle o único realmente original” (CLAPARÈDE, 1959, p. 31). Aqui está a base da concepção biológica do autor, a *concepção funcional* que, para o autor, busca: “[...] acima de tudo, encarar os fenômenos psíquicos sob o ponto de vista de seu papel, de sua função na vida, de seu lugar no conjunto da conduta, num momento dado. Isto significa formular a questão de sua utilidade.”

Figura 4 – Claparède em sua casa



Mas os resultados em torno do sono entre outras pesquisas não o desviavam da área da educação, ou da psicologia educativa:

[...] meu pendor para as aplicações da psicologia fazia-me tênder cada vez mais para a psicologia educativa. O interrogatório de meus doentes mostrava, a cada dia, a influência da educação — sobretudo dos erros da educação — sobre o desenvolvimento da personalidade. Mais vale trabalhar para prevenir esses erros educativos, pensava eu, do que corrigir suas conseqüências. As doutrinas freudianas, que começavam a se difundir e às quais Flournoy e eu não tínhamos dispensado uma acolhida simpática, enquanto nos impediam qualquer entusiasmo, confirmavam-me ainda na idéia da importância dos anos da infância para o destino posterior do indivíduo.

Talvez a lembrança um pouco amarga do tempo perdido durante os anos do colégio, devido a métodos antiquados, desempenhasse um papel em tal orientação de minhas preocupações. E, desde 1901, tinha um filho e não podia pensar sem angústia que êle também iria passar por essa enfiada de anos escolares, estigmatizante dos belos anos da infância (CLAPARÈDE, 1959, p. 41-42).

Nesse mesmo ano de 1901, Flournoy e Claparède fundam os *Archives de psychologie*, da qual foi editor até o ano de 1940:

Essa atuação como editor do segundo periódico mais importante da Psicologia Francófona e seu trabalho como resenhista das principais publicações em Psicologia da época lhe possibilitaram o acesso às mais variadas vertentes e aos debates que atravessavam essa ciência recém inaugurada. Podemos dizer que o trabalho como editor da revista fez de Claparède um *gatekeeper* da psicologia, por colocá-lo em contato com o que havia de mais novo nas ciências da mente e ainda permitindo-lhe um diálogo profícuo com importantes teóricos daquela época (NASSIF, 2008, p. 32).

Os *Archives* foram a primeira publicação em língua francesa a veicular os artigos de Freud. A redação deste periódico, com sua parte bibliográfica, constituiu-se, para Flournoy e Claparède numa preocupação constante e em 1904 Flournoy passa a direção do laboratório de psicologia da Universidade de Genebra para Claparède.

Paralelamente aos *Archives*, Claparède (1959, p. 35) desenvolvia suas atividades de forma dispersada, partilhada entre a psicoterapia, as escolas, a psicologia: “Sem contar as ocupações extracientíficas, que são numerosas, numa cidade de espírito cívico muito desenvolvido, como Genebra”, principalmente a política:

Em boa hora interessei-me pela política. Quando me tornei eleitor, aos vinte anos, dois grandes partidos estavam em luta. Não era difícil perceber que ambos faziam passar o interesse próprio por cima do da comunidade, com muita freqüência. Minha consciência de jovem apaixonado pela verdade revoltou-me com isso. Assim, foi para mim um verdadeiro alívio, quando, favorecido pela representação proporcional, introduzida em Genebra em 1893, criou-se um novo partido, o "Grupo Nacional", que, aliás, não pretendia precisamente ser um "partido" e se propunha estudar todas as questões de modo objetivo, sem preconceito político. Este grupo, cujos princípios eram admiráveis, e cuja formação deveria ter sido saudada com entusiasmo, por todos os cidadãos de boa fé, foi, ao contrário, violentamente atacado e ridicularizado pelos dois grandes partidos,

pela primeira vez em concordância! Nem por isso deixei de continuar junto a esse Grupo nacional e a seu órgão, o *Signal de Genève*, em cuja redação colaborei, até que o Grupo Nacional desapareceu, em 1912, da cena política, sob a ação conjunta de seus adversários da direita e da esquerda. Durante estes vinte anos, pude ver o domínio exercido pela lógica dos sentimentos, até mesmo sobre homens inteligentes e honestos, e o quanto a imparcialidade é uma virtude rara (CLAPARÈDE, 1959, p. 36).

Como se pode observar a política também era objeto da atenção de Claparède que se identificava com o pensamento liberal⁶¹, o protestantismo, e afirmava possuir “tendências socialistas” (com mais ressalvas e críticas que elogios), fato que o levou a ser questionado em momentos de Guerra e crescimento do pensamento nazifascista. O posicionamento liberal e internacionalista não era visto com bons olhos devido ao sentimento nacionalista na Suíça refletindo mais tarde na política de bolsas do Instituto Jean-Jacques Rousseau que incentivava o intercâmbio de estudantes de todo o mundo para estudarem em Genebra.

Ainda em 1904 Claparède é nomeado secretário geral do II Congresso Internacional de Filosofia, sediado em Genebra em 1904 e, mais tarde, do VI Congresso Internacional de Psicologia (1909), presidido por Flournoy. Desses, entre outros eventos que participou, Claparède questiona se não formaram um encadeamento de amizades entre pesquisadores de todas as nações que

⁶¹ “Portanto, sempre julguei sem ponto de vista pré-formado as coisas da política nacional e internacional, segundo o método que me parece dever ser o do liberalismo, julgando as árvores por seus frutos. Sinto viva simpatia por muitas aspirações do socialismo. Juntamente com ele, espero uma reforma profunda de nosso iníquo regime social, que acoberta tantas injustiças, por mim mesmo sentidas, tanto mais dolorosamente, quando eu mesmo sou, delas, um dos atingidos. Mas não posso aceitar, no socialismo, o dogmatismo e o autoritarismo. [...]”

O liberalismo, portanto, a meus olhos se manifesta menos como uma doutrina política, do que como um método, cuja característica dominante deve ser a ausência de ante julgamento, isto é, um método de lealdade intelectual e moral. Isto significa que deve fundar-se, em última análise, na experiência, que, neste campo, deve ser nosso soberano mestre. Alio, em meu espírito, liberalismo, pragmatismo e protestantismo, significando para a política, filosofia e religião o mesmo que significa o método experimental para a ciência: um método de verdade, substituindo o constrangimento do dogma, ou a pressão dos preconceitos, pelo livre exame dos fatos” (CLAPARÈDE, 1959, p. 37).

Liberalismo que o autor creditava ao aprendizado com Flournoy: “[...] idéias liberais impregnavam o ensinamento de Flournoy, e sem dúvida lhe devo muito, sob este aspecto” (CLAPARÈDE, 1959, p. 39).

proporcionou a “[...] subestrutura afetiva indispensável à obra da Sociedade das Nações?”

Em 1906, o educador organizou em seu laboratório um importante seminário sobre Psicologia Pedagógica:

Assim, organizei em 1906, no meu Laboratório, um Seminário de psicologia pedagógica destinado a iniciar os futuros educadores nos métodos de pedagogia experimental e na psicologia da criança. Não há escola normal em Genebra. Os futuros professores são preparados para sua carreira através de cursos especiais e de estágios nas classes. Eu esperava que o Seminário fôsse convidado a figurar no programa de tais cursos (CLAPARÈDE, 1959, p. 42).

Diferente do que esperava seu Seminário perdura apenas um ano no programa da Faculdade de Letras e, segundo Claparède (1959), o chefe da instrução pública recusa a continuidade por medo do pensamento liberalista e independente do autor corrompesse os alunos. Sem apoio da Universidade ou do Estado para o desenvolvimento da psicologia aplicada à educação o autor cria um

[...] Instituto especial, criado independentemente dos dois. Justamente um movimento pedológico se esboçava em Genebra: AD. FERRIÈRE combatia pelas escolas novas, ATJG. LEMAÎTRE estudava os adolescentes, ALICE DESCOEUDRES verificava os testes de BINET; MILLES. AUDEMARS e LAFENDEL, professoras de escola infantil, desejavam introduzir reformas (CLAPARÈDE, 1959, p. 43).

Nessa época, o livro *Psychologie de l'enfant* estava em sua quarta edição, todas esgotadas rapidamente segundo conta o autor, e estava traduzida em mais de 6 idiomas. Tais resultados alcançados pela obra e a colaboração de Pierre Bovet são determinantes para a abertura do *Institute* em outubro de 1912. Desde 1911 Claparède esteve à procura de futuros estudantes para seu “Instituto livre” e fazia visitas a pessoas influentes do mundo científico a fim de informar de seus planos e

buscar apoio. Numa dessas visitas ao laboratório de psicologia da Sorbonne, dirigido então por Théodore Simon, ele encontrou pela primeira vez a russa Hélène Antipoff (RUCHAT, 2010).

[...] uma Escola das ciências da educação, com o apoio de um grupo de amigos, que me dispensaram ajuda financeira. Dei-lhe o nome de *Institut J. J. Rousseau*, e isto era muito natural. Neste ano, acabava-se precisamente de comemorar, no mundo inteiro, o segundo centenário do nascimento do famoso "Cidadão de Genebra". E, em seu livro *Emile*, não encontramos afirmada pela primeira vez a necessidade, para o educador, de "estudar seus alunos" ? Creio ter demonstrado que já se acham, neste admirável livro, os grandes princípios da ciência da criança (CLAPARÈDE, 1959, p. 43).

Assim, o Instituto Jean-Jacques Rousseau e os *Archives*, em seu início, foram entidades independentes em relação à Universidade e ao Estado. A psicologia ativa ainda não possuía o prestígio que alcançaria frente aos programas de Pedagogia, tendo seus pedidos de apoio e verbas negados. O estatuto de "livre" dado ao Instituto Jean-Jacques-Rousseau é devido à posição política de seus fundadores, mas a entidade era dependente financeiramente de patrocinadores privados e da Fundação Rockefeller, que lhe apoiou mais fortemente entre os anos de 1926 e 1929, e desde 1929 pelo Estado de Genebra. O financiamento da Fundação Rockefeller, entidade norte-americana, é outro indício da proximidade de Claparède com os estudiosos norte-americanos⁶²:

62 A proximidade de Claparède com os norte-americanos está mais alinhada com a filosofia pragmática, mais especificamente J.Dewey: "Empenho-me em dizer o quanto foi estimulante para mim encontrar, nos escritos notáveis de John Dewey, o desenvolvimento da concepção funcional, a que eu mesmo tinha sido conduzido, por minha interpretação biológica da atividade mental." Já a psicologia norte-americana foi objeto de crítica do autor: "As discussões suscitadas na América há vinte anos, pela questão do behaviourismo, algum dia convenceram um adversário? Aliás, não fizeram senão repetir, a um quarto de século de distância as discussões que, na Europa, tinham feito lutar Richet, Binet, Gautier, Herzenv, Soury, Flournoy, Forel, etc."

Figura 5 – Divisa do IJR

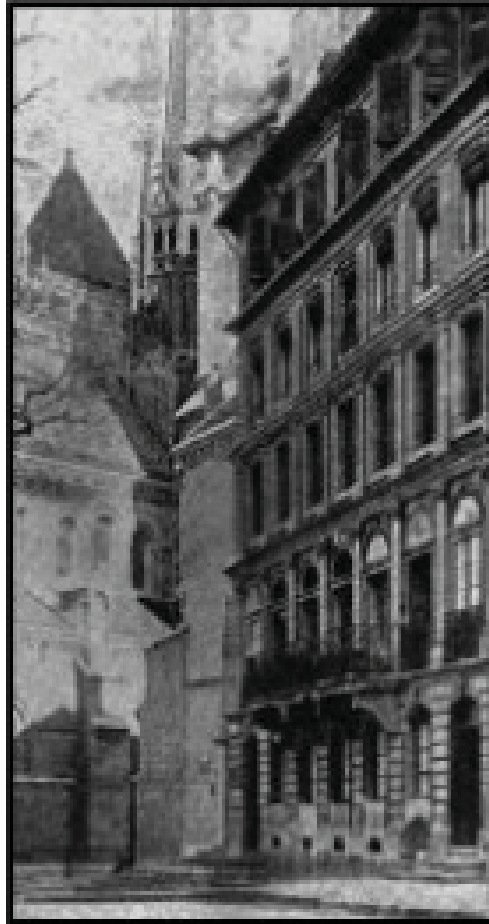


Acima uma representação gráfica da divisa do instituto (s.d.), *Discat a puero magister*, Que o mestre aprenda com o aluno, ou nas palavras de Claparède: “A divisa de nosso Instituto [...] indica seu espírito: desejamos colocar, o mais possível, os futuros educadores em contato com a criança, para que aprendam a conhecê-la e a amá-la” (CLAPARÈDE, 1959, p. 44).

O Instituto Rousseau — que, sob a direção brilhante de Pierre Bovet, logo atraiu alunos de todos os países — estêve, desde a sua inauguração, no centro de minhas preocupações. Aí estava uma obra apaixonante, para mim, de construção e também de propaganda para os métodos que me eram tão caros. Dedicava-me a êle inteiramente. Aliás, em detrimento de meu trabalho científico. Ao lado das exigências de ensino e de conferências que me pediam para fazer de todas as partes, em Paris ou em Londres, em Madri ou em Haia, em Viena ou em Bruxelas, não soube reservar-me dias intocáveis para meu trabalho pessoal.

Nosso instituto chocou-se contra dificuldades materiais e também contra a oposição surda das autoridades escolares. Hoje, os tempos são melhores, sua utilidade foi reconhecida pelo Estado de Genebra, que lhe facilita uma subvenção e acaba de ligá-la à Universidade (coisa que tinha pedido já há vinte anos). (CLAPARÈDE, 1959, p. 45).

Figura 6 – Ilustração do edifício que abrigou o IJJR de 1912-1923



Fonte: (NASSIF, 2008).

Nos anos 1930, Genebra vê crescer um movimento que Ruchat (2010) chama de “obsessão anti-comunista” que atinge o Instituto e seus princípios, por serem potencialmente condutores à anarquia e pela “mentalidade subversiva de certos mestres”. A saída para o problema foi encontrada por Piaget em 1933, quando era codiretor do Instituto, fazendo a distinção do caráter universitário do social da entidade, distinguindo a ciência da política, afirmando: “experiências recentes mostram o quanto é importante inspirar confiança num trabalho rigorosamente científico” (PIAGET citado por RUCHAT, 2010, p. XXXIV). Essa sequência de acontecimentos culmina com o pedido de demissão de Bovet, do cargo de codiretor. Claparède declara – quatro anos depois de se felicitar pelos

novos investimentos de celebrar a proximidade com a Universidade – os riscos de perda de autonomia que o Instituto corria, por estar se anexando à Universidade e abandonando o aspecto de convívio social que caracterizava os ideais de seus fundadores, ou o “espírito” do Instituto.

Em 1908, Claparède foi nomeado professor extraordinário de Psicologia na Universidade de Genebra e, em 1909, participa do *VI Congresso Internacional de Psicologia* realizado em Genebra, sendo seu secretário geral como afirmamos previamente. Entre os anos de 1910 e 1915, Claparède produziu e divulgou vários trabalhos, entre eles: *A concepção funcional da Educação* em 1911. No ano de 1915, o autor substituiu Flournoy na cátedra de Psicologia da Universidade de Genebra e publicou a quinta edição da obra *Psychologie de l'enfant*. Em 1916, publica *L'école et la psychologie expérimentale*. Em 1917, os testes mentais estavam sendo aplicados em larga escala no exército norte-americano, Claparède publicou *La psychologie de l'intelligence*. Presidiu no ano de 1920 em Genebra a *Primeira Conferência Internacional de Orientação Profissional*, a segunda também foi presidida por ele em 1921 em Barcelona. Em 1926, Claparède foi nomeado secretário permanente dos *Congressos Internacionais de Psicologia*.

O autor ressalta ainda em sua autobiografia, os acontecimentos referentes à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o estabelecimento em Genebra da Sociedade das Nações (1919), que considera diretora dos “[...] pensamentos para a política internacional e foi, ao mesmo tempo, um enriquecimento e um obstáculo à concentração indispensável ao trabalho científico; a criação do Centro Internacional de Educação” (CLAPARÈDE, 1959, p. 49). Fato de importância também a ser assinalado foi a morte de Flournoy, em 1920.

No ano de 1928, foi até o Egito, onde realizou estudos visando a reforma escolar no país. Nesse mesmo ano no Brasil, foi publicada a primeira versão em português da obra de Claparède: *A escola e a psicologia experimental*. A exemplo do que acontece no Brasil, os trabalhos desenvolvidos no Egito partiram de contatos realizados a partir de ex-alunos do Instituto Jean-Jacques Rousseau:

[...] devo indicar o convite recebido por mim, em 1928, da parte do Governo egípcio, para apresentar um plano de reforma das escolas e escolas normais do Egito. Assim, fui para o Cairo, no inverno de 1928-29, onde, com a colaboração de Mlle. BIENEMAN, antiga aluna do Instituto Rousseau, empreendi amplo questionário, empregando diversos testes, acerca do desenvolvimento mental dos escolares egípcios. A necessidade existente de descobrir soluções práticas mostrou-me, mais imperiosamente do que nunca, como se faz sentir a urgência de uma ciência da criança e de uma pedagogia experimental, sobre as quais nos possamos apoiar. E não consigo entender por que a maior parte dos práticos em educação, longe de exigirem esta ciência, que lhes seria útil a cada dia, combatem os que tentam elaborá-la! (CLAPARÈDE, 1959, p. 45).

Ao final de sua autobiografia, escrita por volta de seus 56 anos, o autor relembra nomes de ex-alunos e colegas que passaram pelo *Instituto*:

Deveria falar das relações amigáveis que unem mestres e alunos e fazem do Instituto Rousseau uma grande família, para pintar sua fisionomia exata. Deveria também expor o belo trabalho feito por Mlle. Descoedres, Mlle. Audemars e Lafendel (as diretoras da Casa dos Pequenin⁶³), Mm. Bovet, Piaget, Ferrière, Walther, Mme. Antipoff, etc. (CLAPARÈDE, 1959, p. 45).

Em 1929, o educador genebrino, escreveu a sua autobiografia. Mais um ponto de interesse para nossa pesquisa. É bom ressaltar que em seu texto não há referência sobre as biografias que ele escreveu, em forma de artigos (como a

⁶³ Maison des petits.

maioria de seus textos), sobre Rousseau (1912a, 1912ab, 1935), Pestalozzi (1927), James (1910) e Binet (1911).

Escrever uma autobiografia ou a biografia de outro de seus pares é fato de relevância para nossa pesquisa. Da mesma forma como o autor tende a romantizar a própria vida – em forma de texto, lembrando e registrando aqueles fatos que pensa ser mais importantes, como uma trajetória que o leva a um final feliz a partir de um objetivo prefixado e nem sempre exposto ao leitor – o ato de escrever a biografia de Rousseau, ou de Binet, por exemplo, é algo que deve ser questionado. Do nosso ponto de vista este é um ato de via dupla, com o texto biográfico Claparède se apodera da memória do outro, garante sua proximidade, ou mesmo parentesco, com o pensamento do biografado, como também a toma, institui-se uma autoridade sobre tal memória. Como o fez de forma generalizada com Rousseau, abrindo um instituto com seu nome, guardando sua memória e arquivos e tentando difundir os conhecimentos que o autor pregou em vida (pelo menos é o que se publiciza). Dessa estratégia, ao redigir sua autobiografia Claparède tenta resguardar o futuro de sua memória e ao mesmo tempo tenta impedir desvios/erros/deturpações que possíveis narradores pudessem incorrer ao contar sua história.

No ano seguinte, Claparède visitou o Brasil, uma época bastante agitada, em meio à revolução de 1930. Fato esse que, para Penna (1949), não impediu que o educador realizasse duas conferências e entrasse em contato com alguns educadores brasileiros, entre eles: Lourenço Filho, grande difusor das obras e ideias de Claparède, Mário Casassanta, Francisco Venâncio Filho e outros. Nessa viagem também estava marcado um encontro com a pesquisadora russa, radicada no Brasil, Helena Antipoff no Estado de Minas Gerais. Antipoff havia sido uma das melhores

alunas de Claparède na Suíça. A relação entre ambos será objeto de atenção em nossa pesquisa, pois Antipoff obteve grande destaque no campo educacional brasileiro e também foi uma das responsáveis pela difusão das ideias de Claparède no país.

Lendo as cartas de Antipoff a Claparède nota-se que a autora foi grande entusiasta da visita de seu *patron*, ao Brasil. O autor que durante muitos anos pedia por sua volta à Genebra, já havia recebido outros convites do governo brasileiro, mas acaba por aceitar o convite graças aos argumentos da ex-assistente e professora no Instituto Jean-Jacques Rousseau, com argumentos que tratavam do amor que os brasileiros tinham de sua obra, além do fato de seu livro ter tido grande vendagem fazendo do autor uma celebridade entre os brasileiros (ANTIPOFF, 2010).

No ano de 1931, foi publicada em Portugal, uma tradução de Claparède: *Como diagnosticar as aptidões dos escolares*. Enquanto isso acontecia em São Paulo a Reforma Lourenço Filho e em 1932 foi publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova sob o título de: *A reconstrução educacional no Brasil*: dirigido ao governo e ao povo.

Ainda nos últimos anos de sua vida Claparède trabalhava na Universidade, no seu Instituto, escrevendo para os *Archives de Psychologie*. Também se ocupava com a saúde do filho Jean-Louis, doente desde 1934, que falece em 1937.

Em 1939, colaborou com o artigo “*De l’intelligence animale à l’intelligence humaine*” que fez parte do livro: *Le mystère animal*. No ano de 1940, o educador ainda escreveu para os jornais e revistas genebrinos. Aos 29 de setembro

de 1940, após muito contribuir para a Educação e para Psicologia, Claparède faleceu aos 67 anos de idade.

Temos assim, a imagem de Claparède após sua morte no Brasil. Da exposição que fizemos sobre a autobiografia do autor podemos destacar alguns aspectos mais importantes: a posição acadêmica e familiar do autor; o próprio movimento do autor em escrever suas memórias. Do ponto de vista dos brasileiros a matéria representada na Europa ganha novos matizes. No capítulo a seguir analisamos as últimas obras do autor publicadas no Brasil.

CAPÍTULO 5

PSICOLOGIA DA CRIANÇA E INVENÇÃO DIRIGIDA

Neste capítulo apresentamos o livro *Psicologia da criança e pedagogia experimental*: introdução, histórico, problemas, métodos, desenvolvimento mental, e suas edições, e o livro *Invenção Dirigida*. Aliando-se à última edição de *Escola sob medida*: incluindo um estudo da autoria de JEAN PIAGET (1973) formaria um núcleo com identidade mineira, embora este último tenha sido publicado no Rio de Janeiro/RJ, a influência de Antipoff é notável.

5.1 PSICOLOGIA DA CRIANÇA E PEDAGOGIA EXPERIMENTAL

Psicologia da criança e pedagogia experimental foi o terceiro livro de Claparède publicado no Brasil, saído em 1934 em plena efervescência da recente visita do autor.

O livro comporta o curso que Claparède ministrou em Belo Horizonte, mas não era propriamente uma novidade. Psicologia da criança e pedagogia experimental já era um sucesso mundial, publicado em dez idiomas – romeno, espanhol, russo, turco, alemão, italiano, inglês, húngaro, polaco, tcheco – e já estava em sua 11ª edição no idioma francês.

O livro saiu pela *Imprensa Oficial*, em Belo Horizonte, na primeira edição (1934); em seguida (1940) em edição revisada pela editora *Francisco Alves*, tendo como bases Rio de Janeiro/RJ, Belo Horizonte/MG e São Paulo/SP. Em 1956 o livro é republicado, na Coleção Didática do Brasil, série “Normal”, vol. 18, pela Editora do Brasil.

Os exemplares que analisamos (1934 e 1940) foram encontrados em lojas virtuais. No acervo antigo da Escola Normal de Piracicaba encontramos uma versão espanhola de *Psicologia da criança*.

Tomamos aqui a segunda edição, publicado em formato brochura capa dura (23,9 x 17 x 5 cm), totalizando 576 folhas divididas em 4 capítulos e apêndice, que seguem a estrutura apontada no subtítulo: capítulos com introdução, histórico, problemas, métodos, e nos apêndices: desenvolvimento mental. O exemplar está numerado em 313.

As edições não possuem orelhas ou notas dos tradutores. Há promoção dos livros do tradutor na edição da Francisco Alves, e uma única propaganda na contracapa da terceira edição, referente à Coleção Didática do Brasil, em rodapé, informa que trata-se de uma Série Colegial e o preço do volume Cr\$ 120,00. Nesta terceira edição o tamanho diminui (21,1 x 14 x 2,8 cm), assim como a espessura do papel, e passa a contar com 542 páginas, esta edição possui a numeração de exemplar de 1496. A capa é simples, uma capa dura vermelha com escritos dourados. Lê-se o nome do autor, aporuguesado, Eduardo, o título resumido *Psicologia da criança* e nome da editora.

A tradução desta obra ficou a cargo de Aires Mata Machado Filho e Turiano Pereira e conta com prefácio de Helena Antipoff, assinado em Belo Horizonte em 1933, e prólogo de Claparède assinado em Genebra em 1915.

Na terceira edição (1956), também capa dura, mas com lombada escura e capa cor de papel, consta o nome, Eduardo, o título estendido, com *Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental*, em duas linhas em destaque, e nome da editora na parte de baixo. Pequeno, abaixo do título, está o nome dos tradutores e ao centro

entre parêntesis, há a indicação de leitores “para as cadeiras de curso pedagógico dos Institutos de Educação do Brasil”.

No verso da primeira folha da edição da *Francisco Alves*, com título do livro, a editora promove livros de Aires da Mata Machado Filho: Educação dos cegos no Brasil; Escrever Certo; e Ortografia oficial. Em seguida está publicada uma foto do “Dr. Eduardo Claparède”, de perfil, com os braços cruzados, usando terno.

A página de rosto informa a titulação de Claparède, Professor de Psicologia da Universidade de Genebra. O título por completo, o fato de ser uma segunda edição revista e com 44 figuras (esquemas e gráficos feitos pelo autor). Também informa do prefácio de Antipoff, professora de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte e informações da editora.

A reedição impressa pela Editora do Brasil em 1956 mantém a estrutura do número anterior e repete o prefácio da primeira edição feito por Antipoff e o prólogo de Claparède. No texto inicial Claparède informa a origem do texto: “uma série de artigos de jornais e revistas, reunidos em uma brochura [...]” (CLAPARÈDE, 1956, p.19).

O prefácio desta obra de 1940, feito por Antipoff, é veiculado como uma apropriação *autorizada* da biografia de Claparède. Helena Antipoff toma este prefácio como uma oportunidade de homenagear seu antigo mestre e amigo. Nesse texto temos um resumo do texto biográfico do autor, que só viria a ser publicado muito mais tarde no Brasil:

Esta publicação se me afigura uma espécie de homenagem prestada a Claparède, que o Brasil conhece muito bem através de toda a sua obra, a qual ele quer difundir ainda mais e introduzir nas mais modestas bibliotecas pedagógicas dos quatro cantos do vasto país. (ANTIPOFF, 1940, p.vii).

Nesta homenagem, Antipoff começa discordando do mestre. Acusando-o de excessivamente modesto quando diz que produziu pouco em condições tão favoráveis. Para a autora condições materiais ruins são mais favoráveis ao dinamismo do pensamento e à produção artística. Em segundo ponto, sobre a produção do autor, em torno de 3.000 páginas de extensão, ainda que pequena ela tem teor e irradiação muito maiores.

Ela reforça seu espírito aberto a todos os domínios da atividade humana “possuindo uma autêntica curiosidade de sábio.” (ANTIPOFF, 1940, p.viii). E relembra fatos de sua vida acadêmica, como seus primeiros estudos sobre o sono ainda como estudante de medicina. Relembra as origens do termo *escola sob medida* em 1901, como a formulação, nesta expressão, do “princípio essencial da educação moderna”. (ANTIPOFF, 1940, xi). Termos em que ela trata o autor, repetindo a frase do primo Flournoy dotado “clareza e a polidez do sábio” e conclui:

O estilo de Claparède merece atenção especial. Nenhuma prolixidade, frases curtas, nas quais dificilmente se poderia suprimir uma palavra supérflua, sem sacrificar o sentido; ao mesmo tempo, o seu estilo é leve elegante, finamente amenizado por esta ou aquela imagem, realçado por esta ou aquela metáfora original, ávido por um trocadilho chistoso. (ANTIPOFF, 1940, xiii).

A autora escreve sobre a importância da obra que se publicava, não um manual para ela “êsses tratados são, às mais das vezes, completamente inúteis”, mas nasce da tentativa de mostrar múltiplas vias dos caminhos teóricos e práticos para se abordar a psicologia da criança. Ideias estas, fortemente preocupadas com a criança, frutos de dedicação ao Instituto Jean-Jacques Rousseau:

O Instituto, criado por Claparède, dirigido por Pierre Bovet e contando com a colaboração, no começo principalmente, de homens como Ferrière, Dr. Godin, Mlle Descoeurdes, Audemars, Lafendel,

Mme. Artus e mais tarde, Walter, Piaget, Meili e tantos outros obreiros e mestres das ciências da educação, gozou de altíssima reputação e serviu de centro para os educadores do mundo inteiro e de núcleo irradiador dos princípios e dos métodos da escola ativa. O ano passado, o Instituto celebrou seus vinte anos, entrando assim em franca maioria. (ANTIPOFF, 1940, xiv).

A autora conclui com uma última apreciação sobre o mestre: “desejamos que a esperança de nosso caro Mestre, êsse homem de coração, se realize e que o seu livro, que o leitor brasileiro vai ler na própria língua, possa contribuir para a obra de reconstrução imposta a todos os povos hodiernos.” (ANTIPOFF, 1940, xvii).

5.2 INVENÇÃO DIRIGIDA

O último livro que analisamos para este tese é *Invenção dirigida*, saído em 1973 comemorando o centenário do nascimento do autor. Foi publicado pela Faculdade de Educação da UFMG em Belo Horizonte.

Trata-se de uma pequena brochura de 66 páginas traduzida por Alaíde Lisboa de Oliveira. O primeiro texto originado inteiramente de uma Universidade pública, tem peculiaridades diferentes daquelas que analisamos nas grandes coleções ou mesmo nas menores. Edição mais simples, menos recursos para capas, e diagramação, sem orelhas.

Neste texto destacam-se a apresentação do texto, na verdade uma sugestiva “Evocação de Claparède” feita pelo diretor da Faculdade de Educação da UFMG, prof. Euclides Pereira Mendonça e introdução feita pela tradutora.

O exemplar que analisamos também foi encontrado em loja virtual na *internet* e está publicado em formato brochura (24 x 15,7 x 0,5 cm), as 66 folhas são divididas em 2 capítulos: *A direção da invenção* e *Como a invenção se processa*, mais bibliografia do autor, organizada por Lucy Gonçalves Fontes ao final. A parte

da bibliografia soma 23 páginas. Não existem propagandas. E o exemplar é numerado: 583.

A capa possui nome do autor ao alto, título, foto do autor, e data de 1873-1973 rememorando o centenário de nascimento do autor.

Na introdução de Alaíde Lisboa de Oliveira, a então coordenadora do curso de Pós-Graduação da F.E. da UFMG, em breves duas páginas, remete à atualidade das ideias de Claparède nos temas que o livro aborda, especificamente a criatividade. Ateremo-nos à evocação feita por Mendonça, que nos ajudam a pensar o momento da imagem de Claparède no Brasil, como das críticas por que a educação nova passava. Também ajudam a pensar o porquê de comemorar e homenagear Claparède em seu centenário e as reformas que se empreendiam no país:

A riqueza de suas contribuições para a fundamentação científica e o progresso da Educação; a importância e atualidade de sua obra; sua presença inspiradora na raiz dos movimentos em prol de uma reformulação da Escola; seu extraordinário perfil humano, exemplificação viva da figura do Educador; um vínculo distante que, de certo modo, o situa nas origens remotas de nossa Faculdade.

A Evocação de Mendonça comenta também a visita de Claparède à Belo Horizonte nos anos de 1930, das audiências no Teatro Municipal e as aulas ministradas na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico de Minas Gerais. Mendonça faz o registro dos presentes nos eventos que Claparède ministrou, professores e ex-alunos dessa Escola, discípulos e ouvintes de Claparède que mais tarde fundariam os Cursos de Pedagogia e Didática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG.

Mendonça conta da origem do texto, publicado inicialmente em evento em Paris, no ano de 1937 e elogia Claparède: “homenagear Claparède há de ser,

também, evocar sua figura humana, seu inconfundível perfil de mestre e educador.” (MENDONÇA, 1973, p.6). Para Mendonça aquele momento era oportuno para refletirem sobre a vida e obra de Claparède, ele assinala ser o período em que a Educação é valorizada sem precedentes, de expansão e aperfeiçoamento do ensino, etc., se aquele não era na verdade um momento de profunda crise da educação:

[...] no momento em que a sociedade concede abertura inusitada à vaga reformista e se acatam, sem maiores resistências, as proposições e postulados de psicólogos, sociólogos, antropólogos e economistas que incursionam na área da educação [...] precisamente neste momento de dinamismo renovador é que a Educação registra, talvez, a mais desconcertante e aguda crise de sua história? (MENDONÇA, 1973, p.7).

Para o autor, gerações daquele momento eram fruto, em parte, da educação nova e científica, de “[...] escolas já bastante arejadas pelos ventos da renovação pedagógica.” (MENDONÇA, 1973, p.7).

E volta a questionar:

estariamos diante do fracasso de respeitáveis correntes que teriam pretendido reduzir a educação a um ramo da psicologia aplicada, cuidando ser possível consumir sua prática na mera aplicação mecânica dos chamados princípios científicos? (MENDONÇA, 1973, p.8).

Para o autor, a evocação de Claparède suscita a pergunta, se “educação é ciência, técnica ou arte, é tudo isso ou algo mais?” para Antipoff era algo mais, comenta Mendonça, “sua incomparável obra era o exemplo de todos os dias” (MENDONÇA, 1973, p.8-9).

Para as edições de Psicologia da criança (1934; 1940; 1956), diferente do que fizemos nas editadas por Lourenço Filho e Damasco Penna, não abordamos os

autores citados no livro todo, pois não há notas e inserções dos tradutores. A forma de apropriar resultou diferente. Destacam-se os prefácios, os políticos que rodeiam os textos e eventos que citam, e divulga-se uma imagem mais afetiva de Claparède. Em *Invenção dirigida* temos o primeiro livro saído de dentro de uma Universidade Pública, uma brochura da UFMG. A linguagem acadêmica configura uma tradução diferente, sem muitas notas e inserções e com saudações ao centenário do professor Claparède nos prefácios.

Neste momento a imagem de Claparède é vivificada para intuídos reformistas do governo federal, nesta mudança sua representação é a de um homem exemplar, polido, simples, grande mestre, homem de coração e amigo dos grandes professores brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo de analisar as apropriações e representações de Édouard Claparède no Brasil a partir dos seus livros publicados no país entre os anos de 1928 a 1973 está exposto nestas páginas. As apropriações e representações do médico e psicólogo suíço Édouard Claparède tiveram feições matizadas e diferentes em cada período e regiões do país.

Apresentamos as análises das obras do autor suíço, entremeadas por cartas, textos, documentos, etc., com fins ao entendimento dos modos como Claparède foi apropriado pelos editores e brasileiros e como optaram por colocarem seus textos no mercado. As apropriações e representações do autor no Brasil são resultantes dos rituais empreendidos por editores, tradutores e escritores locais.

Um detalhe importante, além dos nativos envolvidos na tradução do autor no país, Claparède contou com Antipoff, uma estrangeira que se radica no Brasil e passa a colaborar com as apropriações do autor, uma colaboradora que rapidamente ganha um status privilegiado, por ser sua ex-aluna e protegida.

De nossos objetivos específicos buscamos compreender a circulação de suas obras promovidas por diferentes editoras e grupos em seus Estados; e analisar as inclusões – principalmente as modificações editoriais – feitas no Brasil.

Neste caminho, tomamos como exemplares a atuação de três educadores, Lourenço Filho, Damasco Penna e Helena Antipoff. Cada um fez a seu modo a operativa de ritualizar a entradas das obras de Claparède. Lourenço Filho em um intuito declarado de propaganda sistematiza um pequeno exemplar em que se faz sentir sua presença, de não um simples tradutor, mas de editor. Damasco Penna, ex-aluno de Lourenço Filho, leva adiante as técnicas de seu mestre, age

quase como um artista no melhoramento da obra de Claparède e não esconde isso. Antipoff que está próxima às obras do autor desde a década de 1930 torna-se uma autoridade no assunto Claparède, reproduzindo suas experiências em terras brasileiras e sendo chamada a contar as histórias do antigo mestre. Neste ponto a acaba por mudar o sentido de Claparède, de acadêmico aguerrido, responsável por debates teóricos intensos na Europa, passa a senhor benevolente e carismático.

Mudando o escopo do conceito de estrangeiro indígena manejado por Popkewitz explorado as ritualizações feitas pelo editores e tradutores locais e pudemos comprovar no conteúdo, nas formas das obras e mesmo numericamente as alterações efetuadas nos rituais editoriais demonstrando os interesses dos editores e suas estratégias.

Assim, podemos afirmar que a constituição da imagem de Claparède é a mediada por diferentes amalgamações de rituais feitos por Lourenço Filho, Damasco Penna e Helena Antipoff. Tais autores apoiaram a constituição, a representação, apropriaram-se da imagem de Claparède no Brasil, o ritualizaram e constituíram um Claparède de certo modo brasileiro. Não precisamos andar muito por Genebra para entender que há um espanto geral com o interesse dos latinos pelo autor.

Percorremos, principalmente, os livros publicados pelo autor no Brasil, 5 em pelo menos 12 reedições, e cartas trocadas entre o autor e educadores brasileiros. Para cada obra definimos uma forma de abordar o que gerou este texto de formato pouco comum, cada capítulo tem sua dinâmica. A descoberta de cada fonte, em cada tempo, nos levou a isso. Alguns dos livros analisados foram encontrados somente em Lisboa ou Genebra e no retorno ao Brasil, em um último esforço pudemos digitalizá-los. Em parte das obras a atuação dos editores e tradutores era mais visível, permitiram a soma de menções, outras mais sutis.

Em dois momentos iniciais trazemos análises intensivas quantitativas dos livros mais emblemáticos do autor nas décadas de 1920 a 1950. Concluímos com as representações biográficas constituídas após a década de 1950 até os dias atuais.

Os resultados atestam a importância ritualística feita por caciques da educação brasileira, a saber, Lourenço Filho, Damasco Penna e mais tarde Helena Antipoff. Também fica registrada a trajetória acadêmica de Claparède pelo Brasil, e as formas que ele operava.

Entendemos que os motivos que são próprios dos tradutores, editores e público, tiveram um peso fundamental no sucesso de suas traduções em cada país. Assim, mostramos, via ritual editorial, que na materialidade da obra constituída, as mudanças elaboradas pelos editores e tradutores em cada livro, ficam marcadas as autorias de cada um.

Neste trabalho também conseguimos apreender alguns movimentos importantes do mercado editorial: a visão aguçada de Damasco Penna ao perceber que Claparède estava perdendo a força. Em contraposição, nas décadas que se seguiram à morte de Claparède foram os anos em que o governo brasileiro mais o acolhe. A exceção para os mineiros, seu grupo manteve-se com Claparède, Antipoff reproduz boa parte de suas práticas e caminha como sua representante maior nos trópicos.

Claparède que inicialmente dá força ao nome de Piaget, com o passar dos anos, sua imagem passa a se alimentar da imagem do seu aluno. Suas ideias parecem perder força justamente quando se institucionaliza. Ao captar estes movimentos, nós tangenciamos caminhos de um acadêmico.

Do mesmo modo pudemos compreender como os editores/tradutores agiam como caciques, como pajés, como artistas modernistas não declarados de

forma a tomar para si os textos e criarem obras novas. Não apenas envelopavam as obras, dando capas modernas a conteúdos antigos, seria como apenas cobri-lo de penas e enfeitá-lo como se fazem com turistas, outros levavam o ritual de apropriação a fundo, o perfumavam, o alimentavam para comê-lo. Claparède ritualizado é tornado brasileiro.

REFERÊNCIAS

ANTIPOFF, Helena. Prefácio. **Psicologia da criança e pedagogia experimental: introdução, histórico, problemas, métodos, desenvolvimento mental**. 2. ed. Trad. Aires Mata Machado Filho e Turiano Pereira. Rio de Janeiro/RJ; São Paulo; Belo Horizonte/MG: Francisco Alves, 1940.

_____. In: RUCHAT, Martine (Org.). **Edouard Claparede, Helene Antipoff: correspondance**. (1914-1940). Genebra: Leo S. Olschki Editore, 2010, XLII-258 pp.169.

ARCE, Alessandra. **A Pedagogia na 'Era das Revoluções'**: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas - SP: Autores Associados, 2002.

_____; SIMÃO, R. A pedagogia experimental e a psicologia da criança de Eduard Claparede. Revista HISTEDBR On-line, v. 28, p. 38-56, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaín. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-191.

_____. **Algumas propriedades dos campos**: questões de sociologia, Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983, p.89-94.

BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, Peter; PO-CHIA HSIA, R. (Orgs.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CAMPOS, Regina Helena Freitas. Sources: The UFMG archives of the history of psychology in Brazil. **History of Psychology**, v. 13, p. 201-205, 2010.

_____. NASSIF, Lílian Erichsen. Édouard Claparède (1873-1940): interesse, afetividade e inteligência na concepção da Psicologia Funcional. **Memorandum** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, MG, v. 9, p. 91-104, 2005.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Livros e revistas para professores: configuração material do impresso e circulação internacional de modelos pedagógicos. In: PINTASSILGO, Joaquim (Org.). **História da Escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais**. Lisboa: Edições Colibri, 2006, pp. 141-173.

_____. O Manifesto e a Liga Internacional pela Educação Nova. In: XAVIER, Maria do Carmo (Org.). **Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara (Orgs.) **Práticas educativas culturais escolares profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHAKUR, C. R. S. L.; SILVA, Rita de Cassia da; MASSABNI, Vânia Galindo. O Construtivismo no Ensino Fundamental: um caso de desconstrução. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu. Sociedade, Democracia e Educação, 2004. p. 1-18.

CLAPARÈDE, Édouard. *A Escola sob medida*: incluindo um estudo da autoria de Piaget. E estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina, por JEAN

PIAGET - LUIS MEYLAN - PIERRE BOVET. 3. ed. Trad. Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão prof. Zélio dos Santos Jota Rio de Janeiro/RJ: Fundo de Cultura, 1973.

_____. **Invenção dirigida:** o mecanismo psicológico da invenção. Tradução de A. L. Oliveira. Belo Horizonte/MG: Faculdade de Educação da UFMG, 1973.

_____. **Escola sob medida:** e estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina. 2. ed. Trad. Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão Zélio dos Santos Jotha. Rio de Janeiro/RJ: Fundo de Cultura, 1961

_____; PIAGET, J; MEYLAN, L; BOVET, P. **A escola sob medida e estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina, por Jean Piaget - Louis Meylan - Pierre Bovet.** Tradução de M. L. Cirado Silva. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959. 207p.

_____. **Psicologia da criança e pedagogia experimental:** introdução, histórico, problemas, métodos, desenvolvimento mental. 3. ed. rev. Tradução de Aires Mata Machado Filho e Turiano Pereira. São Paulo/SP: Editora do Brasil, 1956.

_____. **A educação funcional:** tradução nova e notas de J.B. Damasco Penna. 4. ed. Trad. Damasco Penna, J.B. São Paulo/SP: Companhia Editora Nacional, 1954.

_____. **A educação funcional.** 3, ed. Trad. Damasco Penna, J.B. São Paulo/SP: Companhia Editora Nacional, 1950.

_____. **A educação funcional:** tradução nova e notas de J.B. Damasco Penna . 2. ed. Trad. Damasco Penna, J.B. São Paulo/SP; Rio de Janeiro/RJ; Recife/PE; Porto Alegre/RS: Companhia Editora Nacional, 1940.

_____. **Psicologia da criança e pedagogia experimental:** introdução, historico, problemas, metodos, desenvolvimento mental. 2. ed. rev. Trad. Aires Mata Machado Filho e Turiano Pereira. Rio de Janeiro/RJ; São Paulo; Belo Horizonte/MG: Francisco Alves,1940.

_____. **Psicologia da criança e pedagogia experimental:** introdução, histórico, problemas, métodos, desenvolvimento mental. Tradução de A. Mata Machado Filho e T. Pereira. 11. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1934.

CLAPARÈDE, Édouard. **A educação funcional.** (Trad. Jayme Grabois). São Paulo/SP: Companhia Editora Nacional, 1933, 254p.

_____. **Como diagnosticar as aptidões dos escolares.** Tradução António Leal Júnior. Porto: Educação Nacional, 1931.

_____. **A escola e a psicologia experimental.** Trad. de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183.191.

HAMELINE, Daniel; Édouard Claparède. The quarterly review of comparative education (Paris, UNESCO: International Bureau of Education), vol. XXIII, no. 1/2.

_____; PETRAGLIA, Izabel, DIAS, Elaine T. Dalmas (Orgs.). **Édouard Claparède.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (Orgs.). **História dos conceitos: debates e perspectivas.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/ Ed.Loyola/IUPERJ, 2006. 174 p.

MENDONÇA, Euclides Pereira. “Evocação de Claparède”. In: CLAPARÈDE, Édouard. **Invenção dirigida:** o mecanismo psicológico da invenção. Tradução de A. L. Oliveira. Belo Horizonte/MG: Faculdade de Educação da UFMG, 1973.

NASSIF, Lílian Erichsen. **O conceito de interesse na Psicologia Funcional de Edouard Claparède**: da chave biológica à interpretação interacionista da vida mental. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

_____; CAMPOS, R.H.F. Édouard Claparède (1873-1940): interesse, afetividade e inteligência na concepção da Psicologia Funcional. **Memorandum** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, MG, v. 9, p. 91-104, 2005.

OLIVEIRA, Priscila Marília de. **A concepção de criança e desenvolvimento infantil e a Coleção Biblioteca de Educação**: uma análise das obras escritas pelos psicólogos funcionalistas franco-genebrinos e por Lourenço Filho. 2009. Dissertação (Mestrado), 2009.

POPKEWITZ, Thomas S. **Inventing the modern self and John Dewey**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

RAFANTE, Heulália Charalo. Helena Antipoff, as Sociedades Pestalozzi e a Educação Especial no Brasil. Tese (Doutorado) – UFSCAR, São Carlos, 2011.

ROSSELLÓ, Pedro. **Historical note on the IBE (1934-1977)**. IBE, s.d.

RUCHAT, Martine (Org.). **Edouard Claparede, Helene Antipoff**: correspondence. (1914-1940). Genebra: Leo S. Olschki Editore, 2010, XLII-258 pp.

_____. A Escola de Psicologia de Genebra em Belo Horizonte: um estudo por meio da correspondência entre Édouard Claparède e Hélène Antipoff (1915-1940), **Revista Brasileira de História da Educação**, v.8, n.2, 2008.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas**: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981). Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

TROMBETTA, Carlo. **Edouard Claparède psicólogo**. Roma: A. Armando, 1989.

VALLE, Valderez Alvares de Freitas. Prefácio. In: CLAPARÈDE, Édouard. **A Escola sob medida**: incluindo um estudo da autoria de Piaget. 3. ed. Trad. Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão prof. Zélio dos Santos Jota. Rio de Janeiro/RJ: Fundo de Cultura, 1973.

SILVA, Emerson Correia da. **A constituição do campo de formação de professores**: o caso da Escola Normal de São Carlos (1911-1920). Marília/SP, 2009. Dissertação de mestrado.

_____. **O professor ideal em Excelsior! (1911-1916)**: a revista dos alunos da escola normal de São Carlos. São Carlos/SP: Rima Editora, 2007.

APÊNDICE A – LIVRO: A ESCOLA E A PSYCHOLOGIA EXPERIMENTAL. 1928:

TODOS OS AUTORES

Quantidade de menções, todos autores:

Menções - todos	
Nome	Quant.
Claparède, E.	41
Binet	8
Dewey, John	7
Piéron, Henry	7
Decroly	6
James, William	5
Duhem	4
Flournoy, Th.	4
Brunot	3
Galton	3
Hall, Stanley	3
Lourenço Filho, M.B.	3
Neumann, G.	3
Rousseau, J.J.	3
Schmid	3
Simon	3
Baden-Powell	2
Biervliet, Van	2
Borst	2
Boutrox	2
Chabot	2
Ferrière, Adolphe	2
Groos, Karl	2
Heck	2
Herbart	2
Irving King	2
Katzaroff	2
Kerschensteiner	2
Larguier des Bancelis	2
Moed, W.	2
O' Shea	2
Pithard, Th.	2
Sleight	2
Thorndike	2

Tomson, W.	2
Appleton	1
Ayres	1
Bauldrillart	1
Betts	1
Briod	1
Carr	1
Courtis	1
Cross	1
Déjerine	1
Dória, A. Sampaio	1
Downey	1
Dubois	1
Durkheim, E.	1
Escobar, José	1
Fanciulli	1
Fiske	1
Fontègne, V.J.	1
Froebel	1
Geenen, Henrique	1
Giese	1
Goddard	1
Godsey	1
Habrich	1
Hecker	1
Heller	1
Herrero	1
Jost	1
Kiel	1
Lorenz, Zeitsch	1
Luzuriaga, L.	1
Mallart, J.	1
Mayer	1
Millioud	1
Molière	1
Montaigne	1
Müller, G.E.	1
Payot	1
Pearson	1
Pestalozzi	1
Piaget, J.	1
Platão	1
Proença, A.F.	1
Rabelais	1

Ribot	1
Rosselló	1
Roussel	1
Ruch-Popenoe	1
Russ-Crosmann	1
Ruttman	1
Schmidt	1
Sickinger	1
Steffens	1
Stratchan	1
Thorndike	1
Toledo, João de	1
Truper	1
Tschudi, R.	1
Vineland	1
Wallin	1
Walther, Léon	1
Weichardt	1
White	1
Wilkins	1
TOTAL	207

**APÊNDICE B – LIVRO: A ESCOLA E A PSYCHOLOGIA EXPERIMENTAL, 1928:
CITADOS POR CLAPARÈDE**

Autores mencionados por Claparède:

Menções - autor - Claparède	
Autor Citado	Quant.
Claparède, E.	12
Binet	6
Dewey, John	6
Decroly	4
Duhem	4
James, William	4
Brunot	3
Galton	3
Neumann, G.	3
Rousseau, J.J.	3
Schmid	3
Baden-Powell	2
Biervliet, Van	2
Borst	2
Boutrox	2
Chabot	2
Ferrière, Adolphe	2
Flournoy, Th.	2
Hall, Stanley	2
Heck	2
Irving King	2
Katzaroff	2
Kerschensteiner	2
Larguier des Bancelis	2
Moed, W.	2
O' Shea	2
Pithard, Th.	2
Simon	2
Sleight	2
Thorndike	2
Tomson, W.	2
Bauldrillart	1
Betts	1
Froebel	1
Giese	1

Groos, Karl	1
Habrich	1
Hecker	1
Herbart	1
Herrero	1
Jost	1
Kiel	1
Lorenz, Zeitsch	1
Luzuriaga, L.	1
Mallart, J.	1
Mayer	1
Millioud	1
Molière	1
Montaigne	1
Müller, G.E.	1
Pearson	1
Pestalozzi	1
Piaget, J.	1
Piéron, Henry	1
Rabelais	1
Ribot	1
Rosselló	1
Roussel	1
Schmidt	1
Steffens	1
Tschudi, R.	1
Weichardt	1
Total	122

APÊNDICE C – RELAÇÃO DAS CARTAS

Nova Iorque, 29 de dezembro de 1902. William James.

Paris, 30 de abril de 1906. Alfred Binet

Paris, 22 de julho de 1906. Alfred Binet.

23 de outubro de 1907. Carl Jung.

Lausanne, 29 de janeiro de 1909. Antonio Joaquim Ferreira - Instituto Português
Solicitude.

São Paulo, 10 de agosto de 1910 – Alcântara Machado.

Nova Iorque, 25 de Abril de 1911. John Dewey.

Nova Iorque, 7 de outubro de 1913. John Dewey.

17/__/1923. Ferrière.

Santiago de Cuba, 6 de março de 1923. Daniel Serra Navas.

Belo Horizonte, 9 e 11 de abril de 1924. Leon Walther.

Nova Iorque, 3 de junho de 1925. Lewis M. Terman.

Rio de Janeiro, 1 de julho de 1925. Laura Lacombe.

Lisboa, 14 de janeiro de 1926. Faria Vasconcelos.

São Paulo, 28 de março de 1927. Lourenço Filho.

Genebra, 11 e 27 de novembro de 1929. Claparède para Fundação Rockefeller
(Nova Iorque).

Nova Iorque, 13 de fevereiro de 1930. Charles Cole (Fundação Rockefeller)

Zurique, 9 de maio de 1930. Carrard para Walther.

Juiz de Fora (MG), 28 de dezembro de 1929. Francisco Lins.

Lausanne, 1 de fevereiro de 1930. Francisco Lins.

Paris, 7 de junho de 1930. Francisco Lins.

Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1930. Laura Lacombe.

27 de outubro de 1930. [documento]

23 de julho de 1931. Claparède ao Ministro (embaixador) da Suíça no Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1932. Lourenço Filho.

Genebra, 9 de fevereiro de 1932. Claparède. [resposta à Lourenço Filho].

Genebra, 25 de fevereiro de 1932. Claparède.

Genebra, 22 de julho de 1937. Claparède a Damasco Penna.